FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | QUINTA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 1967 | ANO 46.º — NÚMERO 15 898

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ

NORTON DE MATOS

Norton de Matos, cujo centenário de nascimento hoje se celebra, foi soldado, chefe militar, colonial, administrador no Ultramar, político e diplomata sem que, em qualquer dessas funções, deixasse de afirmar raros dotes de inteligência e dignificante competência que o singularizaram para fazer dele uma das mais complexas e ilustres figuras da sua época. Dele pode dizer-se, com razão, que honrou os cargos que lhe foram confiados ao longo de uma carreira não isenta de penosas vicissitudes, mas que, decorrido um século sobre a data em que nasceu, está consagrada pelo apreço de admiradores e adversários. Nela avultam dois aspectos que o identificam com o destino da Nação em fases críticas da sua História. Poucos poderão invocar os títulos de inteligência, trabalho e visão que distinguiram a sua obra ou se lhe avantajaram

(Continua na página seguinte)

ANGOLA

EVOCOU HOJE A FIGURA E A OBRA DE NORTON DE MATOS

NOVA LISBOA, 23 — (L.) — Tiveram esta manhã começo as comemorações do primeiro centenário do nascimento de Norton de Matos, fundador da cidade de Nova Lisboa.

A abertura oficial das comemorações foi anunciada ás 8 horas com uma salva de 21 morteiros. A's 9 horas a cidade foi sobrevoada por aviões do Aero-Clube do Huambo, os quais lançaram vinte mil exemplares da «Exortação aos Novos», escrita por Norton de Matos, quando alto comissário de Angola.

Eram 10 horas quando nova salva de 21 morteiros foi disparada, enquanto o orfeão e a banda da Casa dos Rapazes executavam o hino nacional. Perante grande multidão, concentrada junto do monumento do fundador da cidade, ao qual prestavam guarda de honra representações dos três ramos das Forças Armadas, abriu os discursos o presidente da Camara, tendo-se-lhe seguido no uso da palavra um funcionário da época do governo do homenageado, o juiz dr. Fernandes de Freitas e, por ultimo, o estudante Paulo Vasco Coelho.

(Continua na página seguinte)

O secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Leonid Brejnev (ao centro), acolhe Walter Ulbricht, chefe comunista alemão oriental, á chegada deste a Moscovo

Rádio Pequim acusa Moscovo de pretender agravar as relações com a China

PEQUIM, 23 — (F. P.) — «A decisão tomada pelas autoridades soviéticas de expulsar os dois diplomatas da Embaixada da China Popular em Moscovo tem por objectivo agravar as relações entre os dois países e impedir o funcionamento normal da Embaixada» — declarou ontem Rádio Pequim.

Um comentador daquela emissora afirmou em seguida que todas as actividades da Embaixada chinesa eram conformes ás leis internacionais, declarando: «Nunca interviemos nos assuntos internos soviéticos».

«Abaixo o revisionismo soviético moderno», «Viva Mao», e outras exclamações semelhantes ressoaram no aeroporto de Pequim, á chegada dos dois diplomatas expulsos de Moscovo — anuncia a agência Nova China.

Os dois diplomatas foram recebidos por representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

TERMINARAM AS CONVERSAÇÕES ENTRE ULBRICHT E DIRIGENTES RUSSOS

MOSCOVO, 23 — (A.N.I.) — Walter Ulbricht, «leader» da Alemanha Oriental, terminou três dias de reuniões com o chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, com o primeiro-ministro, Alexei Kossyguine, e com outros dirigentes russos.

Embora não tenha havido comunicado sobre as reuniões, julga-se que incidiram sobre as relações da Alemanha Ocidental com o Leste europeu e sobre a posição da China continental em relação ao movimento comunista mundial.

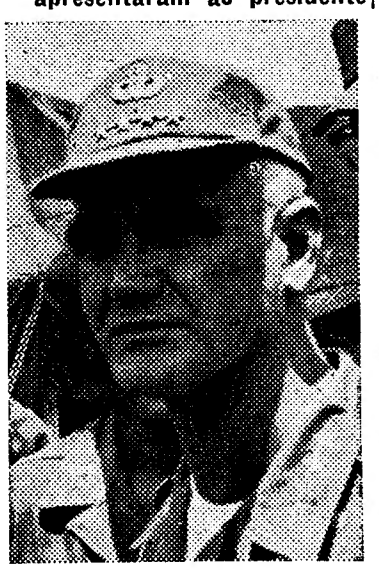
Com esta visita, completou-se a série de conversações bilaterais, em Moscovo e nas capitais de Leste, en-

(Continua na 14.ª página)

A guerra no Vietnam poderá continuar indefinidamente

— segundo um relatório de Westmoreland e Cao Ky apresentado em Guam ao presidente Johnson

WASHINGTON, 23 — (F. P.) — A guerra no Vietnam pode continuar indefinidamente, a menos que a pressão militar force Hanoi a pôr termo á sua agressão contra o Sul. De momento, pelo menos, não existe qualquer indício de que o Norte esteja disposto a viver em paz com Saigão — tal é a impressão geral causada — segundo os meios oficiais americanos — pelo relatório que o general William Westmoreland, comandante das forças dos Estados Unidos no Vietnam, e o primeiro-ministro do Vietnam do Sul, general Cao Ky, apresentaram ao presidente Johnson na conferência de Guam.



Westmoreland: A guerra poderá continuar indefinidamente se a pressão militar não fizer ceder Hanói

Desmente-se de fonte oficial, que o general Westmoreland tenha pedido o envio de substanciais reforços americanos para o sul do Paralelo 17. A questão dos efectivos não foi abordada em Guam — segundo se afirmava ontem em Washington.

Por outro lado, porém, os meios oficiais insistem no facto de a política continuar a ser a mesma que o presidente enunciou em Julho de 1965: Os Estados Unidos satisfarão as necessidades dos seus chefes militares no Vietnam.

O general Westmoreland e o primeiro-ministro Cao Ky insistiram, perante o presidente Johnson, nos pontos seguintes:

1 — Os comunistas sofrem perdas cada vez mais pesadas. Registou-se um aumento de 60 por cento das baixas em relação ao ano anterior.

2 — O inimigo, apesar disso, intensifica o ritmo das operações. Esforça-se por recuperar a iniciativa

(Continua na 14.ª página)

32 PÁGINAS HOJE

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

VISADO PELA CENSURA

O chefe da oposição convidado a formar Governo no Estado de Haryana

CHANDIGARH (União Indiana), 23 — (R.) — O governador do Estado de Haryana convidou hoje o chefe da oposição a formar o novo Governo, devido á queda do Gabinete do Partido do Congresso, ontem ocorrida.

O novo Governo dirigido pelo

(Continua na 14.ª página)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

NO CAMPO DEGAULLISTA

Na nova Assembleia Nacional não há, ao contrário do que acontecia na anterior, uma maioria definida da U. N. R., nem mesmo desta com a U. D. T. Há uma coligação da qual, além daquelas duas formações, fazem parte os Independentes giscardianos, que não são incondicionais do general de Gaulle, e têm raiz diferente, pois provêm dos antigos Independentes, que, sob a chefia de Pinay, formaram a direita tradicional durante alguns anos. As divergências entre a U. N. R. e a U. D. T. são, porém, maiores do que as que separam qualquer dessas formações dos Independentes giscardianos. A U. N. R. representa o degaullismo da direita, e nela enfileiram os beneficiários do regime, mais do que os incondicionais do general, os quais formam um grupo áparte, em que se destacam figuras como Malraux e Mauriac, estranhas à política partidária, e que conservam o culto do general de Gaulle acima das vicissitudes da política. Estas constituem uma Igreja e não um agrupamento, sendo insignificante a sua influência nos acontecimentos.

A derrota de quatro ministros, especialmente Couve de Murville e Pierre Messmer, afectou o moral dos degaullistas. Sendo, o primeiro, ministro dos Negócios Estrangeiros, e, o segundo, da Defesa Nacional, essa derrota, por escassas centenas de votos, é interpretada no estrangeiro como repúdio das bases em que assenta a política externa e militar do general: a independência da França em relação aos Grandes, e a força de combate nuclear. Derrotado por uma personalidade de segundo plano, Frederic Dupont, o ministro dos Negócios Estrangeiros, que com relutância acedeu a candidatar-se, sofreu um desaire que poderia evitar-se, e tem reflexos no chefe do Governo, Pompidou, cuja situação, apesar da confiança pessoal do general de Gaulle, está em risco.

Clay Shaw foi autorizado a sair de Nova Orleans

(Ler na página 14)

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

De ontem para hoje

COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

Há quase 467 anos que os portugueses aportaram as praias do Brasil. Vão completar-se no dia 22 de Abril. Natural é ser dia comemorado como o da Comunidade Luso-Brasileira, já que foi nesse primeiro contacto que ela nasceu. A «Carta de Pêro Vaz de Caminha», ao descrever a confraternização de portugueses da Armada de Pedro Álvares Cabral, constitui também como que o documento autêntico que firma a comunidade antes de todos e quaisquer tratados. O dia da descoberta do Brasil foi celebrado em todas as escolas e repartições publicas portuguesas, em 3 de Maio. Foi esse dia feriado oficial decretado pelo Governo da Republica. E após os tratados de amizade e consulta, de dupla cidadania, de que falta apenas a regulamentação, tanto em Portugal como no Brasil, a comunidade efectiva exigia um dia a ela consagrado. Esse dia será o dia 22 de Abril, data da descoberta do Brasil. Ontem foi apresentada na Assembleia Nacional uma moção nesse sentido pelo deputado dr. J. Soares da Fonseca. Diz o seguinte: «A Assembleia Nacional, profundamente sensibilizada com a decisão unânime da Câmara dos Deputados da Grande Nação Irmã, que é o Brasil, no sentido da instituição do «Dia da Comunidade Luso-Brasileira», resolve: a) Manifestar o seu maior apreço por aquela feliz decisão, irmanando-se inteiramente com os sentimentos profundos que a inspiraram, tanto em atitude de respeito dos laços estreitos da História como em manifestação de clara confiança dos altos destinos do nosso comum futuro; b) Solicitar do Governo que, em identidade com o procedimento do Brasil, institua o dia 22 de Abril como solene «Dia da Comunidade Luso-Brasileira».» Sobre este assunto falaram os deputados Sebastião Ramirez, Henrique Tenreiro e Alberto Henriques de Araujo

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, no Palácio Nacional de Belém, os srs. ministro da Justiça, capitão-de-fragata eng.º hidrógrafo José Augusto Barahona Fernandes e dr. José Augusto Correia de Barros. Recebeu, ainda, o sr. Presidente da Republica, alguns directores da Sociedade de Geografia, que o foram convidar para presidir, no dia 3 de Abril, ás 21 e 30, na sede daquela instituição, á sessão solene de abertura da Semana do Ultramar, na qual o sr. prof. Gonçalves Pereira, director do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, proferirá uma conferência sobre «Portugal no Mundo». O sr. almirante Américo Thomaz aceitou o convite.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreu em combate na província de Moçambique, junto á fronteira norte, o soldado 47691/66, Avelino Joaquim Mestre Mário. O mesmo Serviço comunica ainda que foram dados como desaparecidos em combate, na província da Guiné, os soldados 42462/66, Joaquim Cordeiro da Silva Monteiro, e 51796/66, Miguel Pereira da Costa.

UM MORTO E DOIS FERIDOS

Foi ontem na vila de Alenquer, a que é autêntico presépio virado á estrada nacional e a espenujar-se ao sol. Descia a Calçada Francisco do Carmo, junto ao Externato Damião de Góis, um automóvel conduzido pela sr.ª D. Manuela de Melo da Costa Cabaço, ali moradora. O carro deve ter tido uma avaria mecanica. Atropelados foram D. Henriqueta da Purificação, e os srs. Silvino dos Santos, de 78 anos, e Jacinto Ferreira Gandum, de 56. Faleceu a primeira, e os dois ficaram feridos, o ultimo com gravidade.

MILITARES FALECIDOS NA GUINÉ

Faleceram na província da Guiné, vítimas de doença subita, o primeiro-sargento Raul Evaristo dos Santos Cabrita, filho de Raul dos Santos Cabrita e de Dalila Vieira Evaristo Cabrita, casado com a sr.ª D. Maria Antónia de Almeida Fló dos Santos Cabrita; e, por desastre, o soldado n.º 169420/65, António Marques Lameiras, filho de José Francisco Lameiras e de Gracinda Marques Lucas, natural da freguesia de Teixeira, concelho de Arganil.

NO HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

O dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, foi, ontem, ao serviço de otorrinolaringologia, para verificar a entrada em funcionamento das instalações de audiometria, cujo apetrechamento aquela instituição subsidiou. Visitou demoradamente esse serviço e, depois, o novo edifício, construído na cerca do mesmo hospital, e destinado a receber doentes traumatisados do crânio. Irá dispor de 48 camas para homens e de 42 para senhoras e crianças, e está em fase de acabamento, tendo o equipamento, no valor de 6 mil contos, sido oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

DE REGRESSO

Voltou a Lisboa, após a viagem feita á Alemanha Ocidental, a convite do ministro alemão da Família e Juventude, o sr. ministro das Corporações, dr. Gonçalves de Proença. No aeroporto estavam a recebê-lo numerosos funcionários daquele Ministério. Além dos contactos com as autoridades alemãs ligadas a problemas sociais e de emigração, aquele ministro avistou-se com milhares de trabalhadores portugueses que exercem a sua actividade naquele país. Disse á Imprensa que fora cumulado de gentilezas e, ainda: «Todas as trocas de impressões decorreram no melhor ambiente de cordialidade e entendimento recíproco, sendo-me muito grato transmitir a óptima impressão que por toda a parte me foi comunicada sobre a actuação dos nossos trabalhadores que vivem na Alemanha. Como é sabido, a Alemanha e Portugal celebraram entre si acordos de segurança social e de emigração, e foi consequentemente sobre a forma como esses acordos estão a ser executados que incidiu, de modo especial, a nossa atenção. Quanto aos contactos com os trabalhadores portugueses, estes foram, também, numerosos em várias cidades visitadas, particularmente em Bremen e Hamburgo. Nesta ultima cidade, por exemplo, tive a satisfação de contactar com numerosos dos nossos compatriotas, numa memorável reunião promovida pela Associação dos Portugueses de Hamburgo, onde ouvi afirmações de grande significado para Portugal e Alemanha».

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO Entrada: Rua do Carmo, 98 2.º — Telef. 32 65 15

Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes prótese — As 10 horas
Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas

Entrou em Cascais para desembarcar um clandestino o cargueiro panamiano «Lena»

A ânsia de novos rumos e de novos horizontes, de tomar novos contactos com a vida e tirar dela outros proventos, mantém-se viva no espírito de alguns portugueses.

Mais uma prova desse espírito de aventura se registou agora em Setubal, onde esteve atracado o navio panamiano «Lena» Não permaneceu ali muito tempo mas foi o bastante para que António Manuel Gonçalves Poupinha, de 18 anos, ajudante de bate-chapa, Azinhaga do Moinho Novo das Areias, porta 3, naquela cidade, aproveitasse o momento propício e embarcasse clandestinamente. Sabia que o barco seguia para Manchester e achou que era aquela a cidade ideal para arranjar trabalho. Não foi feliz na tentativa de emigração clandestina e, agora, vai sofrer as penalidades da lei. Foi descoberto ainda o navio navegava próximo da costa portuguesa. O capitão do «Lena» limitou-se a desfazer um pouco o rumo, veio a Cascais e entregou o António Poupinha aos Pilotos da Barra de Lisboa, os quais, por sua vez, o remeteram ás autoridades. Paciência. Ainda não foi desta...

NORTON DE MATOS

(Continuação da página anterior)

no culto do patriotismo militante. Pelas ideias que abraçou sofreu desgostos e transtornos que escurecem algumas páginas da sua biografia de homem público.

O Ultramar foi tema predilecto das suas meditações e, sobretudo, da sua acção. Na Índia e em Angola permaneceu largo tempo, e nesta prestou provas que constituem testemunho definitivo de idoneidade e capacidade realizadora. Pertenceu a uma geração que se dignificou pelos serviços prestados, longe da metrópole, ao serviço de Portugal e legou testemunho da sua tenacidade, coragem e poder criador. Norton de Matos pode comparar-se aos maiores, como militar e administrador. Assistiu à última fase de ocupação ultramarina e dela teve directo conhecimento. Compreendeu que os sacrifícios consentidos para a levar a bom termo seriam inúteis se não fossem aproveitados com tenacidade e rapidez.

Norton de Matos passou parte da sua vida no Ultramar e no estrangeiro. Natural de uma terra encantadora do Norte, que foi berço de figuras eminentes nas letras, nas ciências e na política, descendente de uma família distinta, a sua origem e as raízes que o prendiam ao Minho destinaram-no a uma viaa cómoda na metrópole. Uma vez completado o curso de oficial na Escola do Exército, depois de fazer os preparatórios na Universidade de Coimbra, numa época em que ali estudavam alguns preclaros valores da sua época, a atracção das terras ultramarinas fez-se sentir, como a tantos dos seus contemporaneos, de maneira irresistível. Cerca de vinte anos nelas viveu, metade dos quais na Índia, de que guardava saudosas recordações. estando também em Macau e Angola, onde exerceu os cargos de governador-geral, entre 1912 e 1915, e de alto comissário, entre 1921 e 1924, nas vésperas e em seguida à Grande Guerra. Este pormenor ajuda a compreender a linha de rumo que a si próprio traçou e seguiu, em tempos difíceis, e justifica a sua intervenção militante a favor da entrada de Portugal no conflito de cujo desfecho dependia a nossa sobrevivência.

A leitura das páginas das suas «Memórias» relativas ao assunto, esclarece esses passos da sua carreira, os mais importantes e dignos de atenção de biógrafos e historiadores. Como governador de Angola pressentiu os perigos que a rondavam em 1913, esclarecido pelo que se passara na conferência de Berlim e, anos depois, em 1898, aquando das negociações para a partilha do Ultramar português. «As convenções anglo-alemãs de 1898 e 1913, escreveu ele mais tarde, foram criadoras e mantenedora, a última, da pesada atmosfera cheia de perigos nacionais em que vivi a minha vida de cidadão português de 1898 até ao fim de 1918, e despertaram as admiráveis energias nacionais que tanto concorreram para o progresso das nossas colónias e para a nossa viril intervenção na Grande Guerra».

A obra do governador-geral, que em Angola desempenhou uma missão da maior importancia nas vésperas da guerra, foi ponto de partida para a sua actividade ulterior de político, militar, colonialista e embaixador em Londres. A sua personalidade teve, em todas essas modalidades de acção — pois Norton de Matos foi, acima de tudo, um notabilíssimo homem de acção —, ensejo para se afirmar como português dotado de qualidades de previsão de que poucos podem orgulhar-se. Dessa actividade infatigável ficou recordação que o coloca em lugar cimeiro na galeria dos melhores servidores do interesse nacional neste século. Candidato à Presidência da República em 1949, deixou testemunho do que com ele se passou em duas obras — «Os dois primeiros meses da minha candidatura à Presidência da República» e «Mais quatro meses da minha candidatura à Presidência da República». Das suas arrojadas concepções sobre a unidade da Nação e a política ultramarina há notícia nos trabalhos fundamentais que subscreveu, entre os quais avultam «A Província de Angola», «África Nostra», «A Nação Una» e a quase totalidade das páginas de «Memórias e Trabalhos da Minha Vida», de que apenas foram publicados quatro volumes. A celebração, hoje, do centenário do nascimento de Norton de Matos devia ser motivo de profundo reconhecimento pelo que fez e sincera meditação sobre o exemplo que legou.

PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DIPLOMADOS EM ÉVORA

ÉVORA, 23 — Com a já tradicional solenidade, efectuou-se em Évora a festa das finalistas da Escola de Enfermagem S. João de Deus, de Évora.

Foi o 13.º curso, e nele se diplomaram 26 novas profissionais de enfermagem.

De manhã, na igreja da Misericórdia, celebrou-se missa; e á tarde, no salão de festas dos Bombeiros Voluntários, efectuou-se uma sessão solene, presidida pelo Chefe do Distrito, sr. José Félix Mira.

No decorrer do acto, em que foram distribuídos prémios e os respectivos diplomas ás finalistas, usaram da palavra os srs. dr. Manuel Estanislau Vieira de Barahona, presidente do Conselho Escolar daquele estabelecimento de ensino profissional; dr. Francisco Cruces Fernandes, professor daquela Escola e a monitora-chefe, sr.ª D. Maria Edith de Almeida.

O chefe do distrito encerrou a sessão.

Na referida Escola houve depois um jantar volante oferecido aos convidados.

As visitas do governador de Macau

MACAU, 23 — (L.) — Prosseguindo nas visitas aos estabelecimentos assistenciais, o governador da província, brigadeiro Nobre de Carvalho, visitou a Provedoria de Assistência Publica, onde foi recebido pelo provedor e restantes membros do conselho da Provedoria, inteirando-se de que é de 75 mil o numero de indigentes ali registados, os quais, ao abrigo de uma portaria publicada em Novembro de 1960, beneficiam de assistência médica, hospitalar e farmacêutica, além de subsídios.

O governador visitou igualmente dois blocos residenciais, destinados a classes económicamente débeis e compreendendo 140 fogos, para um total de 800 pessoas, bem como o Centro de Reabilitação de Cegos, as cantinas escolares que fornecem 570 refeições diárias e outros estabelecimentos escolares.

Homem trucidado por um comboio

Hoje, ás 6 e 23, quando um comboio com destino a Vila Franca de Xira passava no antigo apeadeiro das Larangeiras, o seu maquinista avistou, a alguns metros de distância, um homem que atravessava a linha.

Alarmado, apitou várias vezes, mas, como ele não se afastasse, não pôde evitar que a locomotiva o colhesse e o trucidasse.

O corpo do infeliz, cuja identidade se desconhece, foi removido para o Instituto de Medicina Legal, tendo tomado conta da ocorrência a esquadra da Polícia do Rego.

LEMBRANÇAS PARA MILITARES HOSPITALIZADOS

O chefe do Gabinete do ministro do Exército, coronel Soares de Oliveira, deslocar-se-á a Tomar, Coimbra e Porto na próxima semana a fim de visitar os militares internados nos hospitais militares regionais daquelas cidades.

O coronel Soares de Oliveira mensalmente visita hospitais militares em representação do sr. coronel Luz Cunha, titular da pasta do Exército. Ainda agora esteve no Hospital Militar Principal (Estrela) e seus anexos, bem como no hospital militar de Doenças Infecto-Contagiosas, onde auxiliado por senhoras da Cruz Vermelha Portuguesa distribuiu folares e outras lembranças da quadra da Páscoa aos soldados ali internados

Também nos hospitais de Tomar, Coimbra e Porto, os soldados receberão lembranças que o sr. coronel Soares de Oliveira lhes levará.

VIDA SOCIAL

Homenagem a Rebelo de Bettencourt

O jantar de homenagem, promovido por amigos e admiradores do poeta Rebelo de Bettencourt, e anunciado para 25 do corrente, ficou adiado para o dia 1 de Abril. As inscrições podem ser feitas na Casa do Alentejo (telefone 35 311).

Angola evocou Norton de Matos

(Continuação da página anterior)

Após os discursos, o presidente da Camara depôs um ramo de flores na base do monumento e descerrou uma coroa de bronze oferecida pelos colaboradores de Norton de Matos no Governo de Angola.

A encerrar o programa da manhã efectuaram-se uma parada militar e um desfile de actividades em que se incorporaram os bombeiros voluntários, a Mocidade Portuguesa, a Mocidade Portuguesa Feminina e os escuteiros.

Pelas 17 horas será inaugurada uma exposição documental sobre a personalidade e a obra de Norton de Matos

RESTAURANTE GALETO

AV. REPÚBLICA, 14 — Telef. 560269

DOMINGO DE PÁSCOA

EMENTAS ESPECIAIS E ADEQUADAS

RESERVAM-SE MESAS

A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS DESEJAMOS PÁSCOA FELIZ

A DIRECÇÃO

Ora, diga-nos...

—Tem diário?

● *Afirmou-nos o sr. Adelino Cardoso da Costa, proprietário de um bar:*

— Diário pròpriamente dito não tenho... Mas que assento certas coisas da minha vida, lá isso assento... Datas, algum dinheiro que empresto, aniversários. Escrever o que me acontece diàriamente, não. É sempre tudo igual. Se me acontecessem coisas extraordinárias... Mas é sempre a rotina.

● *Disse-nos o sr. Manuel Fernandes, empregado numa pastelaria:*

— Diário...? Não o tenho.

— Mas nunca pensou em ter um diário?

— Sou ainda muito novo. Mas conheço pessoas, amigos meus, que têm o seu diário. Principalmente raparigas... São muito românticas. A única coisa que assento são as minhas despesas. De vez em quanto, é preciso fazer um balançozito.

● *Finalmente, disse-nos o sr. Armando Pereira, proprietário de uma alfaiataria:*

— Nunca tive diário. Uma vida de trabalho, sempre e sempre. Não há tempo para escrever. Escrever, aliás, o quê? Não saio do estabelecimento, são sempre as mesmas coisas todos os dias...

Tomou posse

o novo director-geral adjunto das Alfândegas

No gabinete do director-geral das Alfandegas, tomou posse do lugar de director-geral adjunto das Alfandegas, o sr. dr. Fernando Valente Perfeito.

Depois de lido o auto de posse, o director-geral das Alfandegas, dr. Henrique Augusto Teles Fraga, lembrou a carreira do empossado, destacando a probidade, a dedicação e o brilho sempre demonstrados pelo distinto funcionário, em todos os cargos que tem desempenhado, acrescentando que a Reforma Aduaneira, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 46 311, de 27 de Abril de 1965, ao criar o lugar de director-geral adjunto das Alfandegas, levantou o problema do seu provimento, que teria de recair, necessàriamente, em funcionário que houvesse prestado sobejas provas do seu mérito e de inteira dedicação á causa aduaneira.

O director-geral, depois de ter felicitado quem o havia nomeado, endereçou também felicitações ao empossado pela distinção que superiormente lhe havia sido conferida, e, ainda, as formulou ás Alfandegas.

O dr. Valente Perfeito agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas, prometendo continuar a bem servir, como sempre tem feito.

O empossado foi, em seguida, felicitado por todos os funcionários em serviço naquele departamento do Estado e numerosos amigos seus, que enchiam o gabinete do director-geral das Alfandegas.

ABASTECIMENTO

e fiscalização do comércio de bacalhau

Com o objectivo de satisfazer as necessidades do abastecimento público de bacalhau salgado seco, começaram a ser distribuidos, no dia 18 do corrente, 93 801 fardos de bacalhau, num total de 5 628 060 quilogramas.

As brigadas de fiscalização da Inspecção-Geral das Actividades Económcas estão a vigiar activamente a distribuição do contngente e a promover o aceleramento da respectva movimentação comercial, no intuito do rápido fornecimento ao público.

Desta vigilância resultou já a elaboração de 33 processos em que retalhistas de mercearia são arguidos por especulação e ocultação do produto, tendo um deles sido preso e entregue no tribunal respectivo, que lhe arbitrou uma caução de 4000$00.

Exposição

de rendas de Bruxelas

A comissão de honra da Exposição de Rendas de Bruxelas, organizada por colaboração do S. N. I., Comissariado do Turismo Belga, T. A. P. e Sabena, convidou M.me Risselin, conservadora do Departamento de Rendas dos Museus Reais de Arte e de História de Bruxelas, a proferir na próxima quarta-feira, ás 18 e 30, no Hotel Tivoli, uma conferência sobre a arte rendeira na Bélgica.

A conferência será seguida de «cocktail» oferecido aos convidados.

Na assembleia geral das C. R. Gás e Electricidade

o eng.º Cunha Leal falou sobre vários aspectos das gerências

A assembleia geral das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, sob a presidência do sr. dr. Tito Arantes, secretariado pelos srs. dr. Jaime Afreixo e João de Lencastre Freitas, aprovou, por unanimidade, com louvor ao conselho de administração, o relatório e contas da gerência do ano passado.

O sr. dr. Tito Arantes referiu-se ao pedido de exoneração das funções de presidente do conselho de administração, continuando, no entanto, a ser administrador e elemento da comissão executiva, do sr. conselheiro Afonso de Melo Pinto Veloso, e ao facto de a vaga aberta pela saída do sr. cons. Afonso de Melo ter sido preenchida pelo sr. prof. Adelino da Palma Carlos. E o presidente da assembleia fez o elogio de ambos.

Usou, depois, da palavra, o administrador e membro da comissão executiva das Companhias sr. eng.º William Menschaert que prestou esclarecimentos sobre a produção e o fornecimento de gás e electricidade, aludindo, a propósito, com a citação de numeros, ás vendas de energia de alta e baixa tensão.

Falou, a seguir, o sr. eng.º Cunha Leal. Disse que estes ultimos quinze anos de assembleias gerais das Companhias têm decorrido sob um signo favorável, daí resultando o desaparecimento de antigas lutas e a intensidade das suas reclamações. Isso não significava, no entanto — acentuou —, que se haja estabelecido absoluto acordo entre ele, accionista, e o conselho de administração sobre o modo de conduzir os negócios da empresa. Apontou, depois, o desenvolvimento das Companhias Reunidas, dizendo que o bom-senso e a contemporização com os interesses gerais entraram em linha de conta, pelo que deixou de haver razões para choques tão profundos como os que noutros tempos se verificaram. Referiu-se ás remunerações directas e indirectas ao pessoal e á sua formação técnica para o melhor exercício das funções que lhe cabe, e aludiu aos encargos fiscais que as Companhias suportaram no exercício de 1966. Falou ainda, de outros aspectos das gerências, a propósito dos quais se referiu aos dividendos ao capital accionista, fez considerações sobre os lucros e problemas tarifários. Referindo-se á figura e á acção do sr. cons. Afonso de Melo, salientou que, com a sua entrada para as Companhias, e, do mesmo modo, com a do sr. eng.º William Menschaert, se sentiu na sociedade uma rajada de bom-senso, com os mais benéficos resultados. Em referência ao sr. prof. Adelino da Palma Carlos, disse o sr. eng.º Cunha Leal querer afirmar que todos se podiam considerar de parabens pela escolha que nele recaiu.

O novo presidente do conselho de administração, sr. prof. Adelino da Palma Carlos, agradeceu as palavras do sr. dr. Tito Arantes, enalteceu, também, a figura do sr. cons. Afonso de Melo. Antigo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, ministro, deputado e senador, tudo seria suficiente para ver nele um homem invulgar. Outras facetas, porém — acrescentou —, o valorizam: a sua estrutura moral, fulgurante inteligência, aprumo e dignidade. O sr. prof. Adelino da Palma Carlos, dirigiu depois, também, expressões de agradecimento ao sr. eng.º Cunha Leal, a quem passou, seguidamente, a responder quanto ás considerações formuladas no seu discurso. Anotou os propósitos que sempre têm animado o conselho de administração de uma actividade util não obstante as dificuldades que, por vezes, têm de enfrentar, para a certa altura se referir, também, ao problema das tarifas e escalões. Por ultimo, prestou esclarecimentos sobre a dotação para amortização e renovação que figura na conta de ganhos e perdas.

A assembleia aprovou, por unanimidade, a proposta do sr. dr. Tito Arantes, no sentido de se significar ao sr. cons. Afonso de Melo a mágoa por ver afastar das funções de presidente do conselho de administração e, simultaneamente, o agradecimento pelos altos serviços prestados ás Companhias Reunidas. Aprovou, também, um voto de louvor á mesa e confirmou a chamada para o conselho fiscal do sr. Mário Boaventura Mendes de Almeida de Figueiredo, em substituição do sr. Fausto Pedro Amaral de Figueiredo.

ENCERRAMENTO

dos estabelecimentos no sábado de Aleluia

Informa-nos a União de Grémios de Lojistas de Lisboa de que pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência foi autorzado que os estabelecmentos do comércio e retalho, no sábado de Aleluia, se conservem abertos até ás 21 horas, devendo fazer-se, nos termos da legislação em vigor, o pagamento das horas extraordinárias.

Assembleias gerais

Sociedade de Língua Portuguesa

A Sociedade de Língua Portuguesa reune-se em assembleia geral no próximo dia 31, ás 21 e 30, na sua sede (R. de São José, 41, 2.º), para discutir o relatório e as contas da gerência do ano anterior, assim como o parecer do conselho fiscal e resolver a tal respeito.

Quando terá o Cartaxo um jardim-escola?

CARTAXO, 23 — Sob a presidência do sr. eng. Castro Reis, chefe da edilidade, efectuou-se, na Biblioteca Municipal, uma reunião para concretização do plano de construção de um jardim-escola nesta vila.

Defende-se a criação de um tribunal especial para julgar casos de trânsito

O «Diário de Lisboa» tem defendido, por diversas vezes, a criação de um tribunal especial para julgamento de casos de transgressões e acidentes de viação, a ser presidido por um magistrado e dois assessores, um do Automóvel Clube de Portugal e outro do Sindicato ou da Federação dos Motoristas. Esta sugestão tem encontrado a concordancia de muitas pessoas. No ultimo Congresso de Transito levado a efeito pelo Automóvel Clube de Portugal, foi até apresentada uma tese nesse sentido.

Quem assista aos julgamentos de transgressões ao Código da Estrada, no Tribunal de Polícia, em que os processos são muitos e complicados, pode verificar quanta necessidade há de criar um tribunal especial para os assuntos do tráfego.

Muitos automobilistas desconhecem com certeza, que há nada mais nada menos que quatro tribunais para julgar processos de viação e cada um com o seu critério próprio e a sua competência: um julga sobre a aplicação da lei á apreensão de cartas, ou seja a inibição de conduzir — e é a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres. Mas se existir, além desta falta, outra transgressão, o processo é enviado ao Tribunal de Polícia, ficando o magistrado com a faculdade de aumentar a penalidade de inibição de condução e multa. É claro que a maioria dos magistrados mantém a penalidade aplicada pela Direcção-Geral dos Transportes Terrestres. Se o acidente ocasionar danos, é julgado em Tribunal Correcional. E se, relacionado com o acidente, houver manobra perigosa, estacionamento proibido ou outra qualquer transgressão, é o processo julgado neste tribunal por aquele delito e o processo segue depois para o Tribunal de Polícia, que toma conta do processo de transgressão. Depois, há ainda o Tribunal da Camara Municipal, que toma conta dos casos relacionados com os parques de estacionamento. Como se verifica, existem quatro entidades com funções de jurisprudência e a legislação é deveras complexa. Há ainda a considerar a chamada «dança da sinalização» de lugares de estacionamento e passagens á direita ou á esquerda, sem a respectiva sinalização bem visível, em certos locais. Sucede até que muitas pessoas são multadas por terem estacionado o carro, na véspera, em qualquer lugar em que, nessa altura, era permitido e no dia seguinte já o não era, ou vice-versa. Quando as multas são pequenas, os presumíveis infractores pagam-nas. Outras vezes, reclamam para a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, que ou os atende ou nem sequer lhes dá qualquer resposta, de forma que os reclamantes só sabem que não foram atendidos quando recebem aviso do tribunal para comparecer a julgamento. Aparecem, geralmente, muitos processos instruídos com certas deficiências e os magistrados não têm outro remédio senão corrigi-los. Tudo isto se deve, segundo temos verificado, á falta de uma coordenação de transito devidamente ajustada com as entidades responsáveis. Se existisse uniformidade de critérios entre os diversos departamentos do transito poupar-se-ia trabalho, evitando que se acumulassem montanhas de papel.

Registemos alguns factos. É claro que em muitos casos complicados que surgem e que os magistrados têm de resolver, os autuantes estão inseguros. Recebem ordens e cumprem-nas. O resto já não é com eles nem da sua competência.

O desenhador sr. Carlos Alberto Alves Silva era acusado de ter estacionado, ás 11 e 45, de Fevereiro do ano findo, o seu automóvel entre duas placas, uma com a indicação de «Zona Azul» e outra de estacionamento mais acima e ainda outra de proibição, no Largo de S. Domingos. Interrogado pelo sr. dr. Orlando Melro, o arguido começou por declarar que as placas estavam mal colocadas e induziam em erro.

— Isso é uma opinião pessoal do réu... Mas não estavam bem porquê?

— Se V. Ex.ª me dá licença, eu faço um «croquis» da posição em que se encontrava na altura o meu carro entre as duas placas. Além do meu, estavam ali ainda outros.

O magistrado vai pedindo esclarecimentos sobre esclarecimentos á medida que acompanha a descrição do gráfico. No final o arguido exclama:

— Como V. Ex.ª acaba de verificar, eu só tinha aquela maneira de estacionar o carro. Isto era uma armadilha para a caça á multa. Porque puseram também naquele local a placa de «Zona Azul», seguida de uma placa de «zona de estacionamento»?

O magistrado pergunta ao autuante se foi só aquele arguido autuado, a que ele respondeu:

— Foram todos os que na ocasião estavam em transgressão. A maioria dos autuados pagam a multa.

Sobre este caso depuseram duas testemunhas de defesa, entre elas um arquitecto, que fez também um esquema do referido local e terminou por declarar que a placa em questão já não se encontra ali, pelo que se pode estacionar, agora, á vontade.

No final, o magistrado absolveu o arguido por se provar não ter havido transgressão.

Condenado «prèviamente»

Num dos meses do ano findo, ás 12 e 30, na Avenida António Serpa, o guarda sinaleiro deu sinal de «aberto a transito» e uma camioneta tomou a esquerda e outra a direita, que era a direcção que seguia. Era conduzida pelo motorista sr. António Joaquim Rodrigues. Sucede, porém, que o seu colega que ia pela esquerda, resolveu, nesse momento, ir para a direita e atravessou-se-lhe quase á frente, o que provocou um acidente com danos materiais.

Quando o magistrado sr. dr. Orlando Melro lhe perguntou a idade, ao identificá-lo, respondeu o arguido:

— Faço hoje 47 anos...

O magistrado pergunta ao autuante se ele ouviu a versão do arguido. Ele respondeu que o caso se dera assim, mas que na sua opinião ambos haviam tido culpa. Que ao ver que ia dar-se o acidente ainda apitou para os obrigar a parar, mas já não foi a tempo.

— Ambos têm culpa? Não me parece, pois o senhor abriu o transito e o arguido ia pela direita e inesperadamente o que ia pela esquerda fez uma inversão de direcção e se lhe atravessou na frente e provocou o acidente material. Este é que seria a unico culpado, não lhe parece?

— Talvez sim.

O réu observa:

— E já fui castigado pela Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, com 45 dias de inibição de conduzir, mês e meio sem ganhar. Só eu sei o que passei...

O juiz folheia o processo e, no fim, diz:

— Sim... É verdade. Já sofreu 45 dias de inibição de conduzir.

O magistrado absolveu o arguido da manobra perigosa, mas ninguém podia já indemnizá-lo dos prejuizos materiais que sofrera.

Perguntar por perguntar

● A Rua Alexandre Ferreira, ao Lumiar, passou a ter um unico sentido de trânsito desde ontem, por virtude de obras inadiáveis que condicionam naturalmente a passagem de veículos. Sucede, porém, que centenas de moradores da referida artéria são agora obrigados a fazer um longo desvio de cerca de 1800 metros, pela antiga Estrada Militar e até á Calçada de Carriche, ao iniciarem o dia normal de trabalho ou noutras deslocações. Se o desvio já é um incómodo de monta, acresce que a Estrada Militar se apresenta com o piso em más condições. Queixam-se ainda os moradores de que a entrada na Calçada de Carriche constitui uma manobra difícil, dado que á falta de prioridade vem somar-se a passagem quase ininterrupta de veículos nos dois sentidos de trânsito da via principal. Por tudo isto, não seria aconselhável realizar apenas de noite as obras necessárias? Ou fazê-las sem interromper totalmente o tráfego em qualquer dos sentidos?

● Não seria útil, à entrada da Travessa da Boa Hora, no Bairro Alto, um sinaleiro que regulasse o trânsito nas horas de ponta?

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os

NO DOMINGO

COMBOIOS ELÉCTRICOS

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *É muito provável o ingresso do actor Assis Pacheco na companhia de Teatro da Estufa Fria.*
- *Será o actor Jacinto Ramos o encenador da peça «Duas pernas... 1 milhão», a estrear em breve no Teatro Capitólio.*
- *A actriz Laura Alves reaparecerá em Lisboa, no Teatro Monumental, desempenhando papel de relevo na peça «A promessa».*
- *A conhecida peça de Vasco Mendonça Alves, «Meu amor é traiçoeiro», vai ser representada em várias cidades da província pela companhia de teatro «Gente sem nome».*
- *A peça «As noites de Iguana» faz parte do reportório do Teatro Experimental de Cascais.*

TEATRO VILLARET

Uma peça de humor negro

Encontra-se em cena todas as noites, no Teatro Villaret, «Assassinos associados», a mais divertida comédia dos últimos tempos, em três actos e com diversos assassinatos. Solnado (agora a «matar» melhor do que nunca), Madalena Sotto, Barroso, Fernanda Borsatti, Cortês, Ângela Ribeiro, Nicolau Breyner e Julia Baba fazem morrer a rir o público de Lisboa, nesta comédia de «humor preto». Num espectacular cenário rotante de Vítor André, desenrola-se a peça, encenada por João Bethencourt. Este origina de Robert Thomas, foi traduzido por Armando Cortês e João Bethencourt.

A B C

A revista «Sete Colinas»

As consecutivos enchentes, que regista a sala do ABC, são a inegável prova de valia da revista «Sete Colinas». O público não regateia apalusos. O público fi feliz, com a comicidade deste espectáculo «Sete Colinas», escrita pela parceria César de Oliveira e Rogério Bracinha é musicada pelos inspirados maestros João Nobre e Ferrer Trindade. A coreografia, garrida e bem desenhada, tem a direcção de Carlos Alberto e os figurinos e a montagem pertencem a um nome que dispensa referências: Mário Alberto. César de Oliveira dirigiu com acerto, a encenação, e Ferrer Trindade foi o condutor musical. É um elenco de sensação o que, diàriamente, se apresenta no ABC, a actriz Ivone Silva, Artur Semedo, Leónia Mendes, Óscar Acúrsio, e, ainda, Lurdes Lima e Henrique Viana. Duas grandes atracções: Artur Garcia e Helena Tavares.

«O rei e eu» exibe-se esta tarde no cinema Politeama

Ao fim da tarde de hoje, em sessão para maiores de 12 anos, realiza-se, no cinema Politeama, mais uma sessão do famoso ciclo «Os Grandes Romances de Amor», com a exibição integral do maravilhoso filme em cinemascope e technicolor, «O rei e eu», de Walter Lang.

Musicado por Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II, autores da partitura de «Música no Coração» e de tantos outros grandes êxitos mundiais, e interpretado por Yul Brynner, Deborah Kerr e Rita Moreno, «O rei e eu» foca a história de um rei que pensava que as mulheres tinham sido criadas para seu divertimento pessoal, constituindo um romance de amor que enche de beleza e felicidade os olhos e os corações.

Pelo público serão sorteados magníficos brindes, como de costume, e, por isso, tal como na semana passada, o Politeama voltará a ser a sala-reunião do melhor público feminino da capital, que, em magníficas condições de comedidade e ambiente, sabe aproveitar um fim de tarde para assistir a filmes de verdadeiro interesse e nível.

Teatro amador em Montargil

MONTARGIL, 23 — O grupo cénico da Sociedade União Vimieirense apresentou, a contento do público, no salão paroquial desta vila, duas peças: «Luz de Fátima» (drama em 3 actos) e «A bomba» (comédia em 1 acto).

MONUMENTAL

Reposição de uma peça de Bernardo Santareno

Raros actores portugueses das novas gerações reunem, como Rui de Carvalho, condições para se afirmarem como dos mais vincados talentos do nosso meio artístico: voz bem timbrada, bela presença, sensibilidade, amor à profissão, integra dedicação ao estudo dos papéis, tudo concorre para Rui de Carvalho ser um dos maiores talentos da nova geração, duas vezes premiado pelas suas magníficas interpretações em Teatro e recentemente distinguido com o «Prémio

(Continua na 6.ª página)

ROCK e GINA — Uma combinação explosiva numa fabulosa super-comédia intitulada «QUARTO PARA DOIS» (Strange Bedfellows), a Estrear Brevemente no Monumental. Um filme da UNIVERSAL-INTERNATIONAL, em TECHNICOLOR, Distribuído pela PARAMOUNT, para ADULTOS.

AVENIDA Às 21.45
Tel. 32 03 79
A alegre comédia de V. KATAIEV
O CAMARADA MIÚSSOV
— Adultos —
SÁBADO — Tarde a preços reduzidos
Devido á solenidade dos dias, hoje e amanhã, não se realizam espectáculos

CAIS DO FADO
RUA DO VIGÁRIO, 60 — Telef. 866811
Comunica aos seus amigos e clientes que se encontra encerrado amanhã, Sexta-feira Santa.

TAMANACO?

EXTRAORDINÁRIO ÊXITO EM 2.ª SEMANA
«ESPECTÁCULO DE «FRISSON». ESPECTÁCULO DE TERROR... VEM INTERESSANDO UM VASTO PÚBLICO QUE GOSTA DE EMOÇÕES FORTES»
(O SECULO)
EXCLUSIVO DOPERFILME
AVIS
MAIORES DE 12 ANOS
UM FILME DE MISTÉRIO E «SUSPENSE»!
O IMPÉRIO DO CRIME, DO SADISMO E DA TORTURA PARA DOMINAR O MUNDO!
M/ 12 ANOS

CHRISTOPHER LEE como Fu Manchu
NIGEL GREEN
JOACHIM FUCHSBERGER
KARIN DOR • TSAI CHIN
JAMES ROBERTSON JUSTICE
realização de DON SHARP
TECHNISCOPE • TECHNICOLOR
O MISTERIOSO DR. FU MANCHU

TEATRO ABC Telef. 366745
HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS
JOSÉ MIGUEL APRESENTA
A REVISTA QUE LISBOA ESCOLHEU
«7 COLINAS»
ADULTOS
COM IVONE SILVA ● ARTUR SEMEDO ● LEÓNIA MENDES ● ÓSCAR ACÚRSIO ● LURDES LIMA ● HENRIQUE VIANA ● e as atracções ARTUR GARCIA e HELENA TAVARES

ARTUR GARCIA

HELENA TAVARES

UM FESTIVAL NO PALCO ● A CERTEZA DE UM BOM ESPECTÁCULO
Amanhã, devido á solenidade do dia, não haverá espectáculo
SÁBADO: INAUGURAÇÃO DE VARIEDADES
na «BOITE TROPICAL»
AVENIDA DE ROMA, 7-A — LISBOA
com a presença dos elementos da companhia do ABC. Música permanente pelos conjuntos «LATINO'S COMBO» e «OS LORDES»

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

CARTA DE ESPANHA — **«Carta de Espanha» traz sempre no sobrescrito um endereço: o meu. Não sei como foram os meus desejos tão bem adivinhados, pois sempre me fala das coisas que eu aprecio. Aliás, o que eu penso pensará muito boa gente, dado que estas breves cartas tocam com extrema habilidade muitas teclas! Como estamos na «Semana Santa» foi da vida de Cristo que falou. A respeito disto muito está dito — e a «Carta de Espanha» arriscava-se a cair na monotonia que sempre acontece quando, a respeito seja do que for, não varia o angulo de visão.**

O risco foi evitado. E da melhor maneira. Como? Dando-nos a caminhada de Cristo através da riquíssima arte espanhola. E foi um regalo para a vista, uma surpresa, uma prenda valiosa.

Havia o perigo das palavras, mas ainda aqui os escritores espanhóis resolveram o problema. Nenhum simples cronista falaria melhor do que Lope de Vega ou Unamuno. Pois foram estes e outros que acompanharam as telas de Greco, Picasso, Dali, etc., etc.

Chama-se a isto . . o quê? Humildade? Não. Não gosto da palavra. Como haverá dificuldade na adjectivação, chamemos a isto bom-senso. Basta.

NOITE DE TEATRO — Pois. É a história do pastor que gritava: «Acudam, que há lobo!» Ria, gozava os companheiros que vinham ao chamamento, e vai um dia o lobo matou-lhe as ovelhas todas...

Quero dizer na minha: tantas tem feito a «Noite de Teatro» que, quando finalmente aconteceu algo parecido com teatro, poucos terão sido os espectadores presentes.

Aconteceria isso ontem? É provável que sim. Muito provável que sim — se lá não estivesse o nome de José Gamboa a atrair as atenções. Foi, pois, o nome de José Gamboa que convocou para ali a assembleia. O nome de um homem, não o teatro, o amor pelo teatro. Ainda aqui se pode ver também «o que vale um homem»...

Quem ontem não assistiu á «Noite de Teatro» perdeu uma das melhores manifestações teatrais que a R. T. P. desde sempre nos ofereceu. Não se fala da estrutura, da compostura pesadamente naturalista da obra de Harold Lees. A grande massa do publico português, mesmo o mais dentro do teatro, pisa aquele terreno com segurança, sente-se em casa. Que não se fique por aí, eis o que não pode deixar de desejar-se. Que mesmo aí nos apresentem obras dignas de serem vistas — eis o que não pode deixar de exigir-se. Quando isso acontece — é uma festa. Ontem, por exemplo.

Era um homem fatigado na luta de tantos e tantos anos. Estava farto daquilo, de toda aquela voracidade, de concorrência sem limites. Além do mais tinha uma angina do peito e chegara a altura de se retirar por sua livre vontade, antes que se desembaraçassem dele. Iria para o campo cultivar flores — margaridas, anémonas, tulipas... Simplesmente, a realidade amea ça-o. Se ele se vai embora, tudo fi cará ainda mais selva. Os subsídios conseguidos para as viuvas e para os velhos, acabam. Fulano e Beltrano irão para a rua. A própria empresa irá para a falência. Será a miséria. Esses problemas, demonstra-o Lees, não podem ser resolvidos ao nível do capitalismo. A sociedade de base capitalista (*«Não tenho a preocupação de ser justo...»*) não é uma sociedade de beneficência. O que tiver de fazer-se em favor do humano, que o faça o homem. A sociedade lava daí as mãos. E eis aqui «o que vale um homem» — homem que buscará amaciar os dentes vorazes da fera á custa da destruição de si próprio...

A R. T. P. teve a preocupação de constituir um elenco homogéneo. Dois regressos ao teatro devem sublinhar-se: o de Dalila Rocha e o de José Gamboa.

Este, por virtude da importancia da personagem na peça e do talento do actor, sobreleva todos os demais interesses. Só para se obter a sensação da presença de um actor de todo o tamanho, teria valido a pena assistir á «Noite de Teatro». Actor que procurou sempre fugir da representação em superfície, que mergulhou sempre á procura da verdade. Comovente a sua luta pela autenticidade através da utilização de uma gama de recursos verdadeiramente excepcional, embora nem sempre evitando exageros perfeitamente dispensáveis e um certo tom á Alves da Cunha.

O cronista vai esquecer alguns pecadilhos da noite de ontem. Assim ficará com as mãos livres para aplaudir á vontade, já que essas oportunidades ao longo do ano, e no que respeita ás noites de teatro, se contam pelos dedos. Imaginem só uma peça cheia de interesse e os espectadores sem arredar os olhos do pequeno visor e tudo sem o emprego da clássica cebola para carregar na lágrima doce, imaginem que tudo isso aconteceu ontem e imaginem como o cronista se sentiu feliz. Compreenderão melhor o seu desejo de terminar esta nota em beleza. — M. C.

HOJE PODE VER..

● **Às 23 e 20: Recital de órgão**

Directamente da igreja de S. Vicente de Fora, a R. T. P. transmite esta noite um recital de órgão por Francis Chapelet. A realização do programa estará a cargo de Helder Mendes.

Recomeçaram na Amadora as filmagens de «Manhã de Terror»

O cineasta amador sr. António Gonzalez de Castro recomeçou as filmagens de «Manhã de Terror», que tinha suspenso há três meses. Como oportunamente noticiámos, trata-se da história de dois perigosos reclusos que se evadem de uma colónia penal espalhando o terror numa pequena povoação onde se refugiam.

Gonzalez de Castro dedica-se ao cinema de amadores desde 1947, tendo já realizado, entre outros, os filmes «Lisboa em Festa», «O Roubo do Colar Sagrado», «Sangue de Mártires», «Vale de Lobos», «Regresso ao Lar» e «Resgate», com os quais obteve numerosos prémios e menções honrosas.

Uma cena do filme «Manhã de Terror»

RECINTOS DE DIVERSÕES

- O Trio Boreal foi convidado a actuar, brevemente, em Estocolmo.
- Parte, dentro de dias, para a Madeira, o cançonetista João Luís.
- O acordeonista Dinis dos Santos foi contratado para o restaurante «O Guiso», que vai abrir em Cascais.
- O compositor Carlos Rocha musicou alguns dos numeros do novo reportório do artista Toni de Almeida.

George Raft parece ter-se preocupado pouco com a recente proibição de entrar em Inglaterra. Bem disposto, continua a fazer a sua vida — uma vida tranquila, de roupão e sandálias, como o prova a imagem

RIGIDEZ ARTICULAR ENTORSES OU DISTENÇÕES

O LINIMENTO DE SLOAN aplicado sobre a zona dorida proporciona um calor suave que activa a circulação do sangue na região afectada, produzindo rápido alivio e melhoria.

Perante qualquer destes incómodos, ou ainda se sofrer dores reumáticas ou de ciática, não terá mais do que utilizar-se do

LINIMENTO SLOAN

AGORA MAIS ECONÓMICO

COLISEU

HOJE, ás 21 e 30
(Maiores 12 anos)
Os filmes religiosos
A VIDA DE CRISTO
(O DIVINO MESTRE)
e
SENHORA DE FATIMA
Amanhã, sábado e domingo:
À TARDE E À NOITE
Bilhetes à venda

Aluguer sem condutor
CARROS NOVOS PREÇOS ACESSIVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega 10-B
Telefones: 72 [illegible] 49 75
LISBOA

2.ª SEMANA
A EXCEPCIONAL NOVIDADE DE QUE MAIS SE FALA... COM JUSTA RAZÃO!
HOJE, NO ODEON
UM FILME DE ALTO NÍVEL DE ESPECTÁCULO QUE APAIXONOU O PÚBLICO
SENSACIONAL CONSAGRAÇÃO DE UMA OBRA EM LOUVOR DAS MULHERES QUE AMAM, COM FERVOR, ACIMA DE TODOS OS SACRIFICIOS
A HISTÓRIA DE UMA ODIOSA VINGANÇA PREMEDITADA PARA SEPARAR DOIS CORAÇÕES APAIXONADOS
UMA REALIZAÇÃO MARAVILHOSA
VIBRANTES BAILADOS E CANÇÕES

FOGO NA CARNE
EM GRANDES CRIAÇÕES VICENTE PARRA E A NOVA VEDETA IRAN EORY EASTMANCOLOR
ELENCO DE GRANDE CLASSE!
MAIORES 12 ANOS
NOTAVEL EXCLUSIVO DA IMPERIAL FILMES

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

da Imprensa», como o melhor actor de cinema. Feita esta breve apresentação de Rui de Carvalho, revela-se que será ele «José», uma das figuras da peça de Bernardo Santareno, «A Promessa», que, numa encenação de Paulo Renato, subirá á cena, brevemente, no Teatro Monumental, numa realização de Vasco Morgado, para reaparição de Laura Alves

Cruzeiro de jovens no paquete «Caribia» com celebridades do «music-hall»

O paquete italiano «Caribia» larga hoje de Génova para o primeiro grande cruzeiro de jovens a Inglaterra, com escala em Cannes, Barcelona, Tânger e Southampton.

Esta curiosa viagem tem a participação de 1500 jovens de várias nacionalidades e nela tomam parte nomes famosos como Caterina Caselli, Gigliola Cinquentti, Patty Pravo, Nino Ferrer, Bruno Lauzi, Tony del Monaco, Ranieri, os «Roll's 33» e muitos outros astros da canção ligeira e do «yé-yé».

Durante a viagem haverá várias manifestações artísticas e será apresentada a ante-primeira mundial do filme de Rita Pavone «Non stuzzicate la zanzara», além de se proceder á eleição de «Miss Beat 1967». A Televisão Italiana cobrirá este cruzeiro para retransmissão diária de cerca de uma hora.

Em Londres, os participantes do cruzeiro terão um encontro musical com os jovens ingleses e regressarão a Itália por via férrea em 1 de Abril.

O «Caribia» — representado em Portugal pela Sociedade Marítima Argonauta, Limitada — recomeçará então as suas viagens á América Central, com escala por Lisboa, a qual está prevista para o dia 2.

DIGRESSÃO ARTÍSTICA

Os categorizados artistas Constança Baptista e David José, com a colaboração do acordeonista César Lopes, apresentam o *show* «Lisboa no Santo António» de sabor bem lisboeta. Trata-se de um espectáculo alegre e musicado, de teatro, fado, canções, anedotas e poesia, que percorrerá todo o País e está destinado a um êxito total.

CAPITOLIO

Um espectáculo popular

Verdadeira produção do ano, a monumental revista «Quem tem boca vai a Roma!» gradua-se no mais alto ponto da preferência do espectador, graças ao luxo, alegria e cor que patenteia em cada um dos seus inolvidáveis quadros e momentos cómicos. O naipe interpretativo caracteriza-se pela presença no cartaz de um autêntico punhado de grandes e popularíssimas estrelas dos nossos palcos (Eugénio Salvador, José Viana, Lígia Teles, Mariema, Helena Vieira, Luís Horta) lado a lado com as maiores atracções internacionais que têm desfilado nos tablados de Lisboa: Ana Mónica, Vicky e The Roller's Stars. As gentis artistas Linda Silva e Palmira Ferreira, os actores Vítor Mendes e Mariano Franco, as esbeltas discípulas Simone Maria, Odete Antunes, Maria António e Gina Loureiro, um «ballet» inglês, um conjunto coreográfico francês, bailarinos e bailarinas portugueses e uma excelente orquestra completam o elenco de «Quem tem boca vai a Roma!», que todas as noites pelas 20 e 45 e 23 horas sobe á cena no Capitólio.

CAIS DO FADO

(Um restaurante típico no coração de Alfama)

Rua do Vigário, 60
Telef. 866811

AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULO

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de lisboa

2 SESSÕES: às 21 e às 23 h.

BILHETES DESDE 5$00

ADULTOS

RAUL SOLNADO O MAIS CRIMINOSO

ENSINA-O A MATAR MELHOR NA COMÉDIA DE GARGALHADA

ASSASSINOS ASSOCIADOS

MADALENA SOTTO ★ BARROSO ★ FERNANDA BORSATTI ★ CORTEZ ★ ÂNGELA RIBEIRO ★ NICOLAU BREYNER ★ JÚLIA BABO

MAIS ELOQUENTE DO QUE A MELHOR FRASE PUBLICITÁRIA, É O ENTUSIASMO COMUNICANTE DE QUANTOS JÁ VIRAM — «UM HOMEM E UMA MULHER» — PROPAGANDO, INCANSÀVELMENTE O MÉRITO DESTA OBRA INVULGAR.

7ª SEMANA

LIMITAMO-NOS PORTANTO A INFORMAR A ENTRADA EM

NO CINEMA SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

A REALIZAÇÃO DE CLAUDE LELOUCH

COM

anouk aimee
jean-louis trintignant
pierre barouh

RANK FILMES

DEVIDO À SOLENIDADE DO DIA, AMANHÃ NÃO SE EFECTUAM ESPECTÁCULOS

ADULTOS

um homem e uma mulher

(un homme et une femme)

GRANDE PREMIO DE CANNES
PRÉMIO ESPECIAL DA O. C. I. C.
GRANDE PRÉMIO DA COMISS. SUP. TÉC. PARA A FOTOGRAFIA
GLOBO DE OURO DA ASSOC DA IMPRENSA ESTRANG. DOS E U. A. PARA ANOUK AIMÉE
GLOBO DE OURO PARA O MELHOR FILME ESTRANGEIRO
PROPOSTO PARA 4 «OSCARS» DA ACADEMIA

A LUTA DESESPERADA NO MUNDO DOS ESTUPEFACIENTES E A PERSEGUIÇÃO IMPIEDOSA AOS TRAFICANTES DO ÓPIO!

NOS CINEMAS

ROMA E **POLITEAMA**

SENSACIONAL ESTREIA

Sábado, às 15,30

realização
TERENCE YOUNG

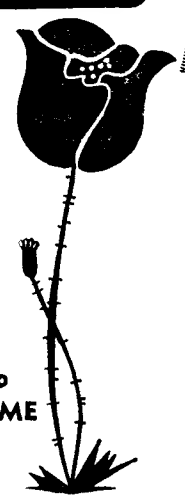
SENTA BERGER
STEPHEN BOYD
YUL BRYNNER
ANGIE DICKINSON
GEORGES GERET
HUGH GRIFFITH
JACK HAWKINS
RITA HAYWORTH
TREVOR HOWARD
JOCELYN LANE
TRINI LOPEZ
E. G. MARSHALL
MARCELLO MASTROIANNI
AMEDEO NAZZARI
JEAN CLAUDE PASCAL
ANTHONY QUAYLE
GILBERT ROLAND
HAROLD SAKATA
OMAR SHARIF
BARRY SULLIVAN
NADJA TILLER
ELI WALLACH

maiores de 12 anos

EASTMANCOLOR

A PAPOILA TAMBÉM É UMA FLOR

THE POPPY IS ALSO A FLOWER



Exclusivo DOPERFILME

TODOS OS MEIOS, TODOS OS SISTEMAS, TODOS OS RECURSOS CONTRA UMA FLOR ... A FLOR DO ÓPIO!

GALAXIA

meias Cantrece*

CARÍCIA, fabricadas por BYB no novo «nylon» revolucionário que a DU PONT criou para o conforto e o encanto das suas pernas, são como **UMA SEGUNDA PELE**.

À venda nas seguintes casas da província:

IDALINO S LUCAS — Figueiró dos Vinhos
J. VITORINO & PEDRO, L.DA — Loulé
JOÃO CHULA NUNES — Monchique
JOSÉ FRANCISCO GRAÇA — Beja
JOSÉ LUCAS PRIOR — Vendas Novas
JOSE VIDAL DA CRUZ — Setúbal
MANUEL GUERREIRO — Almada

* Marca registada da Du Pont

Passe as férias da Páscoa no

Hotel do Pinhal—Ofir

No litoral minhoto o mais bela região de Portugal — Jardim verde, mar azul, areias brancas

BANQUETES E CASAMENTOS
ATÉ 700 PESSOAS NUM SÓ SALÃO

Telef. 89473/4 Esposende

M/21 anos

Bico Dourado

BICO DOURADO

BOITE NUIT
RUA DA MISERICORDIA, 12 TEL 368649
DAS 23 AS 3 DA MADRUGADA
MUSICA PARA DANÇAR COM
MARIO SIMÕES E S/ CONJUNTO

---

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

POR IMPOSIÇÕES CONTRATUAIS SERÁ RETIRADO EM 30-3-67

UM DOS 10 MELHORES FILMES DO ANO!

ADULTOS

Uma Rês Tea de Azul

"A Patch of Blue"

SIDNEY POITIER
ELIZABETH HARTMAN
SHELLEY WINTERS
(Oscar 1966)

16.ª SEMANA • 5.º MÊS

estúdio

NOVEMBRO, DEZEMBRO JANEIRO, FEVEREIRO, MARÇO

EM RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA — Antes de Outubro não será exibido em outro cinema de Lisboa

---

TEATRO **CAPITÓLIO**

A NOITE
2 Sessões
As 20.45
e 23 horas

A SUPER-REVISTA

QUEM TEM BOCA VAI A ROMA!

UM EXITO POPULAR EM 9.ª SEMANA

UM CARTAZ DE ESTRELAS E AS MELHORES ATRACÇÕES!

ADULTOS

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no cafe e cervejaria «OS 1 NIDOS».

QUELUZ DO PASSADO E DO PRESENTE – CONCLUSÃO

A Vila Príncipe da Beira

Como vimos no artigo anterior, no ano de 1794 a família real passou a viver em Queluz, e esse facto transtormou, por completo, essa localidade, a qual, no alvorecer do século XIX, foi elevada á categoria de vila nos termos do seguinte alvará, assinado por D. João VI, então Príncipe Regente:

«Eu, o Príncipe Regente, Faço saber aos que este alvará virem: «Que, considerando eu a situação natural, povoação e circunstâncias que concorrem no lugar de Queluz, do Termo da Cidade de Lisboa e nos seus habitantes e por outros que inclinarão a Minha Real Benignidade de lhes fazer Honra e Mercê; Hei por bem e Me apraz: Que o dito Lugar de Queluz, no dia da publicação deste em diante, fique erecto em Villa, com a denominação de «Villa do Príncipe da Beira», e que tal seja denominada e que haja todos os Privilégios e Liberdades de que devem gozar e gozão as outras Villas do Reyno, concorrendo com ellas em todos os Actos Publicos e uzando os Cidadãos da mesma Villa de todas as Distinções preheminencias de que uzão os das outras Villas.

«Pelo que Mando a todos os Tribunais e Ministros Officiais e Pessoas a quém êste for apresentado, que daqui em diante hajão o dito Lugar de Queluz por Villa, denominada do Príncipe da Beira e assim a nomeiem e lhe guardem e dos seus cidadãos e moradores della todos os Privilégios, franquezas e Liberdades que tê as outras Villas destes Reynos. E Quero e Mando que este Alvará se cumpra e Guarde tão inteiramente como nelle se conthem, sem duvida ou embargo alguin. E por firmeza de tudo o que dito hé, Ordeno á Mesa do Dezembargo do Paço lhe Mande passar Carta em dois diferentes exemplares que serão por Mim assianados e sellados com o Sello Pendente della a saber: Um delles para se guardar no Archivo da mesma Villa para seu Titulo, outro para se remeter ao Meu Real Archivo da Torre do Tombo. E para que venha á notícia de todos, mando ao Doutor José Alberto Leitão, do Meu Conselho, Dezembargador do Paço, Chanceller-mor do Reyno que faça estampar a dita Carta logo que passar pela Chancelaria e envie as cópias della aos Tribunais e Ministros a quem se costumam remeter as Minhas Leys para se observarem.

«— Dado no Palácio de Queluz, aos trinta e um dias do mez de Agosto de mil oitocentos e dois — Principe — Visconde de Balsemão — Joaquim dos Reys Amado o fez — José Alberto Leitão. — (Foi publicado este Alvará na Chancellaria-mor da Corte e do Reyno) — Lisboa dezasseis de Setembro de 1802 — Jerónimo José Correia de Moura.» (Livro 16 da Chancelaria)

*

A despeito do nobilíssimo gesto do príncipe regente, que seria, mais tarde, o rei D. João VI, dando ao admirável lugar de Queluz a categoria de vila, com a denominação de «Vila do Príncipe da Beira», com todos os privilégios e liberdades de que gozavam as restantes vilas do País, concorrendo com elas em todos os actos publicos e particulares em igualdade de circunstâncias, esta povoação continuou, ainda, por muitos anos na dependência em que se encontrava da freguesia de Belas.

Para que o transcrito alvará tivesse a devida realização, começaram, em 1804, vários trabalhos, durante os quais foi escolhido o local para se erigir uma igreja matriz, que deveria ser condigna com o luxuoso palácio já existente, templo ainda hoje não existente em Queluz Também foi escolhido terreno para a construção de uma «Casa da Câmara». Quer isto dizer que a «Vila do Príncipe da Beira» viria a ser sede de um concelho, o qual por certo, substituiria o de Belas.

No ano seguinte, isto é, em 1805, foram feitos outros estudos para a formação da nova vila, e ficou, então, delineado o local para um jardim, com casa para a musica, sendo traçadas ruas e largos espaçosos e bem arborizados.

A «Vila do Príncipe da Beira» chegou a ter um capitão-mor, cargo para o qual foi nomeado José Rodrigues da Costa. Contudo, os acontecimentos políticos ocorridos em Portugal, obstaram a que esta maravilhosa «Vila» fosse uma realidade, sendo precisos ainda 159 anos para alcançar essa categoria A deslocação da família real para a América do Sul originou que a ideia da criação da «Vila» fosse posta de parte e arrancadas as estacas que marcavam o seu traçado.

A denominação de «Príncipe da Beira» teria sido adoptada para homenagear o príncipe que, nesse tempo usava tal título, D. Pedro de Alcântara nascido no palácio em 1798 e que viria a ser o primeiro imperador do Brasil.

*

As lutas internas que se verificaram no País, após o embarque da família real para o Brasil e também depois do seu regresso, primeiro a Guerra Peninsular, luta longa e heróica, sem duvida, mas que dilacerou esta pobre Nação durante seis longos anos; depois, as lutas civis com não menos actos de bravura e coragem, situação que perdurou até cerca de 1850, foram estas as causas primaciais que fizeram malograr a risonha ideia da criação da «Vila do Príncipe da Beira»

Se o plano estabelecido tivesse vingado, a bela povoação de Queluz muito se teria valorizado, e outra seria hoje a situação do grande aglomerado populacional ali existente.

Na ânsia de bem documentar a criação desta vila, tentámos verificar se nos arquivos municipais da Câmara de Sintra existiriam qualsquer documentos que lhe dissessem respeito, particularmente a planta do seu traçado, a qual sem duvida existiu, e que queríamos inserir neste artigo.

Infelizmente, foi impossível realizar qualquer consulta nos referidos arquivos.

MINHOTO

O Príncipe da Beira, D. Pedro de Alcantara (retrato pintado por sua tia, a princesa D. Maria Francisca Benedita e que se conserva no palácio da Ajuda)

Tecidos Viriato, L.da

Av. José Elias Garcia, 186-C-D
Telefone 950864 — QUELUZ

Lanifícios e novidades para homem e senhora

Deseja a todos os seus clientes e amigos uma Páscoa Feliz.

PUBLICAÇÕES

«LISBON COURIER»

O número 250/251 da revista «Lisbon - Courier», correspondente ao mês de Fevereiro úlitmo, pode, verdadeiramente, considerar-se influenciado pelo signo do turismo — uma vez que as rubricas que apresenta e desenvolve se enquadram, a rigor no referido tema. Assim temos no sumário, como assuntos de maior relevância, os seguintes: «Caminhos do Turismo« (editorial), «O Ano Internacional do Turismo», «I Exposição de Artesanato Português no Estoril», «Inicia-se o Ano Jubilar em Fátima», «A Temporada de Ópera do Teatro de S. Carlos», «Três piscinas em Vila Franca» e «Carnaval 1967».

«Lisbon Courier» debruça-se, atentamente, sobre os mais importantes motivos da vida social portuguesa, no campo espiritual e cultural, económico e turístico. Como órgão informador da actividade aeronáutica comercial, «Lisbon Courier» desempenha uma missão de evidente utilidade, ocupando um lugar inconfundível na nossa Imprensa.

A capa ostenta uma excelente fotografia, a cores, da Feira do Artesanato (na Junqueira), iniciativa turística do maior interesse.

ANAIS DO CONSELHO SUPERIOR DE OBRAS PÚBLICAS — Está publicado o primeiro volume dos «Anais do Conselho Superior de Obras Públicas» referente aos anos de 1962 e 1963, que inclui os pareceres emitidos acerca dos projectos de alargamento e reforço da ponte de Abrantes sobre o rio Tejo, na E. N. 2 e da construção da ponte sobre o Tejo e seus acessos, em Lisboa, do plano rodoviário da Costa do Sol e das seguintes obras fluviais e marítimas: aproveitamento hidroeléctrico do Cávado - Rabagão, no escalão do Alto Rabagão; aproveitamento hidroeléctrico Cávado - Rabagão; plano geral do aproveitamento hidroeléctrico do rio Távora; relatório sobre o escoamento dos caudais de cheias que inundam as várzeas de Benavente e de Samora marginais aos rios Sorraia e Almançor; anteprojecto das obras de melhoramento do porto da Póvoa de Varzim; aproveitamento hidroeléctrico do rio Douro no escalão de Carrapatelo; plano geral do aproveitamento hidraulico da bacia do Mondego; projecto da barragem de Vilar, no rio Távora; e alteração dos perfis-tipo dos molhes do projecto das obras de melhoramento do porto da Figueira da Foz.

BOLETIM DE INFORMAÇAO DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS — Recebemos o «Boletim de Informação do Ministério dos Negócios Estrangeiros» relativo aos meses de Novembro e Dezembro do ano passado. O seu sumário é o seguinte: «Declarações de política externa»; «Notas oficiosas»; «O cisma comunista; consequências do cisma no plano ideológico; consequências do cisma no plano prático, no Mundo Comunista, no Terceiro Mundo e no Mundo Ocidental»; «Causas do cisma: inerentes á Revolução Comunista Chinesa, históricas e sociais»; «Aspectos ideológicos do cisma»; «Perspectivas e conclusões»; e «Nova Lei Orgânica do Ministério dos Negócios Estrangeiros».

CIÊNCIA E TÉCNICA FISCAL — Temos presente o n.º 96 do boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, do Ministério das Finanças «Ciência e Técnica Fiscal» cujo sumário é o seguinte: «Quando é que os credores do executado podem recorrer da sentença de verificação e graduação de créditos», por Francisco Rodrigues Pardal; «Introdução ao estudo das Finanças», por Pedro Soares Martinez; «A Direcção-Geral da Fazenda Pública Seu papel na administração pública» por António Cândido Mouteira Guerreiro e Crispim Ângelo Geraldo de Gouveia; «Política fiscal»; «Contribuição industrial»; «Direito processual»; «Execuções Fiscais»; «Imposto de capitais»; «Imposto complementar»; «Imposto profissional»; «Imposto sobre as sucessões e doações»; «Sisa»; «Contribuição predial»; «Taxa militar»; e «Informações fiscais».

Marinha Mercante

Um moderno cargueiro ligará Portugal e o golfo do México

A companhia armadora espanhola «Marítima del Nervión», que há anos mantém uma carreira regular dos portos de Nova Orleans, Houston e Brounsville para Lisboa e Leixões, servindo simultâneamente os portos espanhóis, anunciou a próxima entrada ao serviço de um novo cargueiro — o «Mar Cantábrico» — dotado dos meios mais avançados, para assim darem satisfação ás sempres crescentes exigências dos clientes.

O «Mar Cantábrico», que pode transportar cerca de 8500 toneladas, dispõe de cinco porões e tem acomodações para seis passageiros.

O navio é esperado em Lisboa nos primeiros dias de Abril, na sua viagem inaugural. É seu agente em Portugal a firma E. Pinto Basto & C.ª, Limitada

EURICO ROSA – FOTÓGRAFO

RETRATOS DE ARTE — REPORTAGENS

Trabalhos de amadores e industriais — Artigos fotográficos

R. D. MARIA I, 24 — TEL. 951444 — QUELUZ

Deseja a todos os seus clientes e amigos uma Páscoa Feliz

PASTELARIA ESRELA DE QUELUZ, L.DA

AV. JOSÉ ELIAS GARCIA, 146 — Telef. 950262 — QUELUZ

Fabrico diário de pastelaria, serviço de casamentos e baptizados no seu salão privativo

Deseja a todos os clientes e amigos uma Páscoa Feliz

JÓIAS — PRATAS — RELÓGIOS — OURO

JOALHARIA E OURIVESARIA

OURIJÓIA

HERLANDER A. DINIZ

AV. JOSÉ ELIAS GARCIA, 75 - C — Telef. 952507 — QUELUZ

Deseja a todos os clientes e amigos uma Páscoa Feliz

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

SPRAY-ORAL

halazon

A simpatia faz muito. Um hálito fresco faz o resto...

Depois de fumar, comer ou beber, para conversar, dançar e conviver.

Mais de 200 pulverizações - Esc. 32$50

VAUXHALL VIVA 67

MODELO SPORT SL 90

LICAR

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

Av. Casal Ribeiro, 48-A e C

DIÁRIO DE EVA

Repercussão do inquérito no sector feminino

Tínhamos pensado dirigir hoje um apelo ás nossas leitoras para que se não conservassem á margem do inquérito que presentemente dirigimos ao sexo masculino, e passassem a emitir opiniões ou críticas a propósito das respostas publicadas. O diálogo tornar-se-á ainda mais vivo se algumas das leitoras nos enviarem as suas concordâncias ou discordâncias dos pontos de vista masculinos.

Este nosso apelo, porém, deixou de ter razão de ser, pois espontâneamente uma leitora nos escreve com algumas considerações acerca do inquérito. As poucas respostas até agora publicadas levaram-na a concluir que os homens não corresponderam como seria de esperar e são poucas as respostas recebidas.

Esta conclusão não corresponde á verdade. São muitas as respostas recebidas e diàriamente continuam a chegar mais á nossa redacção. A maior parte muito extensas e reveladoras de um vincado interesse, por parte do homem, pelos problemas femininos. Isso será fácil de verificar pela publicação das respostas, cujo ritmo procuraremos não quebrar, embora estejamos tantas vezes condicionados pelo espaço

Passamos agora a transcrever a segunda parte da carta da nossa leitora, que consideramos de muito interesse:

«Acerca da resposta, do dia 14 do corrente, de um estudante universitário, solteiro, de 20 anos, sou a dizer que estou plenamente de acordo com ele no que respeita á sua resposta, quando diz: «á mulher com atribuições de mãe e dona de casa deve ser incompatível o trabalho profissional em «full-time», no entanto, neste caso acho compatível em «part-time», pois se realizará profissional e familiarmente»

Toda a mulher tende a ser mais qualquer coisa do que apenas uma boa dona de casa. O trabalho de casa, só, não chega para os seus anseios. Falta qualquer coisa. Digo isto por mim, pois que antes de casar fui empregada e pensava que seria feliz vivendo só para o lar.

Bem cedo verifiquei que, apesar de ser feliz com o meu marido, de ter tido um filho, de variar o mais possível o «menu», de ter sempre á sobremesa um lindo bolo enfeitado, de renovar as flores sempre que era preciso, isto não me bastava, eu tinha de ser útil de outra maneira.

Tudo que eu fazia para alindar a casa tornava-se em rotina, sentia-me pouca...

...E foi então que um dia meu marido chegou a casa e me disse que precisava de mim no escritório. Uma empregada ia casar e deixaria o lugar e então ele lembrou-se de mim. Iria para lá até arranjar nova empregada.

O meu marido precisar de mim!... Lembrar-se que eu existia e que lhe poderia ser útil foi o melhor dos presentes que me podia dar. Senti-me feliz e realizada. Vaidosa, até, porque era necessária ao meu marido e, desde então, fiquei no escritório e meu marido nunca mais pensou em nova empregada.

Tenho muito trabalho, é certo. Conjugar todo o trabalho de casa e profissional é deveras trabalhoso, mas como só entro ás 15 horas, tenho toda a manhã para o arranjo da casa e tratar do almoço. Tenho horas certas de entrada, tal como os outros empregados, pois devo dar o exemplo. Vivo feliz, mais se é possível, porque dia a dia eu vejo que o meu marido confia em mim. Ele conta-me todas as suas preocupações e eu, que estou junto dele, aprendi a conhecê-lo melhor, a admirá-lo profissionalmente e a amá-lo mais, se possível, e a compreender, enfim, que quando muitas vezes ele chegava a casa mal disposto e se fechava no quarto não querendo ver ninguém, eu não compreendia a sua atitude e, não querendo maçá-lo com perguntas, chorava. Hoje compreendo os seus desânimos, as suas alegrias, as suas preocupações. Um comerciante honesto e cumpridor passa por todos estes transes e hoje, cada vez mais, é á mulher que compete compreender, animar e acarinhar, para que o homem tenha confiança e apoio moral (porque ele também precisa de amparo) na sua vida profissional.

É uma felicidade muito grande para a mulher chegar aos vinte anos de casada e saber que o marido diz que só teve sorte na mulher que escolheu.»

Durante muito tempo foram consideradas inferiores as atribuições específicas das mulheres

Responde um estudante universitário, solteiro, de 20 anos.

1 — Qual a sua concepção da mulher ideal? Que qualidades considera indispensáveis no sexo feminino?

R. — As qualidades que considero indispensáveis numa mulher são a sinceridade, a inteligência e a compreensão.

2 — Como imagina a mulher do futuro?

R. — Tanto quanto é possível prever, creio que a mulher se irá igualando cada vez mais ao homem, em todos os sentidos.

3 — Qual a sua opinião acerca do trabalho profissional da mulher? Acha-o incompatível com as suas atribuições de mãe e dona de casa? Porquê?

R. — No tipo de sociedade actual, reconheço que nem sempre é fácil conciliar o trabalho profissional da mulher com as suas tarefas domésticas tradicionais. Na medida, porém, em que essa dificuldade seja superada, não vejo qualquer inconveniente em que a mulher tenha uma actividade profissional.

4 — Como gostaria que decorresse a orgânica do seu lar? Participa na sua elaboração ou deixa isso á inteira responsabilidade da sua esposa? Se não é casado, como espera proceder?

R. — Creio que uma das condições de felicidade conjugal é a compreensão mútua e, portanto, a colaboração em todos os actos da vida do casal. Nessas condições, a orgânica do lar deve girar á volta dos dois e não de um só.

5 — Como encara a ajuda masculina nos trabalhos domésticos, se a sua esposa não tem criada e trabalha fora do lar? O homem solteiro pode responder em perspectiva do futuro.

R. — Os trabalhos domésticos poderão ser desagradáveis para os homens, os quais não estão geralmente habituados a eles. Mas não os considero humilhantes. Simplesmente, esse tipo de trabalhos pertenceu durante muito tempo exclusivamente á mulher. E, durante muito tempo também, as atribuições específicas da mulher eram consideradas inferiores. Respondendo á pergunta, direi que não teria dúvidas em ajudar.

A vida do homem continua a ser uma luta instintiva pelo bem-estar

6 — Que pensa da cultura e promoção feminina? A mulher de hoje estará ou não mais apta a compreender o amor e a ter socialmente uma posição definida?

R. — Na época em que socialmente se impunha o emprego da força física, o homem, devido ás suas características somáticas, usufruía de ascendente em relação á mulher. Ora, como foi diminuindo a necessidade de emprego dessa força física, também o ascendente do homem se foi tornando menor.

Por outro lado, creio que ninguém hoje em dia deixará de reconhecer que, sob o ponto de vista intelectual, a mulher se iguala ao homem. Portanto, a promoção social da mulher não pode e não deve ser evitada.

7 — Porque se nota, em geral, um tão acentuado desinteresse da mulher pelas questões políticas? A participação da mulher neste sector tão importante na vida das nações no rumo dos povos não será de desejar?

R. — Apesar da importância fundamental que as questões políticas têm na sua vida, o homem comum, preocupado com os mil e um problemas do seu dia-a-dia, mostra por vezes um certo desinteresse por tais questões, tanto mais que, devido á sua complexidade, elas envolvem geralmente a necessidade de conhecimentos de diversa natureza que ele não possui.

No que respeita á mulher, há a acrescentar que, tradicionalmente, ela está pouco habituada a tomar parte activa nas questões políticas.

Hoje em dia, porém, esta situação está a mudar. O papel que a mulher desempenha na sociedade em geral e na vida política em particular é cada vez mais importante. E, certamente, continuará a sê-lo ainda mais.

8 — A mudança quase radical na personalidade feminina, na última centena, motivou a própria transformação do homem. Quer definir o homem actual?

R. — Definir o homem actual é tarefa difícil. Seria necessário caracterizá-lo sob diversos pontos de vista que abrangessem todos os aspectos em que a sua vida pode ser encarada. Prefiro, pois, salientar de uma maneira sintética o que me parece ser a sua característica actual mais chocante. A vida do homem continua a ser fundamentalmente uma luta instintiva pelo bem-estar. Mas nessa luta, nota-se a falta de uma reflexão de índole filosófica acerca dos seus problemas essenciais: a sua origem, o seu fim, a finalidade da sua vida e portanto acerca da definição dos valores que o devem orientar.

Sob o ponto de vista intelectual a mulher iguala-se ao homem

9 — Que pensa do patriarcado e matriarcado?

R. — Creio que não há, de um modo geral, que dar preponderância ao homem ou á mulher. O progresso, entendido na sua acepção mais lata como acréscimo de bem-estar, implica estreita colaboração entre os dois sexos.

10 — Importar-se-ia ser dirigido profissionalmente por uma mulher? Porquê?

R. — Das minhas respostas anteriores pode-se inferir que não veria qualquer inconveniente em que isso acontecesse, na medida em que continuo a pensar que, sob o ponto de vista intelectual, a mulher se iguala ao homem.

NOTA — Leitor, a sua resposta deve vir acompanhada com a indicação da idade, profissão e estado civil para que a possamos ter em conta.

Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na agência ANTÓNIO SÁ RODRIGUES HERDEIROS. Rua Mouzinho Magro 46

Conjunto para as raparigas

As jovens preferem as «toilettes» simples e utilitárias. Fáceis de limpar, fáceis de executar, fáceis de usar, e, resistentes sem serem incomodativas. Modelos, como estes que aqui se apresentam, são sempre bem recebidos pelas raparigas de hoje, quer sejam estudantes ou empregadas

FOI INTENSA A ACTIVIDADE EM 1966 DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES

A actividade da corporação dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses durante o ano passado foi particularmente intensa. Os 90 componentes do corpo activo, sob o comando do sr. tenente França de Sousa, actuaram naquele período em 4681 serviços e as respectivas viaturas percorreram 125 649 quilómetros.

Os serviços em que os Voluntários Lisbonenses foram chamados a actuar distribuem-se como segue: incêndios, 213; conduções de doentes e feridos, 3858; inundações, 14; cortes de água, 30; abertura de portas, 29; salvamento de animais, 4; prevenções no aeroporto, 9; exercícios, 89; outros serviços, 435.

Actividade no posto de socorros

No posto de socorros permanente da prestimosa associação, do qual é director clínico o sr. dr. Sacadura Fonseca e enfermeiro-chefe, o sr. Mário de Oliveira, foram prestados durante o ano de 1966 serviços de assistência a feridos e doentes num total de 12 753, entre os quais, 9515 injecções e vacinações, 2471 tratamentos e pequena cirurgia, além de consultas, análises e radiografias, quer no posto, quer no domicílio.

Novos capelães militares com diversos postos

Segundo a última «Ordem do Exército», ingressaram no serviço de assistência religiosa, na categoria de capelão militar, com o posto de tenente-coronel, o capelão graduado em capitão rev.º José Domingos Alves Cachadinha; e como capitães os rev.os João Lopes Damaso, José Maria de Braula Reis, José Manuel Guerreiro, José da Costa Saraiva, João das Neves Bento, Pedro Maria da Costa de Sousa de Macedo de Gamboa Bandeira de Melo, Ângelo Rueia Cirne, Francisco Jorge, Rui Melo de Azevedo de Lemos Correia Leal, Bártolo Paiva Gonçalves Pereira, Manuel Rodrigo Jerónimo, Manuel Maria Henriques, Miguel Sapata Ramalho, António Gata Lavojo Simões, José Agostinho Moita, José Martins da Veiga, José Pires Soares, Manuel Joaquim da Silva Capitão e Nazário Domingos de Carvalho; e como graduados em tenente os rev.os António da Conção Alves Franco Araújo de Sousa, João Marques de Freitas Marado, Carlos Manuel Castelão Gonçalves, João dos Santos Diamantino, António Lopes Amador, Armando Jorge Baptista da Silva, Diamantino da Silva Maurício e Vítor Gualdino de Campos.

«Diário de Lisboa»

O secretário nacional da Informação agradeceu amàvelmente ao «Diário de Lisboa» o relevo dado no nosso jornal á cerimónia da entrega dos prémios literários do S. N. I.

LOTES PARA MORADIAS EM **CASCAIS** PREÇOS DESDE **50 CONTOS**

ÓPTIMA SITUAÇÃO. JUNTO DO CONJUNTO TURÍSTICO E O AERÓDROMO DE **TIRES**, BEM SERVIDO DE TRANSPORTES COLECTIVOS PARA AS PRAIAS DE SANTO AMARO CARCAVELOS, PAREDE, ESTORIL, CASCAIS ETC.

PROP. BARAONA & BARAONA

Estrada Marginal, Lote J M E. 2.º C — CASCAIS

Tel 28 23 45 e 28 23 88

A Sociedade Estoril tenciona despender 90 mil contos em material circulante

e 10 mil em melhoramentos nas estações se for autorizado o aumento das tarifas

Reuniu-se, ontem, a assembleia geral da Sociedade Estoril, sob a presidência do dr. Francisco José Vieira Machado, e com a assistência do eng.º Carlos Themudo Barata, delegado do Governo, tendo sido aprovados o relatório, balanço, contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal, respeitantes ao exercício de 1966.

O saldo da exploração foi de 21 163 750$58, e o saldo do exercício de 1 313 429$23. Em comparação com as contas do exercício do ano anterior, verificou-se um aumento de 4637 contos nas receitas (mais 8 %); aumento de 1962 contos nas despesas (mais 5 %); aumento de 464 contos na renda paga á C. P., consequência da melhoria da receita; saldo de exploração superior em 2211 contos; o coeficiente de exploração desceu de 61,6 para 60,24, extremamente baixo em caminhos de ferro, o que é para salientar, dada a exiguidade das tarifas.

A melhoria de 2211 contos no saldo de exploração não chegou para cobrir o agravamento das despesas de 1.º estabelecimento, que se cifrou em 6684 contos. De uma e de outro resultou uma situação desfavorável de 4473 contos em 1966. Daqui resultou não ter sido possível, como nos anos anteriores, considerar na conta do exercício a amortização das obrigações efectuada, na importancia de 6763 contos.

A Sociedade efectuou uma provisão de 5 mil contos para a compra de material circulante e obteve o saldo citado de 1313 contos, inferior em 1278 contos ao do ano anterior.

Movimento de 35 795 657 passageiros

No que respeita ao movimento de passageiros, em 1966, verifica-se que viajaram 12 019 046 em 1.ª classe e 23 776 611 em 2.ª classe, o que dá um total de 35 795 657. Relativamente a 1965, as diferenças para mais foram, respectivamente, de 1 855 388 e 770 358, o que totaliza 2 625 746. É curioso notar que foi notável o aumento de passageiros da 1.ª classe. O aumento em 2.ª classe, em contos, foi de 1849 (mais 4 %) e em 1.ª classe de 2984 (mais 17 %), considerando-se este facto como argumento da modicidade das tarifas. É, ainda, curioso verificar que, excluídas as assinaturas semanais, que representam apenas 4 % do total, a receita de assinantes de 1.ª classe ultrapassa já a dos assinantes de 2.ª classe, o que parece ser um caso inédito neste tipo de transportes.

No que se refere ao material circulante e tarifas, informa o relatório que a ultima encomenda daquele material entrou em serviço em 1960, e nesse ano foram transportados apenas 22 milhões de passageiros. Como o numero destes aumentou, de então para cá, de 14 milhões (mais 64 %), é evidente que se torna necessário e urgente aumentar os efectivos de material circulante.

Propõe-se um aumento de 25 por cento das tarifas

Depois, salienta o relatório:

«De 1960 para 1966 o aumento do numero de viagens de assinantes mais que dobrou; é praticamente de 2,5 vezes. É óbvio que temos de proceder a nova encomenda de material circulante. Este investimento, acrescido da nova subestação a construir em S. Pedro do Estoril e do aumento das plataformas para permitir composições mais compridas, deverá andar pela casa dos 100 000 contos. Todos os investimentos que fizermos terão que estar amortizados dentro dos 10 anos que faltam para o termo do arrendamento. A fórmula que nos parece mais viável para resolver o problema será a de um ligeiro aumento de tarifas, da ordem dos 25 %.

As tarifas actuais suportaram apenas um agravamento de 15,5 % nos ultimos 40 anos. São as mais baixas do País, e não são do nosso conhecimento quaisquer tarifas de transportes suburbanos tão baixas como as da linha de Cascais».

Acrescenta-se que, talvez devido a esse facto, a remuneração do capital da empresa, depois de deduzidos os impostos pagos ao Estado, fica aquém da importancia paga pelo concessionário da publicidade da linha, o que quer dizer que toda a receita proveniente do tráfego é inteiramente absorvida pelas despesas da exploração e do 1.º estabelecimento.

Aguarda-se autorização de aumento de tarifas para se iniciarem os investimentos

Assim, faz parte do plano de actividade da Companhia o investimento de 100 mil contos, dos quais, mais de 90 mil se destinariam ao aumento e melhoria do material circulante, e 10 mil a obras necessárias nas respectivas estações, nomeadamente a ampliação das plataformas de embarque e reforço de energia eléctrica. Mas, para isso, a Companhia vai entregar no Ministério das Comunicações o pedido de aumento das tarifas na base de 25 por cento.

Por fim, a assembleia propôs para o saldo do exercício a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Variável, 100 contos; para dividendo ao capital, cativo de impostos, 1200 contos; para conta nova, 22 963$53.

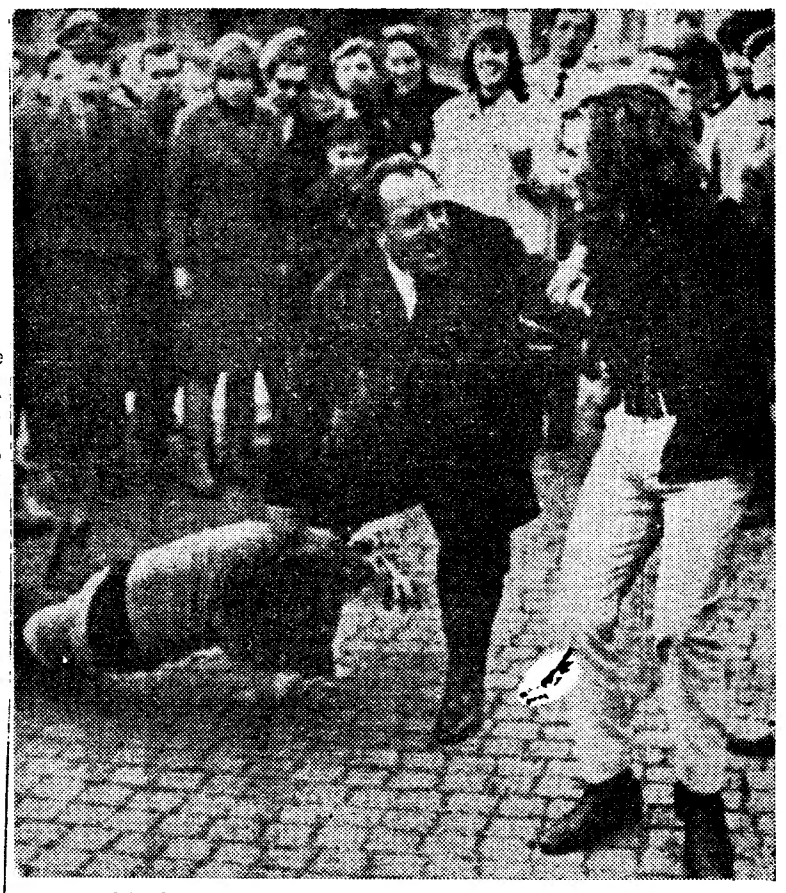
A assembleia ocupou-se, também, da eleição de dois secretários para a mesa da assembleia geral, eleição que recaiu nos accionistas srs. João Fausto de Figueiredo Pereira Braga e Luís Pedro Mourisca.

É sepultado amanhã o bombeiro da Amadora que faleceu num treino

Causou profunda emoção o acidente ocorrido ontem á noite no quartel dos Bombeiros Voduntários da Amadora, durante os exercícios que se efectuavam na casa-escola e em que perdeu a vida o bombeiro sr. Vítor Manuel Tavares Ferreira, de 24 anos, natural de Lisboa. Aquele voluntário, que práticamente entrara para a corporação aos 15 anos, fizera já centenas de vezes aqueles exercícios, na altura orientados pelo instrutor sr. António Guerreiro. Mas, talvez por se encontrar um pouco adoentado, perdeu momentaneamente o domínio dos movimentos, precipitando-se no solo quando procedia á descida da casa-escola por uma escada de gancho. Caiu mal e veio a falecer mais tarde, pouco depois de dar entrada no Hospital de S. José.

Elemento dedicado á corporação, onde práticamente residia, ao desditoso Vítor Ferreira serão prestadas as honras devidas. O seu corpo, por decisão do comandante dos B. V. da Amadora, sr. Rui do Silveira Lopes, ficará hoje no quartel, onde será armada camara ardente. Os seus colegas do corpo activo e de outras corporações prestar-lhe-ão guarda de honra.

O funeral efectuar-se-á ámanhã, a hora ainda a determinar, para o talhão privativo dos B. V. da Amadora, no cemitério da vila.



Um polícia á paisana, depois de derrubar um jovem «beatnik», tenta deter outro, na Praça de Espanha, em Roma. Ultimamente, as autoridades da capital italiana têm adoptado disposições severas contra os «beatniks», versão americanizada dos existencialistas

As condições de recepção da TV em Santiago do Cacém e em Sines

SANTIAGO DO CACÉM, 23 — Apesar da R. T. P. ter montado um posto retransmissor nesta vila, continuam a ser más as condições de recepção pelo seu canal (9) — piores ainda do que quando se ligava para o canal 7 (de Lisboa). Em algumas freguesias deste concelho o posto retransmissor desta localidade não é captado, e em Sines as condições de recepção também são muito deficientes — reinando por isso um geral descontentamento.

—*—

Procurando o nosso jornal esclarecer esta questão junto dos respectivos serviços da R. T. P., informaram-nos que não pode haver comparação na recepção em Santiago do Cacém feita pelo canal 9 «local) ou pelo canal 7 (Lisboa) — sendo aquele incomparávelmente melhor. O que deve acontecer é as instalações estarem preparadas para o canal 7, com as antenas viradas para esse lado — e daí a dificuldade na captação. Afinadas as antenas, as condições de recepção são muito boas.

Quanto a Sines — informaram-nos ainda — o problema é diferente. Conforme as zonas da vila e do concelho o retransmissor que se capta melhor é o de Foia (Monchique) ou o de Santiago do Cacém, ou ainda, até, excepcionalmente, o de Lisboa. Devem portanto os possuidores de televisores apurarem — com a colaboração de técnicos, já se vê — qual o retransmissor mais adequado, e afinarem depois, em relação a ele, as respectivas antenas.

A agressão a dois guardas da P.S.P.

Da esquadra dos Anjos foram transferidos para um calabouço do Governo Civil, a fim de serem julgados no Tribunal de Polícia, António Augusto Sousa Azevedo e Fernando Manuel dos Santos, ambos de 21 anos e empregados em Luanda, que ontem, á noite, no cruzamento da Avenida Almirante Reis e das ruas Apolo e Febo Moniz se apearam de um táxi e socaram o polícia sinaleiro Raimundo Fernandes, de 28 anos, morador na Rua de S. Miguel, 7-3.º esquerdo, por este ter cortado o trânsito naquela avenida, para dar passagem aos veículos que circulavam nas transversais.

O guarda defendeu-se utilizando o seu bastão, mas outros três indivíduos, que surgiram num outro táxi, associaram-se á agressão, ferindo também o polícia Manuel Joaquim Paulo, de 44 anos, em serviço na Presidência da Republica, que acorreu em socorro do seu camarada e que ficou gravemente ferido na cabeça, pelo que teve de ficar internado no Hospital de São José.

Os passageiros do segundo táxi conseguiram fugir, mas os do primeiro foram impedidos de fazer o mesmo, por populares que os agarram e os entregaram aos elementos de um carro-patrulha da Polícia.

Na esquadra dos Anjos, os dois presos explicaram a sua conduta pela atitude pelo facto de ter sido interrompida a marcha do táxi em que seguiam, quando eles se dirigiam ao aeroporto, a fim de embarcarem para Luanda no avião das 22 e 30.

EM TRÊS LINHAS

Foram definidas, por portaria, as atribuições dos diferentes órgãos do Ministério do Exército que têm intervenção no estabelecimento das servidões militares.

///

Está prevista, para este ano, uma visita do navio-escola «Sagres» ao Brasil.

NECROLOGIA

FUNERAIS

Egas dos Santos Ribeiro

Da igreja das Mercês para o cemitério do Alto de S. João, onde o corpo ficou sepultado, no talhão privativo dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, saiu esta tarde o funeral do sr. Egas dos Santos Ribeiro, que ontem faleceu, com 73 anos.

O extinto, que era natural de Lisboa, foi durante muito tempo funcionário da Delegação de Saude de Lisboa.

Entre os factos que assinalaram a sua vida publica destacam-se os de ter sido comandante dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, dirigente do Sport Lisboa e Benfica, do qual era um dos primeiros sócios, e presidente da Associação de Atletismo de Lisboa.

Pelos serviços prestados no exercício dessas actividades era galardoado com a medalha de D. Maria II, a de Serviços Distintos da Cruz Vermelha Portuguesa e a de Isabel, a Católica, de Espanha.

Era casado com a sr.ª D. Sofia de Oliveira Amaral Ribeiro, pai do sr. Álvaro Amaral Ribeiro, casado com a sr.ª D. Maria Luísa Alves de Lemos Ribeiro; e da sr.ª D. Maria Helena Ribeiro Freitas da Silva, casada com o sr. António Freitas da Silva e avô do sr. Paulo António de Lemos Ribeiro.

Francisco Lopes Gião

GUARDA, 23 — Para o cemitério municipal, efectuou-se hoje o funeral do sr. Francisco Lopes Gião, de 74 anos, conceituado comerciante na Guarda, que faleceu no Porto.

O extinto era sócio das firmas Conde & Gião e Manuel Conde e C.ª, natural de Vila Nova de Tazem — Gouveia, casado com a sr.ª D. Sofia Gomes Gião e pai das sr.as dr.ª M.ª Suzete Gião Valente, casada com o sr. dr. Manuel Teixeira Valente, D. Palmira Gomes Gião, casada, residente em Lourenço Marques, e dos srs. Francisco Alberto Lopes Gião, tenente-coronel da Aeronáutica, José Lucio Lopes Gião, eng.º civil da Câmara Municipal de Almada, e Manuel Lopes Gião, conhecido automobilista e agente comercial.

Isidro Alegria Roxo

ALTER DO CHÃO, 23 — Após missa de corpo presente, efectuou-se o funeral do sr. Isidro Alegria Roxo, de 74 anos, natural de Castelo de Vide mas residente em Alter do Chão há 34 anos. O extinto deixa viuva a sr.ª D. Maria Francisca d'Alegria e era pai da sr.ª D. Maria Catarina Roxo, casada com o sr. João Velez Agostinho, ajudante da Conservatória do Registo Civil, e do sr. Francisco d'Alegria Roxo, empregado na Coudelaria de Alter e casado com a sr.ª D. Maria Luísa Velez Agostinho.

Joaquim Gonçalves Gato

FIGUEIRA DA FOZ, 23 — Efectuou-se o funeral do abastado proprietário sr. Joaquim Gonçalves Gato, de 84 anos de idade, natural da freguesia de Alqueidão e residente nesta cidade, onde exerceu o cargo de oficial de diligências.

Como não tinha filhos, o extinto deixou vários legados a sobrinhos, á sua criada e ao pároco da freguesia, para este distribuir pelos pobres, diversos prédios á Obra da Figueira, instituição que tem a seu cargo os Asilos dos Velhos e da Infancia Desvalida, e uma casa de habitação a cada uma das Conferências de São Vicente de Paula.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 00 22

SURDOS
AS CASAS SONOTONE, em Lisboa, Poço do Borratém, 33, e no Porto, Praça da Batalha, 92, estão encerradas amanhã e sábado santo e aproveitam para desejar PÁSCOA FELIZ aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

PORTO KOPKE
desde 1638

agentes no sul
OLIVEIRA & TORROAES LDA.
rua do salitre, 123
lisboa, telef. 5 78 51

Diario de Lisboa

COIMBRA

A cidade terá novamente um monumento a Camões

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araujo Vieira, deu conhecimento aos vereadores de uma carta do presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, sr. conselheiro dr. Perestrelo Botelheiro, sugerindo que, no Largo dos Arcos do Jardim, ao cimo da Rua Alexandre Herculano, seja erigido um condigno monumento a Luís de Camões, iniciativa que tinha já o apoio do presidente da Câmara e do chefe do distrito, acrescentando que, numa recente conferência entre a direcção á qual preside e os srs. ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas ambos incitaram a direcção daquela Associação a prosseguir para efectivação prática da iniciativa; e, de tal forma, que aqueles membros do Governo, em especial o segundo, se propuseram subsidiar, na respectiva e adequada medida, o custo do monumento.

O sr. eng. Araujo Vieira solicitou que os vereadores se manifestassem, e todos o fizeram. A sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar associou-se á ideia, salientando a necessidade de se proceder préviamente a um estudo sobre um monumento condigno com a figura do grande poeta e o próprio local, pronunciando-se no mesmo sentido os srs. António Neves da Costa, Miranda Veloso e eng.º Azevedo Sobral, que salientou a circunstância de o monumento a Camões dar satisfação aos munícipes, tanto mais que, através da Imprensa, já essa ideia fora defendida. Referiu-se ao facto de a Câmara há muito se preocupar com o arranjo do local em questão e agora se lhe apresentar a oportunidade para isso. Por último, o presidente deu, também, o seu apoio á sugestão.

O sr. eng.º Araújo Vieira deu, igualmente, informações sobre as obras na Alameda Júlio Henriques, e apresentou a sugestão dos Serviços Municipalizados, para dali serem retirados os carris da tracção eléctrica e esses transportes, substituídos por autocarros, o que foi aprovado e as obras na Rua Infantaria n.º 23, que completam as da Alameda. Foi ainda resolvido transformar os terrenos das demolições para a abertura da Avenida Central em parque de estacionamento para automóveis, entregue á fiscalização da P. S. P

Curso científico na Faculdade de Medicina

Promovido pela Faculdade de Medicina, com a colaboração do Laboratório de Física e Engenharia Nuclear e dos Laboratórios de Radiosótopos das mesmas Faculdades de Lisboa e do Porto e do Instituto Português de Oncologia, haverá nesta cidade, de 10 a 13 de Abril, um «Curso sobre métodos de diagnóstico e de terapêutica com referência ao emprego de radionuclidos».

A sessão inaugural será no dia 10, ás 10 horas, e dará uma lição o sr. prof. dr. Augusto Vaz Serra, director da Faculdade de Medicina de Coimbra

Centro de Recuperação

A Junta Distrital abriu concurso para a adjudicação do fornecimento e montagem do mobiliário e equipamento do Centro de Recuperação da Figueira da Foz (segunda parte), cuja base de licitação é de 420 250$00.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

AVENIDA — Às 21 e 30: horas: «Desapareceu Bunny Lake» (17 anos).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (Tel. 22011).

SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).

CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).

SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

O I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa

Na Faculdade de Letras decorrerá, como dissemos, de 30 de Abril a 7 de Maio, o I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, que tem o patrocínio do Instituto de Alta Cultura e durante o qual serão tratados alguns problemas fundamentais para o ensino e difusão da língua portuguesa, não apenas nos dois países mas ainda nas comunidades lusas em países estrangeiros, nomeadamente nos Estados Unidos da América, na França, na África do Sul, etc.

Dos temas a tratar salientam-se, entre outros: descrição exaustiva das variedades cultas do Português contemporâneo do Brasil e de Portugal, feita segundo as modernas perspectivas; a reforma do ensino do Português como língua materna (dando particular atenção á formação dos professores, aos livros de texto, ao papel formativo do ensino da língua pátria, etc.), e como língua secundária, nos leitorados e cursos de férias; o estabelecimento do Português fundamental; a nomenclatura gramatical; o problema do acordo ortográfico; unificação da nomenclatura das ciências e das diversas técnicas, intercâmbio de estudantes, de locutores de rádio e de televisão e de programas gravados entre Portugal e Brasil, como factores importantes da unidade da língua; criação de escolas de tradutores; etc.

O programa do Simpósio, que conta já com numerosas adesões de especialistas brasileiros e portugueses, inclui ainda, além das sessões de trabalho, uma exposição de publicações brasileiras sobre linguística e filologia, um espectáculo pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, um sarau pelo Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra e outras manifestações de carácter cultural e social

ESTÁ A NORMALIZAR-SE O LABOR QUOTIDIANO NO HOSPITAL DE SANTARÉM

SANTARÉM, 23 — Depois da tragédia que envolveu doentes e servidores do Hospital Regional desta cidade, devido a pavoroso incêndio que ameaçou a vida de recentes operados e de muitas crianças e consumiu bens materiais muito valiosos, começa a normalizar-se, penosamente, a vida quotidiana naquele estabelecimento.

As chamas, que lavraram com grande intensidade e mobilizaram a acção rápida e persistente de todos os bombeiros locais, auxiliados por numerosos populares, tiveram origem na explosão de um fogareiro a petróleo. Algumas irmãs e serventes revelaram um espírito de sacrifício notável no salvamento dos doentes.

A cidade, nomeadamente os familiares de quantos se encontravam internados no hospital, viveu horas de pavor. Os ânimos só serenaram quando se observou que não havia desastres pessoais graves a lamentar, embora uma irmã enfermeira tenha ficado muito queimada nas mãos.

NOTÍCIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

Produtores de sal

FIGUEIRA DA FOZ, 23. — Com o patrocínio da brigada técnica da XVIII Região da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, efectuou-se na delegação instalada nesta cidade, numa sala privativa do Grémio da Lavoura, uma reunião de elevado numero de proprietários salineiros, convocada pelo activo defensor da criação de uma cooperativa e abastado proprietário de salinas dr. João Gardilho da Silva Bagão.

A esta reunião, de carácter oficial, presidiu o regente agrícola sr. José Páscoa Pinheiro, que, depois de dar alguns esclarecimentos acerca da sua vinda á Figueira da Foz como delegado da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, e ainda, sobre a criação da cooperativa dos produtores de sal neste concelho, deu a palavra ao dr. Silva Bagão, que expôs as razões que o levaram a fazer a convocação daquela reunião que teve por fim estudar a fundação daquela cooperativa, as suas vantagens e os seus benefícios para todos os produtores.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

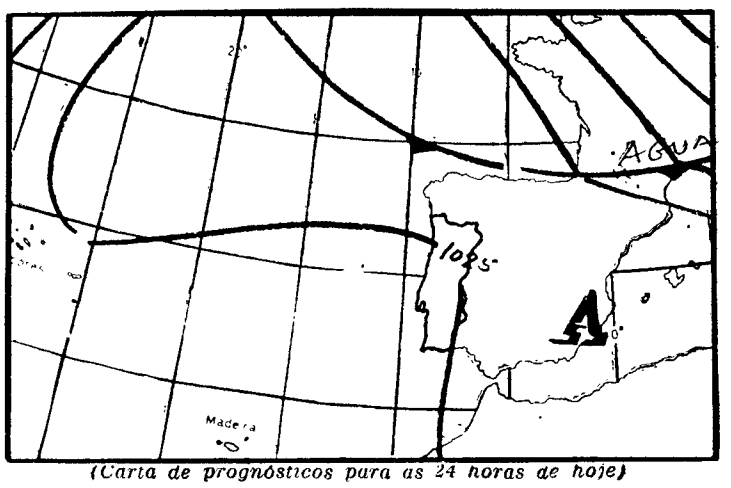
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo e o vento era fraco, por influência de um anticiclone centrado a noroeste da Península.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 27°; mínima: Alvalade, 3°,5.

TEMPERATURAS DO AR — Coimbra, 16°; Faro, 17°; Funchal, 17°; Lisboa, 14°; Penhas Douradas, 14°; Portalegre, 19°; Porto, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 18°,4; na água do mar, 14°,8.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)

B — Depressão (baixas pressões)

— Isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 23 — Deverá manter-se o bom tempo.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do bom tempo; céu limpo; vento fraco.

SOL AMANHÃ *Nascer ás 7 e 36* *Ocaso ás 19 e 51*

MARÉS

PREIA-MAR: Dia 23 — A 1 e 53 (3,8 m); 14 e 33 (3,7 m). Dia 24 — Às 2 e 48 (4 m); 15 e 16 (4 m). Dia 25 — Às 3 e 30 (4,3 m); 15 e 58 (4,2 m).

BAIXA-MAR: Dia 23 — As 8 horas (1 m); 20 e 15 (1,1 m). Dia 24 — Às 8 e 40 (0,8 m); 21 horas (0,8 m). Dia 25 — Às 9 e 22 (0,6 m); 21 e 40 (0,6 m).

FASES DA LUA

Dia 26 — Dia 1 — Dia 9 — Dia 17

Os Amigos dos Castelos (Espanha) visitaram Montemor-o-Novo Palmela e Setúbal

Trinta e quatro membros da Associação Espanhola dos Amigos dos Castelos (de que é presidente de honra o generalíssimo Franco), presentemente no nosso País, visitaram, hoje, Montemor-o-Novo, Palmela e Setúbal, tendo almoçado no Hotel do Mar, em Sesimbra.

Amanhã será visitado o circuito turístico Lisboa - Sintra - Cascais, efectuando-se no Castelo de S. Jorge, á tarde, uma recepção oferecida aos visitantes pelo Município de Lisboa.

DUCELLIER

EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS ADOPTADOS POR 70% DOS CARROS CONSTRUIDOS EM FRANÇA

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73-79

LISBOA

COZINHA VELHA

QUELUZ

DOMINGO DE PÁSCOA

ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTA ESPECIAL

Lembramos aos nossos habituais clientes a conveniência de reservarem mesas

A DIRECÇÃO

GRAVADORES

GRUNDIG

aproveite a campanha comemorativa da inauguração de

ultraLar

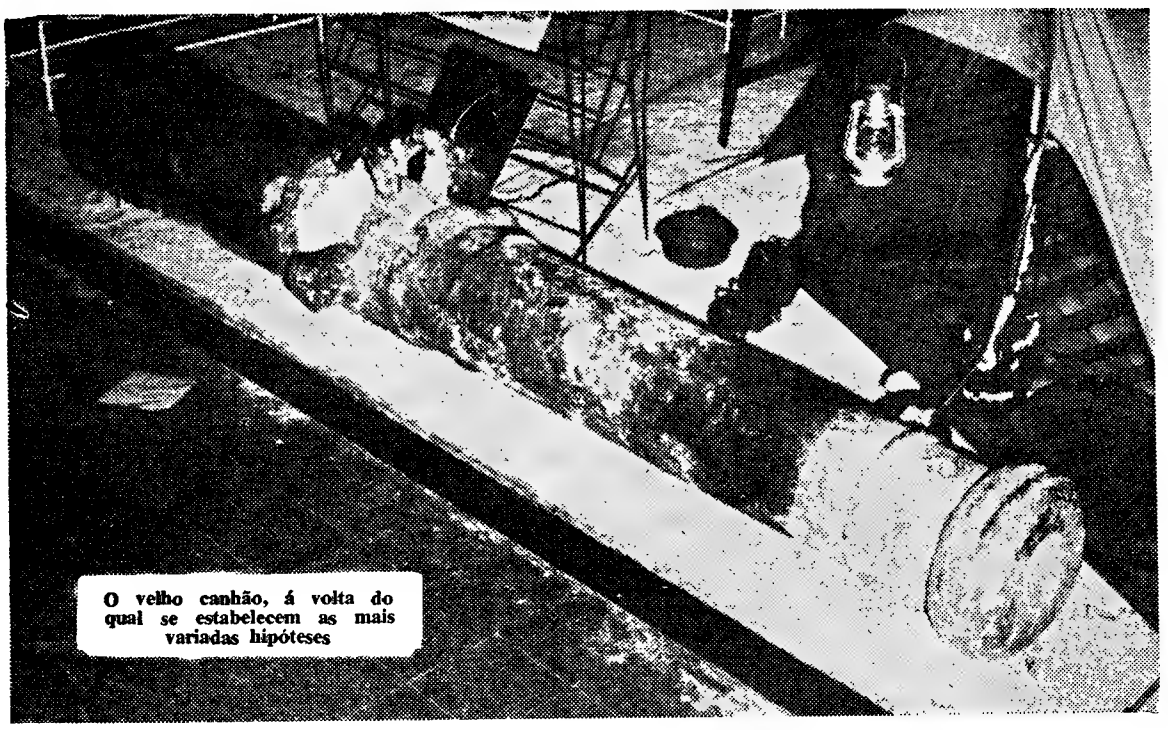
PRAÇA DE LONDRES, 7-A e B LISBOA

MAIS UMA LOJA Pardo

MENORES PREÇOS

MAIORES FACILIDADES

No CACÉM o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO



O velho canhão, á volta do qual se estabelecem as mais variadas hipóteses

É necessário trazer à superfície velhos canhões que jazem próximo da Roca para se concluir se tais relíquias testemunham um episódio glorioso da vida da nossa Armada

Quando, no Verão do ano passado — como a Imprensa então referiu — mergulhadores do Benfica, em explorações de pesca submarina, encontraram e conseguiram trazer á superfície um canhão do século XVII que jazia no fundo mar, ao largo do cabo da Roca, em dezoito metros de profundidade, historiadores e arqueólogos entregaram-se desde logo ao estudo das prováveis origens dessa relíquia naval.

Alguma coisa se escreveu então sobre o assunto, cujo interesse histórico permanece vivo, tanto mais que, até este momento, ainda não foi possível definir concretamente a que navio — português ou estrangeiro — terá pertencido aquela centenária arma para o combate no mar.

Uma das versões aventadas parece não ter cabimento: a de que o vetusto canhão — que pesa 1625 quilos e que esteve agora em exposição no recinto ocupado pelo Benfica no salão Nauticampo-I, há dias encerrado nos pavilhões da F. I. L. — teria pertencido a um dos navios da frota de Duguay Trouin, perdidos durante o combate sustentado com uma frota portuguesa, quando aquela regressava do Brasil. E essa versão perde viabilidade se nos reportarmos á História quando ela nos diz que, nesse combate, travado efectivamente ao findar o primeiro quartel do século XVII, não houve navios afundados — nem portugueses nem franceses. A ser assim, e parece não haver dúvidas de que assim foi, a hipótese «navio de Duguay Trouin» terá de ser posta de

(Continua na 17.ª página)

O cardeal-patriarca presidiu esta manhã na Sé ao pontifical dos Santos Óleos

Mantendo uma tradição que se perde na poeira dos tempos, grande parte da população de Lisboa trajou hoje de preto e visitou os templos, nos quais se realizaram os costumados actos religiosos de Quinta-Feira Santa, ou de Endoenças, como o povo designa este dia.

Com um tempo primaveril, as ruas da Baixa, em especial durante a tarde, registaram grande concorrência de fiéis, desgnadamente senhoras, que percorreram as igrejas e assistiram ás cerimónias liturgicas, que tinham começo de manhã.

Como habitualmente, tiveram maior imponência os actos efectuados na Sé Patriarcal, os quais tiveram a presença do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira e de elevada representação do clero. Os devotos também estiveram presentes em grande numero.

Pouco antes das 10 horas, chegou á igreja mãe da diocese o sr. cardeal-patriarca, que foi recebido pelo cabido, clero, seminaristas e componentes da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Depois de paramentado no seu camarim, o ilustre purpurado dirigiu-se para a capela-mor, em luzido cortejo, enquanto a «Schola Cantorum» do Seminário Maior Patriarcal de Cristo-Rei, entoava o «Introito». O sr. cardeal-patriarca dirigiu-se para junto do altar e deu logo começo ao solene pontifical da instituição da Eucaristia, segundo o rito estabelecido pela nova reforma liturgica.

A concelebração

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira concelebrou com vinte sacerdotes, tendo como presbítero assistente o rev. cónego D. João de Castro (Nova Goa), pró-vigário geral do Patriarcado, e como assistentes ao sólio os revs. cónegos José Falcão e José Pedro, reitor do Seminário de Almada. Serviram de acólitos da missa o rev. cónego dr. Figueiredo Sarmento e um seminarista. Nos cadeirais, viam-se o bispo titular de Telepte, sr. D. Manuel Falcão, e os cónegos e beneficiados do cabido.

A missa decorreu como nos anos anteriores, tendo apenas a inovação da concelebração, resultante da reforma decretada pelo Concílio Ecuménico.

Ao ofertório, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira deixou o trono e dirigiu-se para a entrada da capela-mor, onde procedeu á cerimónia da benção dos Santos Óleos. Um diácono conduziu o bálsamo, dois subdiáconos o óleo para os enfermos, outros dois o óleo para o crisma e ainda mais dois o óleo para os catecumenos, os quais foram oferecidos ao sr. cardeal-patriarca pela Associação dos Farmacêuticos Católicos. Os vigários das varas conduziram de tarde os óleos para as suas respectivas vigararias, onde os párocos ainda hoje os vão buscar, a fim de, á noite, darem entrada solene nas paróquias.

A benção faz-se também na presença dos sacerdotes concelebrantes e de quinze presbíteros, sete diáconos e os restantes subdiáconos. Depois, os óleos, em procissão, voltaram novamente para a sacristia.

As cerimónias foram explicadas pelo rev. cónego Gregório Neves e dirigidas pelo mestre de cerimónias da Sé, rev. cónego dr. Honorato Monteiro, coadjuvado pelo beneficiado Eugénio dos Santos, prior da Sé.

Almoço no Patriarcado

Como nos anos anteriores, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa ofereceu, ao começo da tarde, no palácio do Campo de Sant'Ana, um almoço aos membros do Cabido e familiares do Paço, como símbolo da ultima ceia de Cristo com os apóstolos.

Pontifical da comemoração da Ceia do Senhor

Ao fim da tarde, no prosseguimento das cerimonias, igualmente sob a presidência do sr. cardeal-patriarca, haverá solene pontifical da comemoração da ceia do Senhor, seguido de homilía dos grandes mistérios do dia, de piedosa cerimónia do lava-pés, de comunhão geral do Clero e dos fiéis, da trasladação do Santissimo para o cofre Eucarístico e desnudação dos altares.

As cerimónias de amanhã

Amanhã, Sexta-feira Santa, ás 10 horas, na Sé, são celebrados os ofícios de Trevas — responsórios — gregoriano e polifonia. De tarde, a partir das 15 horas, haverá come-

O n
celeb

moração
nhor, s
Cruz e
nhor.

Prociss

ÉVOR

Uma novidade para a Páscoa

A MENSAGEM DOS EVANGELHOS

de Angelo Alberti

com prefácio do Cardeal Montini actual Paulo VI

1 vol. c/ 500 pág. 75$00

CLÁSSICA EDITORA
Restauradores, 17 • LISBOA

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
Fundada em 895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTISTICAS
162, Rua de S. Paulo 62-B
Telefone 30013 — LISBOA

ZEBÚ

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
COMO O FAZ, HA QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

AMANHÃ, SEXTA-FEIRA SANTA
devido à solenidade do dia está encerrado o
CASINO ESTORIL

CASINO ESTORIL
SENSACIONAL «SHOW» TODAS AS NOITES
MICHELE SANDRI
MARIA DA GLÓRIA • TRIO BIARGES

ANGEL PERICET
y su BALLET DE ARTE FSPAÑOL

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40$00. Todos os dias jantar 80$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

TODOS OS DOMINGOS «Matinée» às 17 horas
Chá completo 25$00 (Taxas e impostos não incluidos)

TODOS ESTES ARTISTAS ACTUAM TAMBÉM TODAS AS NOITES NO
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

NA SAPATARIA
ZEBÚ
NÃO PAGA LUXO... PAGA SÓ QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

ATENÇÃO AI
MAIS UMA AGÊNCIA
MAGILA
Rua Ernesto da Silva, 67-A

AGORA NOS CAFÉS
PORTUGAL E BRASILEI

O momento da Consagração na missa solene dos Santos óleos, celebrada na Sé Patriarcal pelo sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira

moração da Paixão e Morte do Senhor, sermão, adoração da Santa Cruz e comunhão do Corpo do Senhor.

Procissão do Enterro do Senhor em Évora

ÉVORA, 23. — Da igreja do Calvário, sai amanhã, á noite, para a igreja da Misericórdia, a tradicional procissão do Enterro do Senhor, anualmente organizada pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Évora.

Pregará o padre dr. Joaquim Charão Lavago.

Uma nova capital para o Paquistão

está a nascer em planaltos a setecentos metros de altitude

A história e a lenda uniram-se para emprestar um eterno encanto e uma alma imortal às históricas planícies da bacia do Indus, no Paquistão Ocidental. Foi esta região que o povo do Paquistão escolheu para edificar uma cidade nova, numa decisão solene de construir uma capital identificável com as suas aspirações.

Islamabad, assim se chamará a mais recente capital da Ásia, é agora uma realidade viva. Atingiu uma população de 50 mil habitantes em princípios de 1966. Os Ministérios Centrais estão já a funcionar na nova cidade. Esta está a crescer acentuadamente em espaço e personalidade para representar o papel que lhe foi destinado como capital da nação.

É, contudo, uma imensa e enorme tarefa. Um longo caminho foi percorrido desde o princípio do projecto, mas à nossa frente temos um caminho ainda mais longo e talvez mais difícil. A construção duma cidade é um processo sem fim. Uma cidade não está nunca completa. Nenhuma entidade viva o é. Islamabad continuará a crescer.

● Organização

Quando o Paquistão foi instituído como nação, em 1947, o Governo Central foi estabelecido à pressa em Karachi. Mas isto foi apenas uma questão de organização interna. Sempre se fizera sentir a necessidade duma capital adequada. Inspirado pelo seu passado histórico e decidido a construir um presente digno e um futuro grande, o povo desejava naturalmente construir uma metrópole nacional. A imagem idealizada era conseguir o ambiente próprio para a localização do Governo Central, que é também um foco das instituições administrativas, políticas e culturais.

(Continua na 15.ª página)

Música «yé-yé» para galinhas

TAUNTON (Inglaterra), 23 — (R.) — Seis mil galinhas porão os seus ovos de Páscoa ouvindo música, numa herdade perto desta cidade.

A máquina de discos utilizada, cheia dos grandes êxitos da música «yé-yé», começa automàticamente a funcionar antes do alvorecer de cada dia e transmite música, sem interrupção, durante 16 horas.

«As galinhas estão a pôr ovos melhor do que nunca» — afirma o agricultor Eric Middleton, de 53 anos, que dirige a herdade para a criação de galináceos, perto desta cidade do Sudoeste de Inglaterra.

A Tabaqueira aumentou novamente a sua produção de cigarros

e aproveitou cerca de 1700 toneladas de rama de tabaco nacional da melhor qualidade

A assembleia geral ordinária da Tabaqueira reuniu-se, sob a presidência do sr. dr. João Baptista Salgueiro para discutir e deliberar sobre o relatório e as contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativamente ao exercício do ano findo, que foi o 39.º da existência da empresa e o 9.º da vigência do actual regime legal da industria de tabacos no nosso País.

No começo da sessão os accionistas recordaram o facto do ano passado ter sido assinalado com o falecimento do sr. D. Manuel de Melo, que foi presidente do Conselho de Administração, a quem a Tabaqueira ficou indiscutìvelmente a dever a situação de evidência que ocupa presentemente nos meios industriais e comerciais do País. A sua superior orientação, ponderada e calma, firme, lucida e decidida, constituiu, sem duvida, elemento decisivo na resolução favorável de problemas surgidos em fases delicadas da vida da empresa, nomeadamente na passagem do antigo ao novo contrato de tabacos com o Estado, em que se definiu o prolongamento da actividade da Tabaqueira. Do mesmo modo que, com profunda saudade, foram lembrados aqueles méritos e também os accionistas recordaram em que circunstancias o sr. D. Manuel de Melo resolveu os problemas sociais e humanos, que foram sempre motivo das suas preocupações, mormente as realizações dessa natureza observadas na fábrica de Albarraque que, sem duvida, é exemplo expressivo de quanto pode a vontade firme e a fé inabalável de um dirigente de «élite».

Através do que se demonstrava no relatório, os accionistas verificaram um novo máximo registado na produção da fábrica da Tabaqueira, o qual, tendo atingido 3233 toneladas, relativamente a 1966, correspondeu, pois, a um aumento de 7,8 por cento no confronto com a produção de 1965. Do mesmo modo, o volume de vendas constituiu tam-

(Continua na 15.ª pagina)

O quartel de Alcântara voltou a ter bandeira

A propósito do comentário que publicámos há tempo, a propósito do facto — que nos parecia inconcebível — de o antigo Quartel de Marinheiros, em Alcântara, onde ainda hoje funcionam vários serviços da Marinha, ter deixado de arvorar a bandeira nacional, somos informados oficialmente de que aquele reparo foi tido em consideração e que o velho quartel já no domingo passado teve a bandeira içada e tê-la-á, de futuro, em todos os dias feriados.

Apraz-nos registar o eco que encontrou nas altas esferas da Armada o comentário nestas páginas publicado, mercê do qual um edifício público de tão remotas tradições volta a desfraldar na sua fachada a bandeira nacional.

NÇÃO ALGÉS
AGÊNCIA ROBBIALAC
GILACA
Silva, 67-A ALGÉS

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

ZEBÚ

OS CAFÉS
BRASILEIRA

um novo e óptimo BACALHAU
6.ª-feira

Clay Shaw foi autorizado a sair de Nova Orleans para as férias da Páscoa

NOVA ORLEANS, 23 — (R.) — Um grande juri desta cidade incriminou, na noite passada, o antigo negociante Clay Shaw de conspirar para assassinar o presidente Kennedy.

A incriminação do juri segue-se á decisão, na semana passada, de três juizes, numa audiência preliminar, segundo a qual o procurador distrital, Jim Garrison, tinha fundamentos para acusar Shaw de conspirar contra a vida do presidente.

A incriminação do grande juri refere-se, pela primeira vez, a acusações contra Shaw, de 54 anos. No documento de acusação, lia-se, nomeadamente:

«...Clay Shaw, de Nova Orleans, entre 1 de Setembro e 10 de Outubro de 1963, dentro da jurisdição do tribunal distrital criminal de Orleans, conspirou, premeditada e ilegalmente, com David Ferrie e Lee Harvey Oswald, não acusados neste documento, e com outras pessoas não mencionadas para assassinar John F. Kennedy». Não foi marcada a data do julgamento.

Este libelo acusatório é considerado como tendo mais peso do que a decisão judicial da semana passada, na qual fora meramente solicitado a três magistrados que averiguassem se havia fundamento para o julgamento.

O grande juri, compreendendo importantes cidadãos locais, reune-se secretamente. O libelo acusatório foi lido aos jornalistas pelo juiz Malcolm O'Hara, um dos três magistrados que presidiu á audiência preliminar.

Entretanto, ás primeiras horas de ontem, um tribunal concedeu autorização a Shaw para partir, hoje, de Nova Orleans, a fim de passar as férias da Páscoa com amigos. Clay Shaw encontra-se em liberdade, sob uma fiança de 10 mil dólares (cerca de 280 contos).

Por outro lado, Perry Russo, principal testemunha da investigação do procurador Garrison, apareceu ontem, de surpresa, perante o grande juri.

Russo, de 25 anos, angariador de seguros, esteve com o grande juri durante cerca de duas horas. À saída, recusou-se fazer declarações aos jornalistas.

Outro aspecto do caso: o advogado Dean Andrews, de 44 anos, que em tempos defendeu Lee Harvey Oswald, negou que tivesse mentido a um grande juri. É acusado de saber que Clay Bertrand e Clay Shaw era a mesma pessoa e de nunca o ter revelado.

CONVERSA TELEFÓNICA ENTRE BALEIAS...

VANCOUVER (Canadá), 22 — (A. N. I.) — Três baleias, uma em Vancouver e as outras na cidade de Seatle, tiveram uma conferência telefónica que durou uma hora: o proprietário do aquário de Vancouver, Ted Griffin, estabeleceu uma comunicação entre «Alter», uma baleia com cinco metros, e outra do aquário de Seatle, com o objectivo de efectuar uma experiência.

De início, aos gritos da «Alter» responderam outros semelhantes, mas de fraca intensidade. Contudo, passados alguns minutos, as baleias de Seatle resolveram responder tão fortemente, através dos altifalantes, que «parecia assistir-se a uma conversa de loucos» — segundo Griffin.

A gravação desta chamada telefónica, em fita magnética, vai ser cedida a um instituto de investigação.

DIA A DIA
NIXON EM MOSCOVO

RICHARD NIXON

Os russos fizeram um acolhimento glacial ao antigo vice-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, que passou alguns dias na capital da União Soviética. Não lhe foi feita qualquer recepção especial e nas suas deambulações pelas ruas de Moscovo viu-se reduzido á condição de turista, ignorado e acompanhado apenas por um modesto intérprete fornecido pela Embaixada do seu país. Os dirigentes soviéticos quiseram dar publicidade á sua decisão e recordaram uma das anteriores visitas de Nixon na qual se registaram incidentes desagradáveis, entre os quais um com Nikita Kruchtchev, então chefe do Governo. A Imprensa soviética aproveitou ainda a oportunidade da visita de Nixon para lançar contra este uma campanha que visava, com significativa antecipação, não o vice-presidente que abandonou as suas funções, nem o candidato derrotado de 1960, mas o possível chefe do Estado americano, informando-o de que, com ele, a política de desanuviamento russo-americana será impossível e anulados os resultados colhidos nos últimos anos.

Este aviso não deixará de influir na preparação da eleição presidencial de Novembro de 1968, nos Estados Unidos. Os democráticos, embora indirectamente, farão da hostilidade soviética a Nixon, se este for escolhido na Convenção Republicana que terá lugar em Junho daquele ano, trunfo da sua política. E nas fileiras do partido republicano esse facto avultará, influindo na escolha do respectivo candidato, pois parte dos seus filiados terão em conta, antes de se pronunciarem, a intenção soviética de não negociar com Nixon, sendo, portanto, conveniente preferir a este outro candidato, como o governador Romney, que não constitua obstáculo á melhoria das relações entre os dois países, numa fase da história em que da maneira como evoluirem essas relações depende a paz mundial.

NÃO DEU RESULTADO A PRIMEIRA TENTATIVA PARA DESENCALHAR O «TORREY CANYON»

PENZANCE (Inglaterra), 23 — (A.N.I. e R.) — A grande mancha de petróleo que escapou do petroleiro «Torrey Canyon», encalhado nas Sete Rochas, dividiu-se em nove manchas, sob a acção dos detergentes com que tem sido pulverizada por mais de vinte navios, nomeadamente alguns vasos de guerra.

Entretanto, o petroleiro continua preso nas rochas em que encalhou. Dois compressores de grande potência foram levados de helicóptero para o barco, a fim de se encher de ar comprimido os porões, aumentando as condições de flutuação.

A primeira tentativa para desencalhar o navio, efectuada esta madrugada, não deu resultado em parte por ter havido pouco tempo de trabalho dos compressores.

Está marcada nova tentativa para a preia-mar das quatro horas da tarde.

A noite passada, o vento arrastou o petróleo derramado em direcção á costa francesa.

Contudo, um informador do Ministério da Marinha, disse que uma mudança na maré ou no vento podia fazer voltar a massa negra de petróleo em direcção ás praias britanicas.

O informador declarou ainda que o vento, soprando na direcção Leste-Sueste, estava a levar a enorme mancha de petróleo, então com 56 quilómetros de comprimento e 16 de largura, para a costa da Bretanha.

O petróleo derramado
O petróleo derramado chegará às águas da Península?

A Imprensa estrangeira comenta largamente as consequências que podem resultar para a poluição dos mares do encalhe e incêndio do grande petroleiro «Torrey Canion», de onde se derramaram 120 mil toneladas de petróleo, e admitem que o litoral da Biscaia seja, depois da costa inglesa, o primeiro a sofrer esses efeitos.

Os jornais espanhóis revelam igualmente uma compreensível preocupação por se admitir que, em data relativamente próxima, o petróleo possa atingir as costas norte e noroeste da Península.

O relatório de Westmoreland

(Continuação da 1.ª pagina)

que perdeu desde que os Estados Unidos começaram a enviar reforços maciços para o Vietnam do Sul.

3 — Os serviços de informação aludem a certa tensão entre os «vietcongs» e as tropas norte-vietnamianas. Aumenta, por outro lado, o numero dos prisioneiros feitos pelos aliados. Nas fileiras do adversário, aumenta também o numero dos que sofrem de malária, beri-beri e, sobretudo, de fome, pura e simples.

4 — Os chefes comunistas no Vietnam do Sul mandam relatórios a Hanói que induzem o Norte em erro quanto ao «preço» da manutenção da guerra.

5 — O general Westmoreland salientou que era essencial prosseguir os bombardeamentos contra o Norte, para impedir a infiltração no Sul.

Dois objectivos ressaltam, finalmente, da conferência de Guam, segundo se declara de fonte oficial:

A — A destruição das grandes bases donde parte a agressão do Norte contra o Sul. Mas trata-se de uma operação a longo prazo, difícil e perigosa.

B — Acelerar a pacificação do país, tarefa que cabe aos sul-vietnamianos, com a ajuda dos seus conselheiros americanos.

Será devido a tais operações que o Norte — que já não crê na possibilidade de uma vitória militar — poderá ser levado a modificar a sua linha política e o seu programa militar para tomar, enfim, o caminho da mesa da conferência.

O diferendo sino-russo

(Continuação da 1.ª página)

tre Brejnev e outros dirigentes dos países do bloco comunista.

Supõe-se que estas reuniões constituem sessões preparatórias da reunião de Karlovy Vary, na Checoslováquia, que se realiza no dia 26 do próximo mês e em que participam os partidos comunistas do Leste e do Ocidente da Europa e da reunião da comissão consultiva do Pacto de Varsóvia, no fim deste ano.

O KREMLIN ACUSADO NOVAMENTE DE COOPERAR COM OS E. U. A.

HONG-KONG, 23 — (R.) — A China diz hoje que o «arrastar de sabres na conferência de Guam» deu o sinal para uma guerra de agressão mais dura e mais vasta contra o Vietnam do Norte.

Contudo, ao mesmo tempo, a agência Nova China, num comentário diz que a conferência é um preságio do fracasso total dos americanos.

A agência recorda as anteriores conferências de Honolulu e da Manila e diz que cada vez que o presidente Johnson convoca uma conferência é com a ideia de proceder a nova «escalada» da guerra.

«Mas uma nova «escalada» e um novo esforço militar americano conduzirão a perdas mais pesadas e a maiores dificuldades para os Estados Unidos» — conclui a agência.

A Nova China critica depois a União Soviética, acusando-a de desencadear uma campanha contra a China e de cooperar com os Estados Unidos, ao exercer pressão sobre o povo do Vietnam do Norte.

A agência diz que, enquanto os americanos preparam a «escalada» da guerra, os revisionistas soviéticos chegam a acordo com eles em Genebra sobre a não-proliferação das armas nucleares.

Esta diligência traiçoeira encorajou os imperialistas americanos nas suas aventuras de guerra, provando assim, objectivamente, «que a clique revisionista é o cúmplice numero um do imperialismo americano» — diz ainda a Nova China.

Mobiliário do S. H. A. P. E., á chegada a Casteau, na Bélgica, para onde foi transferido o quartel-general da N. A. T. O., em consequência da decisão do general de Gaulle de retirar as Forças francesas da aliança militar atlântica. O S. H. A. P. E. encontra-se instalado em Requencourt, próximo de Paris

A SITUAÇÃO NO ESTADO INDIANO DE HARYANA

(Continuação da 1.ª página)

chefe da Frente Unida da Oposição, Rao Birenda Singh, será o sétimo Governo estadual de oposição ao Partido do Congresso, formado desde as ultimas eleições.

O Partido do Congresso dispunha da maioria no Estado de Haryana e formou um Governo há 10 dias. No entanto, 13 membros da maioria passaram-se para a oposição, deixando o Partido do Congresso em minoria provocando a queda do Governo.

No CADAVAL o «DIARIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA

ACUSADO DE ESPIONAGEM
O casal Rinaldi poderá ser condenado a prisão perpétua

ROMA, 23 — (F. P. e R.) — A Polícia descobriu uma «caixa de correio» de espionagem na catedral de Turim, ao prender o conhecido pára-quedista Giorgio Rinaldi e sua mulher, suspeitos de pertencerem a uma importante rede de espionagem soviética espalhada por diversos países.

A Polícia disse ter encontrado em casa dos Rinaldi um impressionante arsenal de artefactos de espionagem: emissores de rádio, livros de código, microfilmes e listas de agentes soviéticos de uma rede cobrindo a Itália, França, Espanha, Marrocos, Chipre, Grécia e Escandinávia.

Rinaldi, diz a Polícia, servia-se da sua reputação internacional como pára-quedista para obter entrada em bases militares. O casal Rinaldi utilizava «caixas de correio» na catedral de Turim, no Jardim Zoológico e em certas árvores.

O adido da Embaixada soviética, Yuri Pavlenko, expulso ontem da Itália com a mulher e o filho, teria sido apanhado numa altura em que tirava um rolo de microfilme do esconderijo, numa árvore.

Os Rinaldi e o seu motorista, Armand Girard, de 40 anos, incorrem numa pena mínima de 15 anos e máxima de prisão perpétua, caso sejam considerados culpados de espionagem política e militar.

Girard foi preso na fronteira franco-italiana e a Polícia afirma que levava escondidos no carro 20 rolos de microfilmes relativos ás bases da N. A. T. O. em Espanha.

Com efeito, segundo o Serviço de Informação da Defesa o material fotográfico encontrado na residência de Rinaldi interessa, nomeadamente, as bases militares espanholas, que constituem a principal reserva de armas atómicas americanas na Europa. Trata-se das bases de Torrejon de Ardoz (Madrid), Sanjurjo (Saragoça), Moron (Sevilha), além da base de submarinos atómicos de Rota, perto de Cádis.

Rinaldi é acusado de ter recebido treino de espionagem durante quatro estadias em Moscovo, a ultima das quais em Julho de 1966. Agentes da contra-espionagem italiana começaram a interessar-se por Rinaldi quando este apareceu, subitamente, rico, depois de ter tido dificuldades financeiras que o levaram, nomeadamente, a passar cheques sem cobertura.

Uma nova capital para o Paquistão

(Continuação da página central)

Deveria reflectir a experiência e o empreendimento nacionais como um conjunto. Islamabad foi concebida e planeada e está agora a ser construída nesse espírito. Governos sucessivos em diferentes ocasiões, pensaram em construir uma capital. Várias localizações foram discutidas, estudadas e mesmo seleccionadas. Mas não era possível dar continuidade firme ao projecto. Uma razão era a instabilidade política e económica dos anos 50. Alcançada a estabilidade política e o progresso económico sob o mandato do marechal-de-campo Mohammad Ayub Khan, esta importante tarefa nacional transformou-se em prática política.

Em Fevereiro de 1959, foi constituída uma comissão para a selecção de locais e considerar se Karachi seria ou não conveniente como capital, sob o ponto de vista de lugar, clima, fornecimento de água e alimentos, comunicações e defesa; e, no caso de Karachi ser considerada não conveniente, para recomendar outro lugar. Depois de estudos exaustivos de todas as possibilidades, esta comissão recomendou por unanimidade as terras do Planalto de Potwar, perto de Rawalpindi. Em Junho de 1959, o Governo aceitou a recomendação da comissão e tomou a decisão histórica de construir a capital, que, depois, foi chamada Islamabad — a cidade do Islão. Assim se fechou o capítudo da época de hesitações.

A Comissão Federal da Capital formou-se em Setembro de 1959, para estabelecer um Plano-Director. Este preparado em Outubro de 1960, fixou o local, o seu tamanho em etapas sucessivas de desenvolvimento e dividiu-o em vários sectores.

O organismo ao qual foi entregue a responbasilidade da tarefa gigantesca de construir Islamabad, a «Autoridade para o Desenvolvimento da Capital», foi constituído em 8 de Setembro de 1960.

De qualquer modo a selecção dum novo local não tem qualquer efeito sobre Karachi, que será sempre um grande porto, uma via aérea vital e um grande terminal para a corrente de comércio e indústria À medida que o Pasquistão crescer, crescerá também Karachi.

● Urbanizar

Contudo, o pedaço de terra escolhido para a capital merece a honra que lhe foi concedida. Estendendo-se por uma área de mais de 351 milhas quadradas, o local é formado por uma expansão panorâmica de terraços naturais e prados que se erguem a uma altura de 1700 a 2000 pés. É atravessado por torrentes de montanha que descem do Margalla Range de 5000 pés de altura, ao norte. As magníficas Colinas Murree, cobertas de vegetação luxuriante — e no Inverno de um manto de neve — oferecem um pano de fundo muito agradável. Perto, para ocidente, ficam as ruinas greco-budistas da fabulosa Taxila, berço da célebre civilização do Vale de Gandhara

Protegida pelas colinas do norte, a área é estratégicamente segura, paisagisticamente bela e climatecamente agradável durante todo o ano. E' rica em material de construção; é difícil pensar num local tão ricamente dotado pela Natureza e tão conveniente para se construir uma cidade bela e dinâmica. Na proximidade da cidade de Rawalpindi, Islamabad terá ainda a vantagem de utilizar facilidades e serviços que estão ao dispor da cidade sua vizinha.

A urbanização de Islamabad baseia-se no princípio da «dynapolis», quer dizer, uma organização que cresce em escala e tamanho lentamente e em coerência com todas as funções da vida da cidade em todas as escalas de desenvolvimento, modificando-se o centro da cidade proporcionalmente as modificações da zona residencial.

Cada sector é em si uma municipalidade que satisfaz todas as necessidades. Ao mesmo tempo que cuida de todos os requisitos de modernidade assegura também a organização da vida da cidade num padrão comunitário compacto, conservando deste modo o carácter tradicional da vizinhança, servindo os residentes ao nível humano. Não há qualquer discriminação em matéria de serviços e facilidades. A unidade na cidade como um todo conseguir-se-ia por meio de regulações detalhadas de divisão em zonas, estruturadas para exercer *contrôle* no planeamento da cidade e da arquitectura.

A nova cidade ficará dividida em várias zonas funcionais. Destacam-se nestas o sector administrativo onde ficarão os principais blocos para serviços públicos; o enclave diplomático, destinado às representações diplomáticas, tendo já 26 países adquirido ali terrenos; sectores residenciais, cada um com 1,25 milhas de superfície; um parque nacional, a ser principalmente utilizado para fins académicos e recreativos, instalando-se ali o Instituto de Investigação Atómica, a Universidade Nacional, o Centro de Saúde Nacional e um espaçoso Centro Desportivo, incluindo uma Aldeia Olímpica. Terá também Campos de Exposição, Jardins Zoológicos e Botânicos e Parques. Será também uma fonte de vegetais, produtos lácteos e aves.

Haverá ainda zonas industriais e um cinturão verde, separando a nova capital da vizinha cidade de Rawalpindi.

● Infra-estruturas

A rede de estradas de Islamabad constitui um sistema de comunicações adequado para servir eficientemente todas as zonas da cidade à medida que esta crescer e se desenvolva. Consiste em vários tipos de estradas destinadas a diferentes funções — estrada de rodagem, estradas principais, estradas para veículos e ramais de estradas de caminhos de ferro, ruas para peões, passeios e veredas. Deu-se espaço suficiente no lado direito das estradas para suprir necessidades futuras de tráfego. Teve-se cuidado especial em separar o tráfego de peões do tráfego de veículos. Dentro das zonas do grupo menos abastado não é pràticamente necessária qualquer espécie de transporte, pois tudo está a um agradável passeio de poucos minutos. A unidade comunal mais pequena está virtualmente livre de riscos de estradas.

Foi assegurado o fornecimento adequado de água para uma população calculada em 60 000 habitantes por meio do esvaziamento de fontes naturais das Montanhas de Margalla. Para o fornecimento em massa no futuro está a construir-se uma barragem no Rio Soan, a 20 milhas de Rawalpindi.

Dado que a necessidade imediata do Governo era de casas económicas para o pessoal, a maior parte das 5 mil habitações já construídas pertencem a esta categoria.

Arquitectònicamente, Islamabad oferecerá a sua verdadeira cor e carácter nos seus importantes edifícios públicos, ainda por construir. Alguns deles deverão estar acabados durante o corrente período do Plano, que termina em Junho de 1970. Islamabad será então uma cidade completamente diferente em tamanho estrutura e carácter.

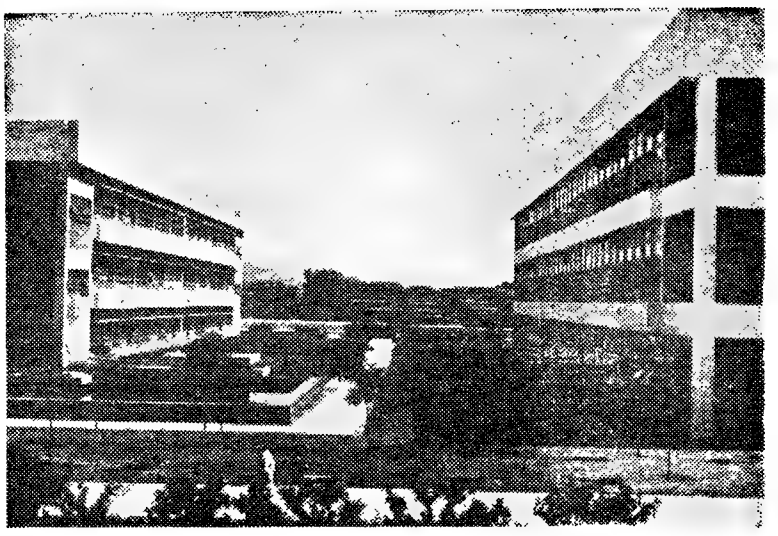
Do programa governamental de construção de casas, talvez tenha interesse mencionar que mesmo as casas dos funcionários da categoria IV consistem em pelo menos duas salas, além duma casa de banho, cozinha e varanda; estão equipadas com modernas instalações sanitárias, bicos de gás, electricidade e água corrente.

A nova capital do Paquistão será uma cidade de jardins e espaços livres. Deu-se meticulosa atenção à formação da paisagem de Islamabad no que respeita aos seus valores recreacionais e estéticos. Na arquitectura islâmica fez-se muito uso de árvores e água. Quanto à água, será utilizada dentro dos limites existentes. Mas as árvores podem ser e estão a ser plantadas livremente.

Já foram plantadas cerca de 700 mil árvores na área da capital, incluindo a face da Colina de Margalla que está voltada para a cidade formando uma espécie de crescente. Procurou dar-se à paisagem um padrão em conformidade com o padrão geral do esquema e arquitectura.

Embora o projecto seja financiado inteiramente por fontes próprias do Paquistão e utilize quase inteiramente o talento e o engenho locais, uma pequena equipa do Plano Colombo deu uma assistência valiosa, particularmente em trabalhos de projectos Tiveram um papel significativo especialmente em projectos de edifícios comunitários tais como escolas, lojas, restaurantes, mercados, escritórios para serviços locais, urbanos e administrativos.

N. A. FARUQUI



Um dos blocos onde ficarão instalados os serviços públicos — neste caso o Secretariado para a Construção — dá uma ideia do que será a arquitectura da nova cidade asiática

Teatro para crianças oferecido pelo Município

A Companhia do Teatro Gerifalto, subsidiada pelo Município para uma temporada de espectáculos infantis dedicados ás crianças de Lisboa, principalmente ás que frequentam estabelecimentos onde se ministra o ensino primário, estreia, no domingo, no Éden, a peça «Era uma vez um espantalho», ou «A história do ganso de oiro». Entram na representação os artistas Maria Albergaria, Fernanda Montemor, Maria Emília Baptista, Maria Bastos, Hermínia Tojal, Zélia Rosa, Luís Cerqueira, Eduardo Silveira, Juan Soutulho, Manuel de Oliveira, Marco Caeiro, Jorge Vale e Rui Teixeira.

As representações efectuam-se aos domingos, ás 11 horas, e a distribuição gratuita de lugares faz-se, na bilheteira dos Restauradores, aos sábados, das 14 ás 16 horas, e aos domingos, das 10 ás 11.

GABINETE de Divulgação Económica

Com a entrada em vigor do novo programa-tipo da Emissora Nacional, a partir do dia 2 de Abril, o programa «Para o Progresso do País», elaborado pelo Gabinete de Divulgação Económica, passa a ser transmitido ás terças e quintas-feiras e aos sábados, ás 15 e 10.

O 20.º aniversário do Paquistão

Assinalando a passagem do 20.º aniversário do Paquistão, que hoje se celebra, o encarregado de Negócios daquele país ofereceu, ao fim da tarde, no «Edifício Roma», uma recepção.

Além de representantes diplomáticos de outros países, paquistaneses residentes em Lisboa e de amigos daquele país, compareceram algumas individualidades dos nossos meios sociais.

EM CURSO A «OPERAÇÃO PÁSCOA»

Disposições especiais da P. V. T. para fiscalizção do trânsito até terça-feira à noite

A's 9 horas de hoje a P. V. T. iniciou uma nova operação de fiscalização em larga escala na rede rodoviária nacional. Cerca de trezentos homens serão empenhados, até terça-feira á noite, no que se convencionou chamar «Operação Páscoa».

Os efectivos incluem cinquenta brigadas-auto e noventa brigadas-moto, além de pessoal apeado, espalhado pelos diversos postos da P. V. T.

A operação tem por finalidade disciplinar o transito nestes seis dias de grande êxodo. Segundo previsões dos responsáveis, haverá um movimento excepcional a partir da noite de hoje, para decrescer um tanto amanhã e voltar a intensificar-se no fim de semana. Acalmia, também, na próxima segunda-feira, e nova *subida de temperatura* na terça, com o regresso dos ultimos automobilistas em férias.

Lisboa, Porto e os arredores de ambas as cidades serão especialmente visados na «Operação Páscoa». Mas o resto do País está também em alerta: os comandos das diferentes secções receberam ordens rigorosas nesse sentido.

«Prudência!» pede o comandante da P. V. T.

Por intermedio do «Diário de Lisboa», quis o comandante da P. V. T. lançar um apelo a todos os automobilistas para os seis dias de *ponta:*

— Peço a todos, sem excepção — disse o sr. major Enes Ferreira —, que se convençam da extrema necessidade de terem prudência, muita prudência, numa ocasião como esta, em que os riscos aumentam na razão directa do acrescimo de transito.

A operação será dirigida, em pessoa, pelos comandante e segundo comandante da P. V. T., coadjuvados ao escalão inferior pela totalidade dos comissarios.

Em conversa com um destes ultimos, homem experimentado por longos anos de estrada, recolhemos alguns conselhos que passamos a expor. Assim, e da máxima conveniência:

— Verificar desde logo as condições de segurança mecanica do veiculo (travões, pneus, suspensão, etc.);

— Tomar especial cuidado com as luzes, que deverão estar perfeitamente reguladas e sincronizadas (e não foram colocadas no veiculo para encandear quem vem no sentido contrário ..);

— Não tomar a peito as ultrapassagens, já que um pouco de resignação é de grande ajuda neste transe;

— Evitar que a colocação de volumes excessivos de bagagem possa desequilibrar o veiculo;

— Ver, enfim, as curtas férias da Páscoa como uma época de transito anormal, tomando todas as precauções que essa anormalidade exige e preparando-se para qualquer emergência.

A Tabaqueira aumentou a sua produção de cigarros

(Continuação da página central)

bém novo recorde, apresentando uma subida de 8,9 por cento, em relação ao anterior máximo que se tinha verificado no ano transacto. Na apreciação da actividade da empresa, assinalou-se que, no decorrer de 1966, foram lançados, no mercado as novas marcas «Monserrate» e «Kayak», que, em consequência das suas características particulares, aliadas á tradicional qualidade dos lotes apresentados pela Tabaqueira, mereceram o melhor acolhimento do publico consumidor. No ano findo, procedeu-se, também, á actualibação das embalagens das marcas «Paris», «High-Life» e «SG Gigante», o que foi, igualmente, muito apreciado. A fim de se poder corresponder ao acentuado aumento de vendas das várias marcas, foram adquiridos dois novos complexos para a fabricação de cigarros com filtro e um conjunto completamente mecanizado para empacotamento.

Igualmente, a constante melhoria da qualidade dos produtos da empresa, assim como a obtenção de uma melhor produtividade continuam a merecer a melhor atenção por parte de todos os sectores da Tabaqueira, facto observado na assembleia, que verificou também que em 1966, foram adquiridas cerca de 1700 toneladas de ramas de origem nacional, quantidade esta que tem vindo a ser possível utilizar nos lotes da empresa, devido á gradual melhoria de algumas qualidades de tabacos cultivados nas nossas províncias ultramarinas e nos Açores.

A assembleia tomou também conhecimento de que ficaram concluídos os edifícios do Infantário e Jardim Infantil, do Centro Comercial e do posto médico e que, igualmente, se procedeu ao seu completo apetrechamento.

Foram manifestados apreço e reconhecimento aos Ministérios das Finanças e das Corporações e Previdência Social, pelo interesse e compreensão evidenciados na resolução dos diferentes problemas postos pela administração da Tabaqueira. A assembleia assinalou, também, o interesse e a dedicação do pessoal, no desempenho das suas funções.

Procedeu-se, depois, á eleição dos corpos gerentes. Para o Conselho de Administração foram eleitos a Sociedade de Gestão e Financiamentos, representada pelo sr. dr. Jorge de Melo; srs. eng.os Armando Guimarães e Eduardo Madaíl, dr. José Matos Correia, D. José da Cunha e eng.º Fernando Sobral Cid; e, para o Conselho Fiscal os srs. dr. Raul Lelo Portela, Nicolas de Goyri, Empresa-Geral do Fomento, representada pelo sr. eng.º António Vasco de Melo; eng.º João Osório da Rocha e Melo e capitão Luís Tavares Soares da Cunha.

UMA EXCURSÃO de brasileiros a Angola

RIO DE JANEIRO, 23 — (A. N. I) — O general Berilo Neves, escritor e presidente do «Touring Clube do Brasil», está a organizar uma excursão a Luanda e ao Lobito, num navio do «Loyde Brasileiro».

Se tem dificuldades em MATEMATICA, consulte no seu interesse as
SEBENTAS DE MATEMÁTICA
de
ÁLGEBRA E TRIGONOMETRIA
(2.ª Edição)
por FERNANDO BORJA SANTOS
para o 3.º Ciclo e Admissão às Universidades com 750 e 500 exercícios resolvidos e explicados. Auxiliar indispensável em moldes diferentes.
A venda nas Livrarias —— Informações telef 701991

CAMINHOS DE FERRO

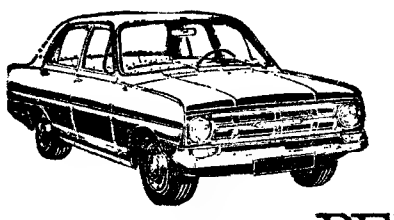
LEILÃO

No dia 4 de Abril e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa) nos dias uteis, até ao dia 31 do corrente das 10 ás 17 horas, excepto sábado.

Nas estações estão fixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

TÁXIS



PREFIRA COM MOTOR DIESEL

PERKINS 4.108

AUTO-INDUSTRIAL

LISBOA - AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 - TEL. 53 89 56 - COIMBRA - LEIRIA - PORTO
ESTORIL - AV. DE NICE, 4 - TEL. 26 33 96 - CALDAS DA RAINHA - SANTARÉM

APROVEITE A NOSSA CAMPANHA

DE GRAVADORES, ALTA FIDELIDADE, GIRA-DISCOS E ELECTROFONES

PHILIPS

DESDE 600$00

CONSULTE O AGENTE PHILIPS

DUARTE & PONTE, L.DA

AV. GRÃO VASCO, 35-A — BENFICA — TEL. 703397
RUA GONÇALVES ZARCO 18-C — RESTELO — TEL 612895

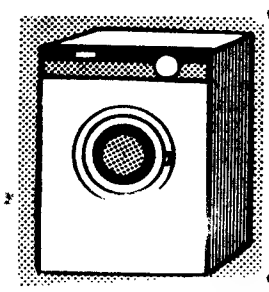
CASACOS DE PELES

GOLAS ESTOLAS E PELES PARA GUARNIÇÕES

Astrakans Leopardos Visons, Martas e outras peles a preços sem competência. Consertos transformações tinturaria. Casacos de Camurça Cabedal e Skai para senhora e homem confeccionados e por medida limpam se casacos de camurça com garantia As últimas novidades em MALAS DE CROCODILO e viagem carteiras porta-moedas pastas luvas cintos etc. executando-se qualquer trabalho por encomendas Vendas a pronto e com facilidades de pagamento

MERCADO DAS PELES

RUA DOS FANQUEIROS 286 ——— TELEFONE 36 99 68



MÁQUINAS DE LAVAR E ENXUGAR ROUPA

TOTALMENTE AUTOMATICAS
MAIS BARATAS DO QUE NUNCA
FRIGAS — R. MARIA, 43-C

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condições social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

CARTAZES
silcrine
PRAÇA DO MUNICÍPIO Nº 309 - 5º TELF. 20271 PORTO

NO ANO CONSAGRADO AO TURISMO INTERNACIONAL MAIS FACILIDADES NAS SUAS DESLOCAÇÕES A MADRID

Pelo comboio automotor
«LISBOA-EXPRESSO» (TER)

Saída de Lisboa	9.40
Chegada a Madrid	19 00
Saída de Madrid	10.45
Chegada a Lisboa	19.40

Ligações diárias

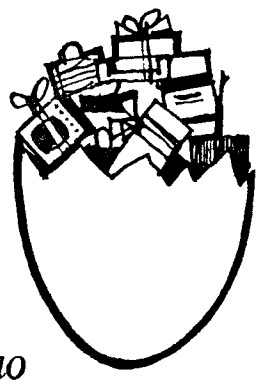
Serviço de restaurante e bar
Assentos confortáveis
Ar condicionado

O CAMINHO DE FERRO AO SERVIÇO DO TURISMO

Informe-se nas estações de Santa Apolónia e do Rossio e nas Agências de Viagens autorizadas.

CAMPANHA DE FACILIDADES

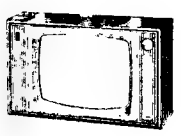
DA PÁSCOA



Novo sistema de vendas. Fixe v. mesmo a sua prestação. Diga-nos qual o montante. Só começará a pagar depois da PÁSCOA... recebendo ja a mercadoria. Não queremos criar problemas ao seu orçamento.

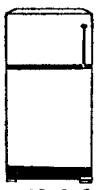
Veja entre os artigos abaixo aqueles que levariam maior comodidade ou prazer ao seu lar e... decida-se!

TELEVISORES



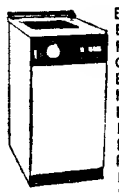
EKCO; GENERAL ELECTRIC; GRUNDIG; LOEWE OPTA; NORDMENDE; PHILIPS; PHILCO; PONTO AZUL; PYE; RCA; SCHAUB LORENZ; SIERA; SIEMENS; TOP RANK.

FRIGORÍFICOS



ALGOR; BAUKNECHT; BOSCH; FIAT; FRIGECO; FRIMATIC; GENERAL ELECTRIC; HOOVER; IGNIS; INDESIT; KING; KELVINATOR; LINDE; NORGE; PHILCO; PHILIPS; SIEMENS; SILTAL; WESTINGHOUSE;

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA



BENDIX; BOSCH; FIAT; GENERAL ELECTRIC; HOOVER; INDESIT; LUXOR; PHILCO; PHILIPS; RIBER; SERVIS

FOGÕES E ESQUENTADORES

ARISTON; BELGÁS; CEL. CHAFFOTEAUX; CRUCIS; ELM; FÁBRICA PORTUGAL; GIBO; IGNIS; JUNEX; JUNKER'S; LEÃO; OANIS; OEIRAS; PRESMALT; REX; VAILLANT; VESUVIUS.

RADIOGRAMOFONES ALTA FIDELIDADE E ESTEREOFONIA ÓRGÃOS ELECTRÓNICOS DISCOS

DYNACORD; DUAL; EKCO; GENERAL ELECTRIC; GRUNDIG; NORDMENDE; PHILIPS; PONTO AZUL E RESTANTES MARCAS MUNDIAIS DE MAIOR FAMA.

GRAVADORES

DUAL; FIDELITY; GRUNDIG; UHER; LOEWE OPTA; NORDMENDE; PHILIPS; SIERA

RÁDIOS E GIRADISCOS

DUAL; EKCO; GENERAL ELECTRIC; GRUNDIG; NORDMENDE; PERPETUUM EBNER; PHILIPS; PONTO AZUL; PYE; SCHAUB LORENZ; SIERA; SIEMENS; TEPPAZ.

ASPIRADORES E ENCERADORAS

GENERAL ELECTRIC; HOOVER; HUGIN; PHILIPS; PROGRESS; SIEMENS; WONDER.

SOFÁS-CAMA MAPLES E POLTRONAS COLCHÕES E ALMOFADAS

Uma completa exposição dos mais modernos modelos, de avançada técnica, dar-lhe-ão satisfação, possibilitando a sua escolha. Os nossos colchões de molas, revolucionando a técnica tradicional, permitem uma adaptação suave às diversas posições do corpo, assegurando um sono profundo e reconfortante.

MÁQUINAS DE ESCREVER

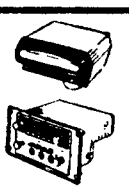
MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS, DE FILMAR E DE PROJECTAR AMPLIADORES — FLASH — FILMES

BALDA; BAUER; BOLEX PAILLARD; BRAUN; CANON; CORNET; FLEXARET; HERMES; MAMIYA 33; METZ; MINOLTA; OLYMPUS; TARON; SANKIO.

CANDEEIROS E LUSTRES

Centenas de modelos, do mais apurado gosto clássico aos mais modernos estilos nórdico e americano. Modelos de tecto, de sala, de mesa, e grande variedade de apliques.

AUTO-RÁDIOS AUTOGIRADISCOS E AUTOGRAVADORES



AUTOVOX; EKCO; GRUNDIG; PHILIPS; PONTO AZUL.

E AINDA:
APARELHOS DE MASSAGENS; AR CONDICIONADO; ARMÁRIOS DE CASA DE BANHO; BALANÇAS DE COZINHA E DE CASA DE BANHO; BATEDEIRAS; BENGALEIROS E CHAPELEIROS; FERROS DE ENGOMAR; FRITADEIRAS ELÉCTRICAS; FRIZADORES DE CABELO; MÁQUINAS DE: APANHAR MALHAS; BARBEAR; FAZER CAFÉ; COSTURA; COZINHA; SECAR AS MÃOS; TRICOTAR; MESAS DE SALA E PARA TELEVISOR; PANELAS DE PRESSÃO; SECADORES DE CABELO; TORRADEIRAS.

visite uma das 5 lojas

Bardo

AV. DA LIBERDADE, 131
AV. ALM. REIS, 124 B
RUA S. BENTO, 53 a 57
R. 1º MAIO 146 (S. Amaro)
PRAÇA DE LONDRES, 7-A e B

a casa das grandes facilidades

VENDEDOR

Novo, muito activo, com curso industrial, sabendo francês e inglês, precisa firma da especialidade, para a venda de matérias-primas para a indústria transformadora de plásticos. Carta a S. 1519, Havas, Rua Áurea, 242 — Lisboa.

Os canhões do cabo da Roca

(Continuação da página central)

parte. O pormenor do golfinho gravado nesta peça — que a poderia identificar como francesa — parece não ser razão suficiente porquanto naquela época, ao que dizem os historiadores e arqueólogos, nem só os canhões franceses usavam tal distintivo.

● Homens-rãs dos submarinos em acção

A Marinha interessou-se, como não podia deixar de ser, por este assunto. Se se trata de um canhão que pertenceu a um navio português, o seu lugar é no Museu de Marinha — rico de recheio histórico, mas ainda pobre de certo tipo de troféus navais, peculiares em tais recintos.

Como os mergulhadores afirmavam que havia no mesmo local outros canhões (mas que não estariam dispostos a novo esforço como aquele que haviam despendido para trazer o primeiro á superfície), o Ministério da Marinha mandou proceder, mais tarde, a pesquisas, nas quais participaram homens-rãs dos submarinos. A informação foi categórica: estavam lá em baixo mais canhões parecidos com aquele que voltara a «ver» a luz do dia ..

Embora não seja possível tirar conclusões sobre a origem destas velhas peças (talvez o seja quando as restantes forem trazidas á superfície, tendo em atenção o seu número e tipo ou tipos), os estudos a que se procedeu já permitiram, apenas pelo processo de exclusão de partes, admitir que a referida peça *talvez* tenha pertencido á nau «Senhora da Conceição».

E porque admitir esta hipótese? Pela simples razão de que, na data em que tais peças eram usadas na nossa Marinha, se travou naquelas paragens um combate entre aquela nau (quando regressava da India) e uma frota turca, combate durante o qual os portugueses, não podendo prosseguir na desigual luta, e já com o seu heróico navio meio desmantelado, provocaram eles próprios o incêndio e o afundamento da sua nau.

O combate — e disso não restam dúvidas — travou-se naquela época e naquelas paragens. Pertencerá, pois, o famoso e pesado canhão á «Senhora da Conceição»? Estes elementos não constituem prova suficiente — como ainda hoje nos dizia o conceituado historiador naval e estudioso incansável, comandante António Marques Esparteiro, actual director do Arquivo Geral de Marinha.

● O Verão — época própria para concluir a investigação

O assunto permanece em aberto. Não valeria a pena prosseguir nas investigações submarinas e trazer á superfície os outros canhões já localizados próximo da Roca, aliás em moderadas profundidades donde, pelos modernos processos, poderão ser trazidos á superfície com relativa rapidez? E se se concluir então (e só então) que essas peças formavam o armamento de uma valorosa nau portuguesa que, honrando as seculares tradições de bravura da Marinha, sustentou heróico combate com uma frota turca, acabando por ir para o fundo, a arder mas com a bandeira nos topes, não se concordará em que o Museu de Marinha receberia com esses troféus notável enriquecimento?

Mas o assunto já transcendeu os limites da Marinha, pois o Ministério da Educação Nacional, ao que nos informam, solicitou a remessa dos elementos colhidos e das hipóteses que se formulam sobre a história desta velha peça.

Aproxima-se o Verão — época própria, pela natural acalmia do tempo — para a prática de tais expedições submarinas. Os serviços da Armada ja sabem que estão la em baixo outros canhões e não ignoram que so a sua observação, a superficie, podera levar a uma conclusão sobre a verdade histórica O sr ministro da Marinha, para quem todos os assuntos que á Armada dizem respeito — quer os dos tempos remotos quer os da actualidade — constituem motivos de interesse carinhoso e permanente, não deixara, certamente, de promover com os meios ao seu alcance a recuperação destes troféus.

Esperemos, pois, que não se «durma» sobre os canhões que «dormem», esses sim, ali ao pé das rochas abruptas do cabo da Roca — testemunhas de tantos e tão belos fastos navais.

M. DE O.

A firma japonesa Mitsubisshi apresentou em Genebra o modelo de avião MU-2, especialmente construído para viagens rápidas de homens de negócios. Exige uma pista muito curta e pode atingir a velocidade de 500 quilómetros por hora. Além dos dois pilotos, pode transportar cinco pessoas

SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMERCIALIZAÇÃO (MARKETING)

Presidida pelo sr. dr. Carlos Barral, reuniu-se na sede da Associação Industrial Portuguesa a primeira assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Comercialização (Marketing).

A assembleia tomou conhecimento da aprovação oficial dos estatutos e elegeu os primeiros corpos gerentes. No decurso da reunião, foram lidas diversas mensagens de cumprimentos e congratulações pela fundação da nova sociedade.

Enquanto não se proceder á instalação definitiva da sede social da S. P. C., toda a correspondência poderá ser dirigida para a Avenida Brasil, 114-5.º esq.º, Lisboa.

Hospitais Civis de Lisboa

SERVIÇOS ECONÓMICOS

Concurso n.º 73 — Reparações de instrumentos cirurgicos.

Recebem-se propostas até ás 15 horas do dia 3 de Abril para o mencionado concurso.

Os concorrentes devem pedir nos Serviços de Abastecimentos, no Hospital de S José em qualquer dia util das 9 ás 11.30 ou das 14 ás 16 horas, as respectivas condições, excepto aos sábados que é das 9 ás 12.

Hospitais Civis de Lisboa, em 20 de Março de 1967.

O CHEFE DOS SERVIÇOS

a) **Alexandre Pinheiro**

PÁSCOA COM ALEGRIA

GA'S DA COMPANHIA

UMA PRENDA PARA TODA A FAMÍLIA

um *Aparelho a* GÁS da Companhia

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE VENDA

C.AS R.AS GÁS E ELECTRICIDADE

SALÕES DE VENDA

Rua Garrett, 2 — R. da Boa Vista, 39

Tipografia

BEDFORD

CAMIÕES PARA TODOS OS FINS

modelos **J**
3.500 a 10.433 Kgs
de peso bruto

modelos **K**
3 500 a 15.000 Kgs.
de peso bruto

O proprietário da BEDFORD está sempre protegido pelo serviço de assistência General Motors - SOREL que lhe assegura uma manutenção pronta e eficiente

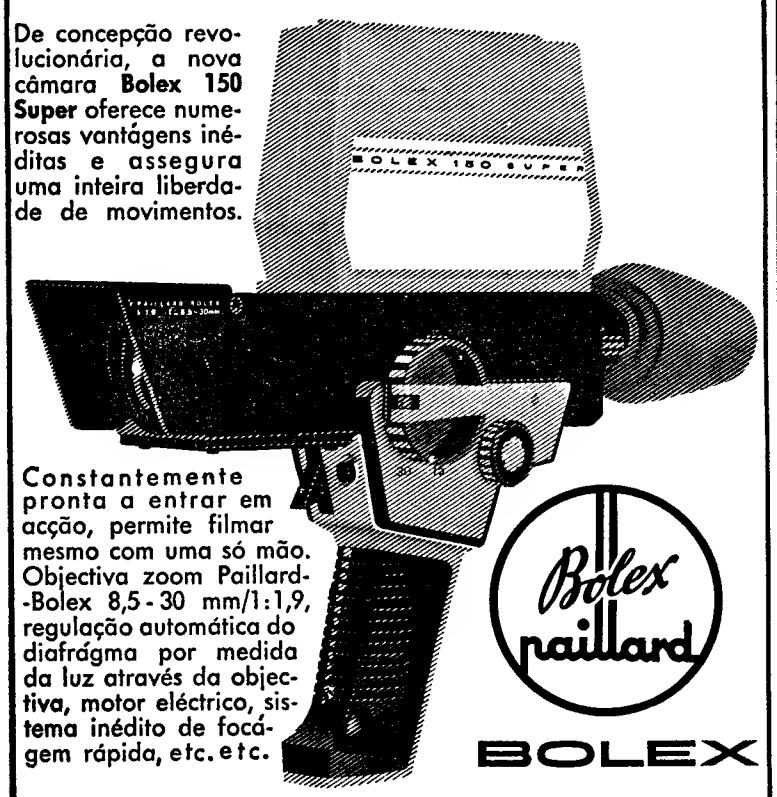
SOREL CONCESSIONÁRIA DA GM PORTUGAL

RUA FILIPE FOLQUE, 12 — TEL. P.P.C.A. 58111 (6 LINHAS)
RUA D. LUIS I, 28 — TEL. P.P.C. 662755 - 665849
LISBOA

Bolex 150 Super

Um novo estilo para filmar

De concepção revolucionária, a nova câmara **Bolex 150 Super** oferece numerosas vantágens inéditas e assegura uma inteira liberdade de movimentos.



Constantemente pronta a entrar em acção, permite filmar mesmo com uma só mão. Objectiva zoom Paillard-Bolex 8,5 - 30 mm/1:1,9, regulação automática do diafrágma por medida da luz através da objectiva, motor eléctrico, sistema inédito de focágem rápida, etc. etc.

Bolex paillard

BOLEX

À VENDA SÒMENTE NAS CASAS ALTAMENTE ESPECIALIZADAS EM ARTIGOS FOTOGRÁFICOS DE SUPERIOR QUALIDADE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

DEPARTAMENTO FOTO-CINE

Rua dos Douradores, 10 — Telef. 36 15 45 — LISBOA

TELEVISÃO

TÉCNICA

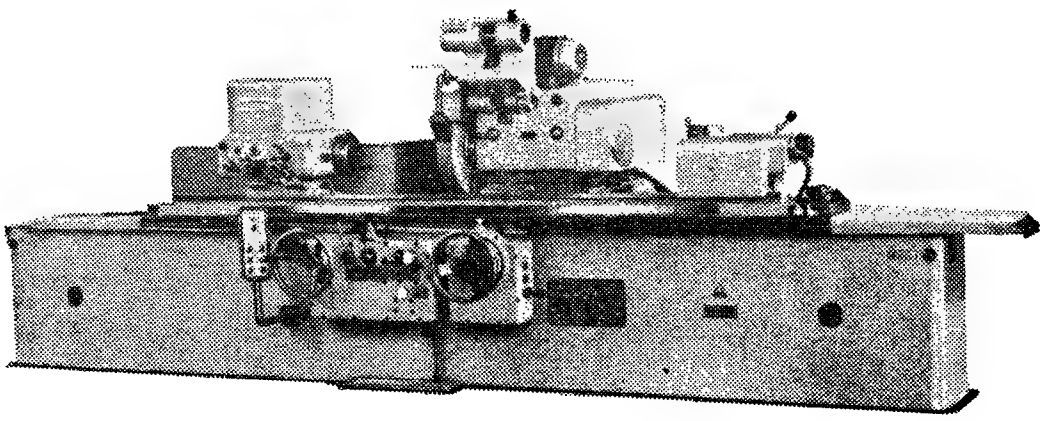
ASSISTÊNCIA PERMANENTE

NÃO PERCA O SEU PROGRAMA

TEL. 75 04 18

«SKODA»

Máquinas Ferramentas de Qualidade, Modernas e Precisas



FRESADORAS
Universais — Verticais — p. Engrenagens (Fellow e Renania) — Moldes e Ferramentas

PLAINAS - LIMADORES

SERRAS P. METAIS
Mecanicas e hidráulicas — Disco — Fita

TORNOS
Verticais — Paralelos — Revólver — Copiadores

RECTIFICADORAS
p. Exterior — Interior — Universais — Planas
Máquinas afiar
Universais — Ferros de torno — Brocas

ESCATELADORES
Várias capacidades até 435 mm.

MANDRILADORAS
Universais, várias capacidades até 100 mm.

MAQUINAS FURAR
Radicais — Coluna — Bancada

MAQUINAS PARA CHAPA
Prensas exc. e fricção — Guilhotinas — Quinadeiras — Calandras — Tesouras sacabocados. etc.

EM ARMAZÉM, (e de uma maneira geral) **TODAS AS MAQUINAS PARA METALOMECANICA**

MÁQUINAS DE PRECISÃO, S. A. R. L.

LISBOA: R. da Boavista, 45-49, 1.º — L. da Estrela, 3 ✲ **PORTO:** R. St.ª Catarina, 659

Uma revolução na instalação de maquinaria

APOIOS «TICO»

Para montagem de máquinas antivibráticas-sónicos. Estudos e montagem, dirija-se aos seus representantes exclusivos — PRÓ-INDÚSTRIA — Z. Bettencourt da Silva, Lda. — Rua Cais do Tojo, 52-54 — Tel. 669067/8/9.

J. FERREIRA

AGÊNCIA COMERCIAL DE QUELUZ, LDA

R Mateus Vicente de Oliveira, 14-A-B — Telef. 952272

REPRESENTAÇÕES — COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES

TABACARIA, PAPELARIA, NOVIDADE, SEGUROS

TRATA TODOS OS ASSUNTOS FISCAIS, MUNICIPAIS E ADMINISTRATIVOS, COM RAPIDEZ E HONESTIDADE

A todos os seus Clientes e Amigos deseja uma Páscoa Feliz

AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE, POR MOTIVO DAS FESTAS DA PASCOA

Comunica-nos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-á nos dias 23, 24 e 25 do corrente uma automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13.40; chegada a Faro ás 18.55; a Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19.55; a Portimão ás 19.06 e a Lagos ás 19.32. O regresso efectuar-se-á nos dias 23. 24 e 26 com partida de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19.35. de Faro ás 20.31; de Lagos ás 19.48 e de Portimão ás 20.13. com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) ás 1.30.

No CARREGADO o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE.

HORÁRIO DOS COMBOIOS SERVIÇO INTERNACIONAL

LISBOA-SEVILHA (Via Badajoz)

Comunica-nos a C. P. que desde 19 do corrente é estabelecido o seguinte serviço internacional para transporte de passageiros entre Lisboa e Sevilha:

7.40		p.	Lisboa (St.ª Apolónia)	c.	19.40 (a)	20.10	0.45
8.56		c.		p.	18.25	18.29	23.19
9.01		p.	Entroncamento	c.	17.48		22.51
12.40		c.		p.	14.15		17.50
13.50	15.30 (b)	p.	Badajoz	c.	13.15 (b)		15.30
20.15	21.10	c.	Sevilha	p.	7.45		8.45

(a) — Comboio TER — Entre Entroncamento e Lisboa além do pagamento da taxa de velocidade (Categoria A) está sujeito ao pagamento de uma taxa especial de utilização.

(b) — Comboio TAF — Entre Sevilha e Badajoz está sujeito ao pagamento de taxa de velocidade.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 23 de Março de 1937 publicava:

«PARIS, 23 — Pela primeira vez, a Sociedade de Homens de Letras terá como presidente uma mulher. Por unânimidade, foi eleita, ontem, à tarde, Madame Camille Marbo, que será o 45 presidente.

Madame Marbo sucede a Jean Vignaut. É esposa do ex-ministro Emile Borel, membro da Academia de Paris. Publicou diversas obras, entre as quais avultam «Statue voilée», Prémio Femina 1913, «A bord du Croix du Sud» e «Heure du diable».

PENSAMENTOS PALAVRAS E OBRAS

- **Quanto mais conheço os homens mais gosto das mulheres.**
- **O dinheiro é o nosso pior inimigo, principalmente quando é dos outros.**
- **Escreveu André Brun que «quem paga o que deve tarde ou nunca se endireita». E' uma maneira diferente de afirmar a conhecida máxima: «O dever acima de tudo».**
- **Se as vozes de burro chegassem ao Céu haveria muito menos bifes de vitela.**
- **O Sol quando nasce é para todos. O pior são as nuvens.**
- **O que apareceu primeiro foi a guerra ou a paz?**
- **O capital e o trabalho são uma espécie de duas rectas paralelas. Nunca se encontram.**
- **As aves de rapina multiplicaram-se de tal maneira que já não cabem no quadro de classificação das aves e invadiram o dos primatas.**

CURIOSIDADES

● Muitos inventores

Pode-se avaliar do desenvolvimento técnico e científico da Itália pelo número extraordinário de pedidos de patentes de invenções, o qual atingira 15 824, antes da guerra, em 1938; no pós-guerra, já em 1953, subiu a 27 714; e, em 1965, atingia a cifra de 48 051, com uma evidente tendência de contínuo aumento.

O fenómeno justifica-se, e, ao mesmo tempo, explica o grande desenvolvimento científico e tecnológico em todos os sectores das ciências e da indústria na Itália, que, em poucos anos se tornou num dos países mais industrializados

● Exame médico pelo correio

Munich é a primeira grande cidade do mundo que submete todos os seus habitantes a um exame médico por via postal. Aliás, o exame só abrange a diabetes e doenças dos rins. Cerca de 1,3 milhões de pessoas (os habitantes da capital bávara) receberão, em Abril, pelo correio, uma tira de papel de reacção e instruções para procederem a um teste de diabetes e de doenças renais

A Câmara de Médicos da Baviera aconselhou esta campanha por ser relativamente elevado o número das pessoas que sofrem de diabetes sem o saber. O número de diabéticos na Alemanha é superior a 600 000.

● Na era da electrónica

Um plano recentemente concluído colocará a Grã-Bretanha ainda mais próxima da época em que uma rede nacional de computadores poderá ser utilizada pelos assinantes, da mesma forma como usam hoje um telefone. A Universidade de Edimburgo, a English Electric-Leo Marconi Computers e o Ministério da Tecnologia compartilharão o custo da aplicação de um sistema que permitirá o acesso ao grande computador central daquela Universidade, por parte dos assinantes da área de Edimburgo.

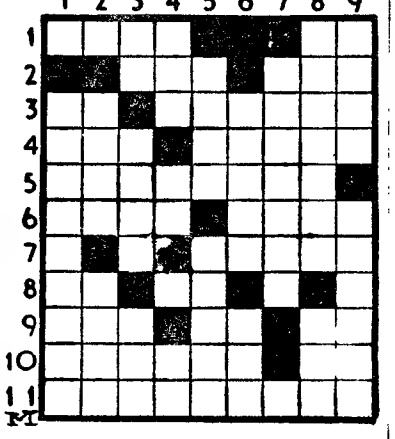
Utilizando as linhas telefónicas comuns, cerca de 200 pessoas poderão ligar, simultâneamente, para a máquina que se denominará KDF-9, sem necessidade de deixarem os escritórios ou laboratórios.

— Esta é a melhor maneira de o acordar.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4409



HORIZONTAIS: — Aquele que simbolo químico do ósmio 2 — Senhor (inglês) Possuo 3 — Freire (abrev.) Pequeno planalto 4 — Gracejar. Flatulência 5 — Hostis 6 — Embuçada Prega 7 — Concederás 8 — Pertences Poeira 9 — Recusa Réis (abrev.). Pretexto 0 — Variedade de palmeira de cujas fibras se fazem redes e linhas de pesca Aspecto — Amarelecera

VERTICAIS: — Muito sensível ao frio 2 — Parte inferior da região lombar Ausentam-se 3 — Pertences Abastado Escavada 4 — Pronome pessoal. Nocva. Antiga cidade da Caldeia (Mesopotâmia) 5 — Ding Descansa no sono 6 — Benze filha do arquipélago de Cabo Verde 7 — Riqueza 8 — Rua estreita Parelha 9 — Patroas Escabrosa

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4408

HORIZONTAIS: — Mau TANTO 2 — Fer. Aí 3 — Usares Cr 4 — Só R Ato 5 — Adenite 6 — Are AGRAZ 7 — Sr. Raro 8 — Esperes. 9 — Gora Jen 0 — Apatia. Ad. 11 — Rezar QUE

VERTICAIS: — Meus. Alegar 2 — Soar. Sopé 3 — Ufa DESPRAZ 4 — Erre Reata 5 — Treina. Ir 6 — Ais. Igreja 7 — Atrase 8 — Tactear Nau 9 — Oro Zoóide

(Provérbio: TANTO AGRAZ QUE DESPRAZ)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8254

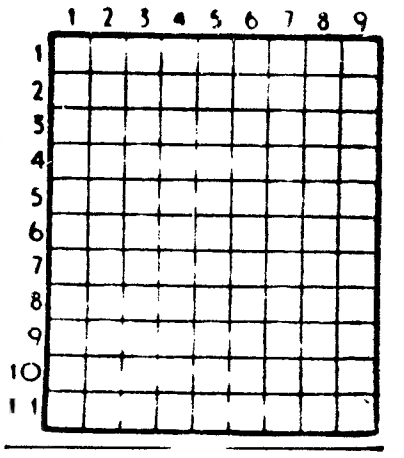
HORIZONTAIS: — Lavrais Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses 2 — Corrigido 3 — Risada (ant. e prov. trasm.). Ribeira do distrito de Portalegre. 4 — Prendeste com as gavinhas Duas consoantes guais. 5 — Indo do Brasil 6 — Remou para trás Romancista americano autor de «O Escaravelho de Ouro». 7 — Nome de homem 8 — Nome vulgar de um crustáceo que aparece nas costas de Portugal Cavre 9 — Na parte posterior. Fruto do pinheiro da dendém, que não se suicidou a qualquer manipulação 0 — Aduram Artigo definido — Chocalhos com que brincam as crianças

VERTICAIS: — Juntam 2 — Carril, calha de terra Otega 3 — Tostado. Tombar 4 — Pegras (Bras.) Burra 5 — Nota musical Basto Antes de Cristo 6 — Símbolo químico do érbio Língua do Timor português, falada nas áreas administrativas de Atsabe Calica, Laleia e Vila Salazar — Conjunção Cidade e rio do estado da Baía 8 — Enteite. Povoação do concelho de Conceixa 9 — Bastarias

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8253

HORIZONTAIS: — Vaca Amar. 2 — Ser Tope 3 — Tato Erin 4 — Ita. Ato 5 — Montaram 6 — Arpas 7 — Ias 8 — Dion Come 9 — Coma Aves. 0 — Adora. — Soro Asco

VERTICAIS: — Vítima. Ocos 2 — Acato Eio 3 — Catana Omar 4 — Aro. Trinado 5 — Capa. 6 — Até Rascara 7 — Morais Ovas. 8 — Ao to Jme 9 — Renome Esmo



TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.ª VARA

ANÚNCIO

Nos autos de acção ordinária, pendente na segunda secção desta Vara, que as autoras Equipamento de Laboratório, Limitada, com sede em Lisboa e Norpower, Brd Malo com sede em Kristiansund, Noruega movem contra Mário Pura; Purette, cidadão norte-americano, industrial, residente em 1525, West 216 th Street, Torrance, Califórnia, e Marine Construction and Design Company, com sede em 230, West Comodore Way, Seattle 99, Washington ambos dos Estados Unidos da América do Norte, são por este meio estes mesmos réus citados para no prazo de vinte dias, finda que seja a dilação de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem o pedido formulado pelas autoras que consiste em ser declarado que os ditos réus não têm o direito de se opor, com fundamento na patente de invenção número 32 660, á venda em Portugal do Grip-Roller Norpower, pelas autoras; subsidiàriamente, que a patente de invenção número 32 660 deve ser judicialmente reconhecida e decretada, na forma e com os efeitos do art.go 33 do Código da Propriedade Industrial, tudo conforme melhor consta dos duplicados da petição inicial que se encontra nesta Secretaria à disposição das citandas.

Lisboa, 13 de Março de 1967

O Escrivão
Mário Mendes Galinha
Verifiquei:

O Corregedor Auxiliar
Francisco José de Miranda Duarte

FACTOS REAIS A SEMANA SANTA

13 — *Pôncio Pilatos liberta Barrabás. E, depois de ter mandado flagelar Jesus, entrega-o aos soldados para ser crucificado. Os soldados levam-no para o Pretório. Despem-no e colocam-lhe nos ombros um manto escarlate. Fazem uma coroa de espinhos para a sua cabeça. Obrigam-no a empunhar uma vara, como se fosse um ceptro. Dobram o joelho diante de Jesus jocosamente: «Salve, rei dos judeus!». Agridem-no na face com a vara. Em seguida, tiram-lhe o manto escarlate, enfiam-lhe as vestes habituais e levam-no para o crucificar...*

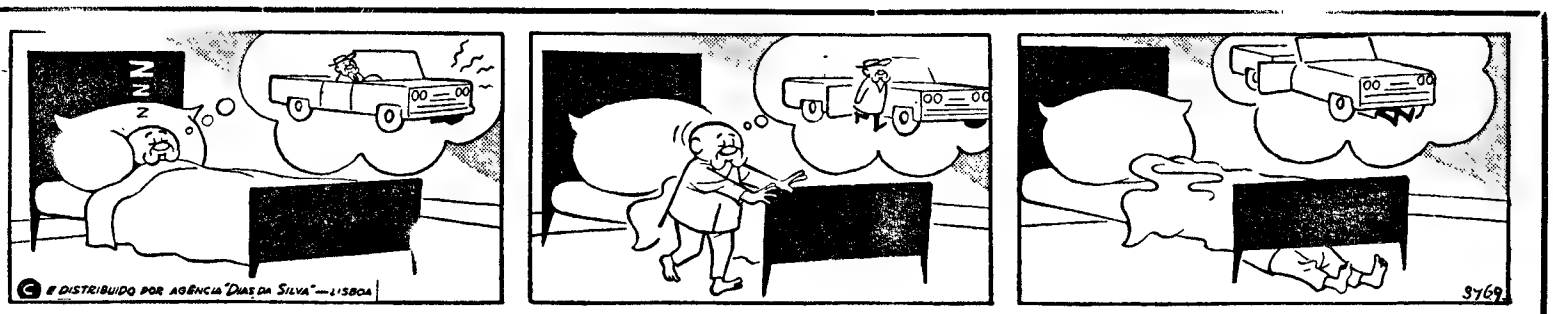
14 — *O Pretório ficava próximo do sítio onde presentemente se ergue a já mencionada escola árabe. Quando Cristo o subiu e desceu três vezes, existiam vinte e oito degraus de mármore branco, escadaria conhecida em Roma pela designação de Scala Santa. Hoje, restam, sòmente, alguns degraus comidos pelo tempo... Existe um corredor, aberto diante da Igreja da Flagelação, que leva ao local do suplício de Cristo. A cinquenta metros da rampa que conduz á escola árabe, ergue-se um arco, conhecido desde 1500 por Arco do Ecce Homo...*

15 — *Jesus suporta o peso da cruz... O verdadeiro itinerário seguido por Cristo já não existe. Saindo do Pretório, Jesus deve ter sido conduzido para oeste... Esse caminho, conhecido por Via-Sacra, mereceu sempre a atenção piedosa dos cristãos Mas é mais uma memória do que uma realidade...*

16 — *A imposição da cruz ocorreu junto da rampa que leva á escola árabe. Uma coluna, danificada, recorda, mais adiante, a primeira queda de Jesus sob o peso do madeiro. Jesus percorreria, ainda, trinta metros. De repente, os seus olhos encontram os olhos de sua mãe... o fim está próximo.*

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



DIÁRIO Escolar

INFORMAÇÕES
COMENTÁRIOS

MUDAR OS MÉTODOS — 4

TORNAR EFICAZES
OS MÉTODOS MODERNOS

Enfim, esta análise científica dos objectivos que implicam o recurso aos novos métodos conduzirá, sem dúvida nenhuma, a transformar completamente o «curriculum». Perceber-se-á que a proliferação e a ramificação das técnicas tornam vã tada a tentativa para dar conhecimentos especializados ao nível da escola e da Universidade. Que é preciso deixar este cuidado e que o ensino se deve consagrar a dotar os homens de uma inteligência — mas esse ajuda — apenas dos fundamentos e de uma aptidão — mas essa vigorosa — para se inquirir, reflectir e dizer.

Saber observar e notar, saber raciocinar bem, saber exprimir-se de uma maneira ao mesmo tempo fluente e correcta (correcta em lógica como em sintaxe), possuir as noções de base das ciências e das técnicas — matemática, energia, movimento, estrutura da matéria, instrumentos — compreender a sociedade do seu tempo, o homem e a vida — eis o viático.

Contrariamente á ideia corrente, quanto mais a actividade se especializar, mais, para comunicar entre as especialidades, o saber deve tornar-se fundamental e geral. Por isso os novos métodos pedagógicos tornarão muito mais eficazes não só a maneira de ensinar, mas ainda aquilo que se ensina, e autorizarão a esperança de formar um novo «homem médio», que, não podendo já conhecer todo o catálogo do seu tempo, lhe dominará os princípios.

Sem duvida os métodos modernos retiveram a atenção das autoridades. Há um organismo que superintende nos meios audiovisuais. Há um gabinete de planeamento de acção educativa. Mas de que meios dispõem? Uma picareta para desbravar um continente. Na América, o sistema educativo mobiliza cem vezes mais meios e já aí se sentem os efeitos culturais poderosos da revolução pedagógica.

Se se tivesse deixado assim por algum tempo ainda o organigrama do ensino, por deficiente que fosse, e se consagrasse a quarta parte das somas que vai exigir a sua remodelação para sondar o que se passa — e estruturar o que se deveria passar — na cabeça das crianças e dos adolescentes quando se lhes apresentam letras, ou números fraccionários, ou verbos transitivos, intransitivos, ou variável independente X, ou a valência dos átomos, ou Carlos Magno, ter-se-ia prestado um dos maiores serviços a Portugal.

LIVROS ÚNICOS

Não iremos discutir as vantagens ou inconvenientes dos livros unicos.

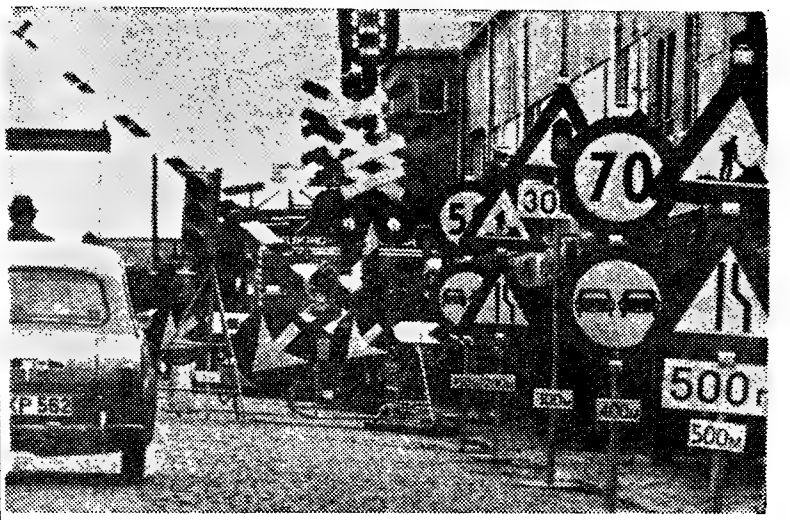
Já se colheram, duma experiência excessivamente longa, os elementos suficientes para, dentro de um critério puramente pedagógico, se concluir pela sua condenação.

Julgamos que as próprias esferas oficiais não refutam esta verificação. A ser assim, não se compreenderá que se proceda a diligências as quais, possìvelmente, levarão a adoptar os livros unicos por um periodo de mais cinco anos.

No momento em que se caminha para a elaboração de um Plano Geral de Educação, porque não suspender essas diligências, pelo menos até á publicação desse plano?

Sabemos que vão ser tomadas decisões para anular os concursos dos livros referentes aos primeiros ciclos do ensino secundário (quer técnico, quer liceal) e que no momento em que o ciclo unificado entrar em execução os livros unicos ainda dentro do prazo dos cinco ano de validade deixarão de o ser.. As nossas considerações são mais amplas, abrangem todos os livros unicos.

Com esta medida, colher-se-iam as vantagens de não executar medidas que podem entrar, melhor, entrarão, em conflito com o plano director de todo o nosso ensino, que, de início, seria prejudicado por medidas que o contrariam.



Os sinais de tráfego podem oferecer este emaranhado, como se pode verificar por esta fotografia obtida numa rua de Frankfurt. No entanto, a situação que a foto reflecte não é... real. Os sinais de trânsito estão colocados a esmo ante a sede das reuniões que estão a efectuar, actualmente, os engenheiros ferroviários alemães

O rescaldo duma cena na Quinta da Musgueira

Continuam detidos no Governo Civil, devido ás cenas desordeiras verificadas ontem á noite no bairro da Quinta da Musgueira, onde vivem cerca de 7000 pessoas, a vendedeira Maria Emília de Jesus Graça Russo, de 20 anos, casada, residente no Largo do Centro Social, barraca n.º 21, e o estivador Armando de Almeida Temudo, de 29 anos, que ali vive maritalmente com Natália da Conceição Gaspar, de 43 anos, na companhia de dois filhos de ambos e de dois enteados.

Tudo começou por uma discussão entre os dois componentes do casal. Como o estivador procurasse agredir a Natália, esta fugiu para a rua, pedindo o auxílio da Polícia, que acorreu ao local, onde já se encontravam numerosos vizinhos do casal.

Voltando para a sua barraca, o Armando atirou com um candeeiro de petróleo aceso contra o seu madeiramento, forrado de papel, originando um princípio de incêndio, que foi extinto, com baldes de água, por diversos populares.

No local, compareceram pessoal e material do Batalhão de Sapadores Bombeiros e dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, o subchefe Nunes, da esquadra do Lumiar, com um reforço de guardas de piquete, e um carro rádio-patrulha da P.S.P., que procederam á captura do estivador.

A prisão de Maria Emília foi devida a ter agredido, com duas bofetadas o guarda n.º 5421, da esquadra do Rego, sr. Manuel Carreira Ramalho, quando este mandava afastar as pessoas que permaneciam no local do burburinho.

Um parecer da Procuradoria
sobre a contagem (para professores) do tempo de serviço militar

Publicou-se, hoje, no «Diário do Governo», um parecer da Procuradoria Geral da Republica sobre a norma a seguir para efeitos de diuturnidades e de concursos quanto a tempo de serviço militar obrigatório prestado por um professor agregado que não requereu a sua colocação ao abrigo das disposições vigentes, e que também não foi chamado ao serviço docente nos termos previstos pela lei.

Depois de judiciosas considerações, a Procuradoria emitiu o seguinte parecer:

«Os professores agregados do ensino primário não beneficiam da garantia atribuída pelo artigo 9.º da Constituição e concretizada noutras disposições da lei ordinária, pois que tal garantia se destina apenas aos titulares de emprego permanente chamados a prestar serviço militar obrigatório».

O aumento da classificação profissional do pessoal docente do ensino técnico

São muitas as perguntas dos nossos leitores sobre as modificações introduzidas ao Estatuto do Ensino Industrial e Comercial (Dec. 37 029) pelo decreto recentemente publicado no «Diário do Governo» de 17 de Março ultimo (n.º 47 592), especialmente no que se refere á modificação da classificação profissional dos professores, a qual passou do limite de 5 valores (10 anos de serviço a 355 dias cada um) para 10 valores (20 anos de serviço). O teor do artigo 4.º do decreto citado é o seguinte:

«I — O limite fixado nos artigos 187, 202, 221 e 299 do Decreto n.º 37 029, de 25 de Agosto de 1948, para o aumento da classificação profissional do pessoal docente do ensino técnico profissional em consequência do serviço prestado é elevado para 10 valores.»

Os leitores interessados perguntam-nos ainda se o referido decreto tem efeitos retroactivos, isto é, se envolverá as classificações do concurso aberto em 4 de Fevereiro do corrente ano («Diário do Governo» n.º 30, de 4-2-67).

Os interesses em jogo são os seguintes: os que concorreram e vêem assim confirmadas posições; os que não concorreram mas que se tivessem concorrido *apoiados na legislação recente* obteriam determinados lugares. De qualquer maneira haveria de considerar pontos de vista diferentes e devido a esse facto sabemos que se recorreu, através da Direcção-Geral do Ensino Técnico, ao parecer da Procuradoria Geral da Republica.

Relativamente ao ensino liceal verificaram-se as mesmas discussões e foi esclarecido que a legislação não tinha efeitos retroactivos. Por outro lado, há a considerar que o decreto foi publicado depois do concurso de Fevereiro ter fechado e que muitos professores não concorreram partindo do princípio de que a lei era a que estava instituída, pois se assim não fosse teriam concorrido por possuirem maiores vantagens.

Como os concursos têm consequências específicas durante o ano escolar, põe-se mesmo o problema de perguntar se a lei recente deve ser aplicada nos provimentos que abrem próximamente (Junho), pois houve professores efectivos que ficaram «presos» no concurso de Fevereiro e que se reservariam para o próximo concurso por serem favorecidos com as disposições do Dec. 47 592.

Visitas de estudo de alunos da Escola Hoteleira «Alexandre de Almeida»

Com o objectivo de proporcionar aos alunos um melhor conhecimento prático das diversas matérias versadas nos programas da Escola Hoteleira «Alexandre de Almeida» promoveu e orientou a sua direcção visitas de estudo a estabelecimentos que, pelo seu funcionamento, possibilitem os resultados pretendidos.

Assim, os alunos dos vários cursos, acompanhados de professores e mestres, já se deslocaram a diversos mercados abastecedores, á Docapesca, Gelmar, Fima, Matadouro Municipal, Hotel Ritz, Hotel Mundial e Caves de Vinhos.

Depois das férias da Páscoa, efectuar-se-ão visitas á Manutenção Militar, Central Pasteurizadora de Leite e a outros estabelecimentos hoteleiros.

É de salientar a colaboração oferecida á Escola Hoteleira pelas direcções dos vários estabelecimentos que tudo fizeram para que estas visitas tivessem os resultados previstos.

AMORIM
ALFAIATE

EX-CONTRAMESTRE DA ALFAIATARIA LONDRINA PARTICIPA AOS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS QUE SE ENCONTRA AO SEU DISPOR NA

R. dos Fanqueiros, 105 - 2.º
Tel. 36 71 28 LISBOA

Em CANEÇAS o «DIARIO DE LISBOA» vende se nas agencias dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSE AUGUSTO DE MELO BROCHADO

PÁRA-QUEDISMO
no Ultramar

Um decreto hoje publicado fixa o montante dos subsídios a conceder no ano de 1967, ás organizações civis das províncias ultramarinas que tenham por finalidade a prática de aeromodelismo, aviação, com e sem motor, ou de pára-quedismo.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

FOGÕES
ARTHUR MARTIN
de fama mundial

Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. **SIDA - SUECA**, *limitada*
Rua de S. Nicolau, 44-48 — Telef. 36 93 32 — LISBOA

NACIONAL RÁDIO, LDA.

A NACIONAL RÁDIO, LD.ª, informa todos os seus estimados clientes e amigos, que devido à solenidade da quadra que atravessamos, decidiu encerrar os s/ serviços hoje às 19 h, só os reabrindo às 9 h do próximo dia 27.

Notariado Português
1.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A cargo do notário Luís Martins de Campos Ferreira

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de ontem, exarada desde folhas oitenta e quatro, verso, a oitenta e seis, verso, do livro número E-dezanove, de escrituras diversas deste Cartório, a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma «Pedro Dias, Limitada», com sede e domicílio em Lisboa, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, números setenta-A e setenta-D, com o capital de um milhão de escudos, aumentou o referido capital com a importância de um milhão e quinhentos mil escudos, em dinheiro, já entrado na caixa social e subscrito pelos sócios pela forma seguinte:

Pedro Dias, um milhão e cinquenta mil escudos; José Carvalho Fortes, cem mil escudos; Maria Teresa Sampaio Medeiros, cento e cinquenta mil escudos; e Irene dos Prazeres Garcia, duzentos mil escudos.

Ainda pela mesma escritura, e em consequência daquele aumento, alterou o artigo quarto do seu pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:

ARTIGO QUARTO — O capital social é de dois milhões e quinhentos mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro e noutros valores constantes da respectiva escrita e representado por quatro quotas, uma de um milhão setecentos e cinquenta mil escudos do sócio Pedro Dias; uma de duzentos e cinquenta mil escudos do sócio José Carvalho Fortes; uma de duzentos e cinquenta mil escudos da sócia Maria Teresa Sampaio Medeiros; e outra também de duzentos e cinquenta mil escudos da sócia Irene dos Prazeres Garcia.

Está conforme ao original, e declara-se que na parte omitida, nada há em contrário, ou além do que na certidão se narra ou transcreve, o que certifico.

Lisboa, dezassete de Março de mil novecentos e sessenta e sete.

O ajudante,
Georgete Simões Barata

Em CANEÇAS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se nas agencias dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSE AUGUSTO DE MELO BROCHADO

DESPORTO

O PODER ATLÉTICO DOS BELGAS

E AS EXÍGUAS DIMENSÕES DUM TERRENO DE PISO IRREGULAR

INFLUÍRAM NA ACÇÃO DOS «BÊS» DE PORTUGAL

CHARLEROI, 23 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — O caso repetiu-se, ontem, na Bélgica. Um caso que deverá prender, o mais urgentemente possível, as atenções de quem de direito. Um caso que, a nosso ver tem fundas raízes, e que não se tornará fácil resolvê-lo de um momento para o outro. Será preciso retroceder anos. No respeitante ás práticas desportivas, ter-se-á, a bem dizer, de começar pelo... princípio. A's práticas desportivas — acrescentemos — ligadas, desde o berço dos atletas, ás condições de vida.

Foi, de novo, ontem, assim, em Charleroi. A equipa «B» de Portugal perdeu com a da Bélgica, por 2-0. Não porque fosse inferior no capítulo técnico. Não porque em conjunto se mostrasse menos apetrechada. Antes pelo contrário. Os portugueses exibiram, individual e globalmente, faculdades de primeira ordem, que chegaram a eclipsar as dos belgas. Simplesmente — mais uma vez! — soçobraram, com toda a naturalidade, quando, no plano atlético, foram sobrepujados pelos adversários. À maioria faltou as forças. Teve de baixar os braços, v e n cida. Vencida inglòriamente. Só por uma questão de poder físico. Um poder físico que distingue os outros e que nos derrota a nós, nos momentos decisivos dos embates.

Porque não têm os jogadores portugueses a capacidade que lhes falta e que outrem alardeia? Não bastam o brio, a coragem, o virtuosismo, a vontade. De nada chegam a valer tais predicados se as forças escasselam. E escassearam ontem aos «Bês» do nosso País. Ao contrário do que se registou entre os belgas, que, matreira, argutamente, talvez conscientes da sua inferioridade técnica, impuseram, desde logo, uma toada agreste, de embates demolidores, procurando, assim, fatigar, irremediàvelmente, os contendores, tal qual um pugilista, a socar, implacável, os flancos do antagonista, procura roubar-lhe, antes de mais nada, o fôlego, para depois contra-atacar pela certa.

Assim claudicou ontem em Charleroi a equipa «B» de Portugal. Só porque a maioria dos seus componentes não teve puder atlético para contrabalançar o dos belgas. Que estas tácticas do futebol hodierno, se não forem servidas por elementos tão bons no aspecto técnico como no atlético, de nada servirão. Aos portugueses voltou a faltar esse poder atlético. Torna-se necessário atentar bem no problema. Valores, sim, os melhores, mas também o melhor possível apetrechados físicamente. Entre os «bons», mas cansados e sem resistência, a figura que se fará será, pelo menos, a mesma que se observará entre os «menos bons» mas de melhor capacidade atlética. Caso não possam meter-se os dois proveitos no saco.

Urge evitar que no campo internacional se dêem físicamente tais provas de incapacidade, que os outros tão bem sabem explorar. Há que salvar, pelo menos, as aparências. O desporto continua a ser um dos maiores veículos de propaganda das faculdades rácicas de um povo. Das manifestações desportivas, muitas ilações preciosas poderão retirar-se. Referimo-nos, claro, ás que se prendem com as de carácter puramente físico.

Quanto ao jogo de ontem, pouco há que dizer. Os portugueses dominaram técnicamente enquanto tiveram resistência. Depois claudicaram. Diga-se, no entanto, por ser a verdade, que na equipa lusa não houve talento, em determinados trechos do desafio, para contrariar a tendência demolidora dos adversários. A responder «taco a taco» só os defesas estiveram na brecha. Os homens do meio campo foram os primeiros a capitular. Seguiram-se os avançados, quer nas operações defesa-ataque, quer na específica função de «pontas de lança». Não venceu a melhor equipa, longe disso; venceu, sim, a que demonstrou mais capacidade de resistência, a qual quis alardear desde o começo do encontro E desta vez deu resultados práticos. Como invariàvelmente costuma dar nestas andanças internacionais. A não ser que na equipa de menores predicados físicos haja um extraordinário poder de recursos técnicos manifestados em todos os pormenores do jogo, o que não foi positivamente o caso de ontem em Charleroi, em relação aos portugueses. Entre estes, estiveram em grande realce na defesa Joaquim Jorge e Gervásio. O guarda-redes Maló creditou-se igualmente de boa exibição.

No meio campo, Gonçalves foi o primeiro a denunciar os efeitos de um prolongado dispêndio de energias pouco de harmonia com a sua momentanea fragilidade física. Desta, em determinados pormenores, também se ressentiram os avançados.

Diga-se, no entanto, que o campo de Charleroi, de mínimas dimensões e de piso irregular, influiu grandemente no comportamento dos portugueses, ao mesmo tempo que muito favoreceu adversários mais do que nunca dispostos a impor-se, decisivamente, em desgastadora luta de choque. E pouco mais conseguiram evidenciar que essas supremacia e presdisposição, as quais, em terreno deficiente, bem penosas se tornaram para os jogadores portugueses, indiscutìvelmente mais hábeis nos vários capítulos da técnica de futebol.

*

Arbitro: Rudolf Kreitlein, auxiliado por Schmid e Wengenmayer, todos alemães.

BELGICA (de camisolas brancas, calções pretos e meias brancas) — Bosmans; Maertens, A. Sulon, Willems e Baré; Bettens e Chellinck; Verneyen Haagdoren, Carteus e Segers (Depireux).

PORTUGAL (de camisolas vermelhas, calções brancos e meias verdes) — Maló; Rodrigues, Rui Rodrigues, Joaquim Jorge e Celestino; Vítor Campos, Gervásio e Gonçalves; Ernesto, Nelson e Peres.

Ao intervalo: 0-0

Marcadores: Depireux (aos 73 m.) e Haagdoren (aos 78).

Cassius Clay conserva o título de campeão mundial pois venceu Folley (por «K. O.»)

NOVA YORK, 23 — (F P.) — Cerca de doze mil pessoal encheram o «Madison Square Garden», onde se disputou o campeonato do mundo dos pesos pesados entre Cassius Clay detentor do título, e Zora Folley seu nono «challenger».

O campeão do mundo, que defendeu o seu título pela sétima vez em doze meses, apresentou-se com mais quatro quilos que o seu adversário (95,930 kg contra 91,850).

Foi o décimo e, talvez, o último campeonato do mundo disputado no «Madison» que vai ser demolido. A receita foi de 244 471 dólares (6900 contos).

Entre os espectadores, nas primeiras filas, viam-se os actores Jean-Paul Belmondo e Ursula Andress.

Primeiro assalto: Cassius Clay começou a sua dança habitual. Girava e saltitava, para evitar algumas esquerdas de Folley. Foi um assalto de observação. Mesmo assim, Folley colocou um directo da esquerda no corpo de Clay e depois atirou-lhe duas direitas, sem efeito. Enervado, Clay contra-atacou e conseguiu uma rápida direita á cabeça. Resultado: nulo.

Segundo assalto: Folley pareceu muito prudente, pouco móvel, e conseguiu, de entrada, uma direita á cara de Clay, a que fez seguir duas esquerdas. O combate animou. Folley perseguiu Clay através do «ring», atirou-lhe uma esquerda á cabeça e duas ao corpo. Mas foi-lhe difícil tocar o campeão do mundo, que estava constantemente em movimento. Os dois homens observaram-se durante um longo momento, o que nada era do gosto do público. Folley conseguiu uma esquerda e mais uma direita sem qualquer efeito. Resultado: vantagem para Folley.

Terceiro assalto: Clay moveu-se para a direita e para a esquerda diante de Folley, elevou os braços e tentou baixar a guarda do adversário. Colocou uma pela direita e o «challenger» respondeu. Clay continuou a saltitar e a manter-se á distância. Atirou algumas esquerdas á cara e ao estômago do adversário. Resultado: nulo.

Quarto assalto: Clay menos móvel neste começo de assalto, atirou um largo «crochet» seguido de um rápido «um-dois» á cabeça de Folley, que foi ao tapete e ouviu contar até oito Clay evitou, em seguida, uma carga de Folley. O campeão continuou agindo com a esquerda e Folley tentou em vão levar Clay ás cordas Resultado: nítida vantagem de Clay.

Quinto assalto: Mantendo-se sempre á distância, o que contrariou visìvelmente Folley Clay retomou a sua táctica habitual, saltitando para a direita e para a esquerda. Folley falhou uma direita e Clay conseguiu uma esquerda á cabeça. Mecânicamente, sem convicção, o «challenger» atirou uma esquerda a que o campeão se esquivou. Resultado: vantagem de Clay.

Sexto assalto: Diante de Folley, que não pareceu muito contundido, Clay parou a meio um «crochet» da direita colocou, por seu lado, uma esquerda na cara de Folley. O campeão continuou a movimentar-se muito rápidamente. Folley tentou, de novo, colocar um golpe decisivo, mas não o conseguiu devido á extrema mobilidade do campeão. Conseguiu, todavia, duas esquerdas e uma direita, que o campeão pareceu não acusar Resultado: vantagem de Clay.

Sétimo assalto: Clay pretendeu tomar a direcção do combate e atingiu Folley com uma esquerda no olho esquerdo. O «challenger» replicou lançando uma boa direita á cara de Clay. Um novo «um-dois» de Clay á cabeça de Folley mandou este ao tapete, com a face em terra. À contagem de seis, Folley tentou levantar-se, titubeou, sentou-se nas cordas num canto do «ring». Antes do cronometrista ter chegado aos dez segundos, o árbitro Johnny lo Bianco levantou os braços diante de Folley, que não estava em estado de retomar o combate. Foi finalmente por K. O. que Cassius Clay conservou o título. O sétimo assaltou durou um minuto e 48 segundos.

Cassius e Folley falaram

«Não me foi possível prolongar o combate. É que Zora Folley é um hábil pugilista, que me obrigou a mudar de táctica. Tive de empregar o meu «punch» — declarou Cassius Clay totalmente incólume, como se saísse de uma sessão de treino, falando aos jornalistas depois do combate.

«Zora é um bom pugilista — repetiu Clay. — Foi melhor do que Sonny Liston, Floyd Patterson ou Ernie Terrel».

Referindo-se aos «directos» que enviaram Folley ao tapete o campeão classificou-os de «socos com sorte».

Quanto a Zora Folley, limitou-se a declarar: «Creio que lutei bem. Dei tudo o que tinha, mas Clay é simplesmente melhor do que eu. Tem um bom jogo de pernas. Todavia, não é o mais terrível socador que tenho defrontado. Sonny Liston, há oito ou nove anos, era muito mais temível a bater».

A Direcção-Geral dos Desportos exige que as incorrecções nos campos sejam punidas com o máximo rigor

Através de um despacho divulgado em comunicado da F. P. F., a Direcção-Geral dos Desportos está na firme disposição de zelar pelo bom comportamento dos desportistas nos campos onde se disputem jogos oficiais e particulares.

A intervenção da D. G. D. veio na devida oportunidade em virtude de se repetirem abusos que de modo algum convêm ao prestígio do desporto nacional onde existe predomínio de paixão clubista.

O despacho é do seguinte teor:

Não tem passado despercebida a esta Direcção-Geral a frequência com que nos campos de futebol o publico afecto aos clubes se manifesta por forma que já não se confina aos limites da simples incorrecção, pois se traduz na prática de actos gravemente atentatórios da mais elementar ética desportiva e da ordem e disciplina em que as competições devem decorrer.

Prevê, é certo, o Regulamento de Disciplina sanções a aplicar aos clubes que devem ser responsabilizados pelas infracções cometidas nos recintos desportivos pelos seus adeptos. Mas, ou as sanções estabelecidas são demasiado leves para realizar uma eficiente repressão, ou não têm, em cada caso, sido convenientemente graduadas e aplicadas por forma a evitar-se a repetição de semelhantes actos.

Não deve este estado de coisas subsistir, pois importa reprimir em termos adequados condutas que representam a negação do próprio desporto e dos fins educativos que através dele se prosseguem.

Nestes termos, determino:

a) Deverá a Federação Portuguesa de Futebol estudar e propor a esta Direcção-Geral, no prazo de 30 dias, a alteração dos artigos 77.º e 103.º do Regulamento de Disciplina, em termos de passar a cominar sanções que reprimam mais adequadamente as infracções em referência.

b) **Enquanto não se proceder a essa alteração, deverão tais infracções ser punidas com o máximo rigor consentido pelo regime vigente.**

Deve a Federação Portuguesa de Futebol transmitir este despacho a todos os organismos seus filiados.

O DIRECTOR-GERAL (a) Armando Rocha.

Os dois artigos em questão

Transcrevem-se os artigos em referência no despacho e que vão ser alterados pela direcção da F. P. F., numa reunião marcada, expressamente, para amanhã á noite:

Art. 77.º — «Os clubes em cujos campos os dirigentes, os componentes da equipa de arbitragem ou os jogadores visitantes forem maltratados ou agredidos pelo publico, por sua comprovada negligência, na protecção regulamentar que áquelas pessoas é devida, serão punidos com multa até 5000$00 e ainda interdição do campo, se a gravidade dos factos o justificar».

Art. 103.º — «As infracções a que se refere o artigo anterior serão punidas da seguinte forma:

a) Se os disturbios, embora causando perturbações á margem do jogo, não conduzirem á necessidade da suspensão definitiva deste ou á agressão de qualquer dos jogadores ou dos elementos da equipa de arbitragem multa de 100$00 a 2500$00;

b) Se os disturbios, embora não conduzindo á suspensão definitiva do jogo, levarem á lesão física (por apedrejamento, agressão, etc.) de qualquer dos jogadores ou dos elementos da equipa de arbitragem, multa de 200$00 a 5000$00 e interdição do campo de um a dois jogos;

c) Se os disturbios forem tão graves que levem á suspensão definitiva do jogo, multa de 200$00 a 5000$00 e interdição do campo de três a quatro jogos».

VOLEIBOL

O Nacional de Ginástica venceu o C. I. F. (3-0) no «Regional»

No ginásio da Escola Josefa de Óbidos realizou-se, ontem á noite, o jogo Nacional de Ginástica-C. I. F. a contar para o campeonato regional de voleibol, de seniores.

O resultado foi de 3-0 (15-6, 15-6 e 15-5) favorável á equipa da Parede.

Posse do novo elenco directivo da A. V. L.

Apesar de há meses se ter realizado a ultima assembleia geral para eleição dos corpos gerentes para a época em curso (desde Outubro) só há dias foi possível reunir a documentação necessária para a homologação superior, que se aguarda para breve.

Entretanto, a dois elementos da direcção anterior (João Bonifácio e João Pinto) se deve a continuidade da realização das diversas provas regionais que têm prosseguido com o ritmo habitual.

*

Na sede da Federação realizou-se o sortelo da Taça de Portugal (Zona Sul) cujo resultado foi: Belenenses-Benfica, Fut. Benfica-Dramático de Cascais, Técnico-Escola Regentes Agrícolas de Coimbra e Académica de Coimbra-Nacional de Ginástica.

O Lisboa Ginásio ficou isento nesta jornada.

FUTEBOL INTERNACIONAL

Vitória da França sobre a Espanha em «esperanças»

BARCELONA, 23 — (R.) — A França venceu a Espanha, por 1-0, num desafio internacional de futebol entre selecções de «esperanças», disputado a noite passada nesta cidade.

Ao intervalo o resultado era de 0-0.

Arbitrou o encontro o português dr. Décio de Freitas.

Os juniores da França venceram os da Suíça

PARIS, 23 — (R.) — A França venceu, por 1-0, a Suíça num desafio de qualificação para o torneio internacional europeu de juniores em futebol, que se disputou a noite passada nesta capital.

Ao intervalo registava-se um empate a zero.

O jogo da segunda volta realizar-se-á em 1 de Abril em Berna.

Três louvores

relacionados com os III Jogos Desportivos Luso-Brasileiros

O sr. ministro do Ultramar louvou os srs. dr. Julio Miguel Monteiro Junior, inspector do ensino do Ministério do Ultramar e seu representante na comissão executiva dos III Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, prof. Daniel Rogério Leite, presidente do Conselho Provincial de Educação Física de Angola, inspector António Nóvoa Cortês, de Moçambique, e ten-cor. Lélio de Almeida Ribeiro, pela sua acção decisiva no êxito alcançado com a realização em Angola e Moçambique de uma parte importante dos III Jogos Desportivos Luso-Brasileiros.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida a Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 1º e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º programa — 451 m — 665 kc/s — Às 6: Melodias; 6 e 15: Conjuntos vocais; 6 e 30: Noticiário; 18: Noticiário; 18 e 0: Danças; 18 e 35: Radio Mocidade; 19: Noticiário regional; 9 e 10: Atenção Luanda!; 19 e 15: Instrumentistas; 9 e 25: A Ciência e o Homem; 9 e 45: Festiva 67, 20 e 30. Diário sonoro — Boletim meteorológico; 2 : Boliarico; 2 e 20: 5.º episódio do folhetim: «O Jograi de Deus»; 21 e 40: Musica brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico· 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho;

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6: Obras de compositores brasileiros; 17: Interrupção; 18: Pontifical, transmitido da Sé Patriarcal; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: Musica sinfónica; 20 e 45: Musica de piano, de Liszt; 21: «A missa de Requiem», de Fauré; 22 e 15: Musica de câmara; 23: A Voz do Ocidente; e 15. Fecho.

3.º programa — Modulação de frequência 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Desdobramento — Concerto sinfónico (1.ª parte); 23 e 52: «Sonatas n.os 8 e 9»; 0 e 11: Concerto sinfónico (2.ª parte); 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,1 m — 1034 kc/s Às 6· Programa CDC; 8: Ela e o seu mundo; 18 e 5: Orquestras; 18 e 30: Lisboa á tarde: 9: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Uma orquestra e um conjunto; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções românticas; 21: Noticiário; 21 e 8: Uma orquestra; 21 e 5. Voz do Alentejo: 21 e 45: Musica das Américas; 22: Noticiário; 22 e 2: Serão musical; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda 0 e 2: Meia-noite, 3 e 2: A Noite é nossa; 6 e 2: Desculpe, mas já são horas; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 90,4 mc/s — Às 6: Carrocel em FM; 6 e 30· Encontro no ar; 7 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 9 e 4: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM: 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A Noite é Vaga; : Fecho.

Emissor de Miramar — 383,4 m — 782 kc/s — Às 6: Programa CDC; 18: Depois do chá; 8 e 30. Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 9: Noticiário; 19 e 3: Miscelânea; 9 e 7: Vozes de Paris; 9 e 30: Rabbiolac; 9 e 45: Melodias para si; 20: Noticiário; 20 e 3. Rádio Placard; 20 e 25: Boletim de informações; 20 e 30: Variedades; 20 e 45. Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Bossa nova; 22 e 15: Ele e ela· 22 e 3: Conjunto de ritmo, 22 e 45: O fado na voz de ..: 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude, 0 e 2: Meia-noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 7 e 45: Abertura e leitura do programa; 8: Transmissão do Sé Patriarcal de Lisboa, da Ceia do Senhor, da cerimónia do Lava-Pés e do sermão; 19 e 45: Terço, da basílica dos Mártires; 20 e 5: Noticiário, boletim religioso e interrupção Às 22 e 50: Reabertura e transmissão da basílica dos Mártires, da Hora Santa. No final: leitura do programa de amanhã e encerramento

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 17 e 5: Abertura, leitura do programa e musica seleccionada; 7 e 30· Missa da Ceia do Senhor, transmitida da Sé Catedral do Porto; 9 e 30: Musica seleccionada, 19 e 45: Terço, da basílica dos Mártires; 20 e 5: Noticiário boletim religioso e interrupção Às 22 e 45: Reabertura, leitura do programa e musica seleccionada; 22 e 50: Transmissão da basílica dos Mártires, da Hora Santa. No final: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — 188 m — 1594 kc/s e 99,4 mc/s — Às 6: Rádio Graça; 17: Voz de Lisboa; 19 e 30: Rádio Peninsular; 22: Voz de Lisboa.

CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS

Taunus 20 M 1966

Taunus 12 M 1500 1965

Taunus 12 M 1500 1964

Volkswagen 1959

outras marcas e alguns carros de serviço

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)

Ford

fatos
confecções
mobílias
electro-domésticos
a prestações

ARMAZÉNS Cancela

Calçada do Combro, 21-23

PROGRAMA DA TV PARA HOJE

Às 21, Abertura e Actualidade Desportiva — resumo filmado do jogo de futebol Bélgica-Portugal-B. 21 e 20, Vamos Jogar no Totobola; 21 e 30, Telejornal; 22, Recital — de piano por Robert Szidon — III Sonata de Chopin em Simenor (realização de Jorge Listopad); 22 e 25, O Caminho da Cruz (documentário). 23 e 20, Recital de órgão — transmissão da igreja de S. Vicente de Fora, por Francis Chapelet (realização de Helder Mendes); 23 e 55, Telejornal (ultimas notícias); 24, Meditação; 0 e 05. Fecho.

(Devido á solenidade da Semana Santa, a RTP não emite programas amanhã.)

TELEVISORES GRUNDIG

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524.
ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537021 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 382069
POLÍCIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soro, 771161 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524.
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Mar. de Alcântara, 663195 Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém), 638531).

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno C

(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parêntesis)

ALCÂNTARA — Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) ✲ **Aeroporto,** Av Gago Coutinho, lote 101-D (á Av D Rodrigo da Cunha) (722384) ✲ **Rio de Janeiro,** Av Rio de Janeiro, 4-C (á Av Estados Unidos da América) (721409)
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av Rovisco Pais, 32, A-B (534027).
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478).
ARROIOS — Bastos, R Morais Soares, 91-F (844350).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, (do), Av. da República, 58-D-E, (771661) ✲ **Figueiras,** Av Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ **Cruz Nunes,** Pr. Duque de Saldanha, 4 (41845) ✲ **Novais,** Av Luís Bivar, 11-13 (44324)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 41 (389216)
BAIXA — Silva Carvalho — R. dos Fanqueiros, 26 (326575)
BELÉM — Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias, 63-A (61454).
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (784888) ✲ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548).
CAMÕES — Sanitas, Pr. Luís de Camões, 24 (322798).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheira, R de Campo de Ourique, 131-133 (686640) ✲ **Elma,** R D Maria Pia, 358-A (686176) ✲ **Urbana de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 7-9, (662838).
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R de S Lázaro, 28 (42829).
CAMPO GRANDE — Cabrita, Campo Grande, 220-222 (772397)
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, — Galinheiras (790969)
CONDE DE REDONDO — Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç D Gastão, 30-32 (38279).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (77469)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R. Possidónio da Silva, 62-A (669485) ✲ **Mota Capitão,** R. de S Félix, 45-A-B (660720)
GRAÇA — Silva, Calçada de St.ª André, 6 (862074) ✲ **Branquinho,** Rua dos Sapadores, 87 (842725)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes, 90 (662327).
LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 77 (790480)
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 219 (43641).
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (389237) ✲ **Fernandes Borges,** R C., 3, lote 300 — Olivais Sul (389091).
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 5-A (778439).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa 6-A (Tels. P. P. C. 728395-720703)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 5-C-D (68847).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-162 (761035).
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 0-A, á Encosta do Restelo (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suc. (Gonçalves), R. do Junqueira, 326 (638193) ✲ **Dilena,** R Aliança Operária, 49-A-B (636620) ✲ **Costa,** R Lusíadas, 32 (636704)
S. BENTO — Fénix, R da Cruz dos Poiais, 52 (678531).

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 (Tel 21208)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2420039).
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões 8 (Tel 2430058)
PAREDE — Brandão — Av da República, 77-C (Tel 247054).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260191)
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G. Guerra, 40 (Tel 280170); **Nova** — Est. Alvide — Fontainhas (Tel 28044)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Caveca — R Elias Garcia, 209 (Tel 930019) **Flama** — R Elias Garcia 78-B (Tel 932485); **Confiança** — Av D Nuno Alvares Pereira, 5-A (Tel 938 49)
DAMAIA — Confiança — Est Militar, lote D (Tel 97023)
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel 950905). **Zeller** — R. da República, 83 (Tel 950043)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 58 Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins 285 (Tel 2910012).
S PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — Estefânia — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 2990883)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Beira Rosa, 5 (Tel 224250)
ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 (Tel 27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional 221-B (Tel 224 41).
BARREIRO — Avenida — Av Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273212)
COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal. (Tel 274365)
MOITA — União Moitense — Av Dr. Teófilo Braga. (Tel 239025)
MONTIJO — Moderna — R Bulhão Pato, 60 (Tel 230156).
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis 67 (Tel 29028)
SETÚBAL — Oliveira — L. da Misericórdia (Tel 22488)
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho 38 (Tel 2218560)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções - Tratamentos - Veias - Soros - Oxigénio - Camas articuladas - Ambulâncias
Telef P P C 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef 43738

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efect	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% 1 0	—	—	530$00
Consolidado 3% 1 0	570$00	—	570$00
Consolidado 3 1/2% 1 0	665$00	—	665$00
Centenários 4% 1940	—	—	1.570$00
Obgs Tes. 2 1/2% 942	—	—	—
Obgs Tes 2 1/2% 943	—	—	—
Obgs Tes. 2 1/2% 944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Externo 1.ª série cor	—	1.200$00	1.220$00
Externo 2.ª série	—	1.215$00	—
Externo 2.ª série cor.	—	1.215$00	1.230$00
Externo 3.ª série	—	1.250$00	1.300$00
Externo 3.ª série cor	—	289$00	290$00
Cautelas da 3.ª série s/juro	—	—	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas de Lisboa 5%	—	—	470$00
C P 4 1/2%	920$00	920$00	925$00
Gás e Electricidade 3 3/4%	—	810$00	—
Gás e Electricidade 4% ...	—	810$00	—
Gás e Electricidade 4 1/2%	—	—	910$00
Gás e Electricidade 5% ...	950$00	—	—
H E Douro	795$00	795$00	800$00
Norte de Portugal 5% ...	—	—	100$00
H E S Estrela	—	740$00	—
Metropolitano	945$00	940$00	950$00
Petroquímica	—	900$00	—
Sonefe	710$00	700$00	710$00
T A P	—	—	—
Termoeléctrica Portuguesa.	810$00	810$00	835$00
União Eléct Port 3 3/4%	—	77$00	—
União Eléct Port 4% 945	78$00	78$00	80$00
União Eléct Port 4% 948	—	—	—
União Eléct Port 4 1/2%	—	—	—
União Eléct Port 5% 951	80$00	79$50	80$00
União Eléct Port 5% 952	—	—	—
AC ÇÕ ES			
Bancos			
Agricultura	1.055$00	1.050$00	1.060$00
Alentejo	1.180$00	1.170$00	1.180$00
Angola	—	1.550$00	1.650$00
Burnay	—	3 400$00	3.600$00
Crédito Predial	—	1.850$00	1.900$00
Espírito Santo	—	13.800$00	14.100$00
Lisboa & Açores	—	4.000$00	—
Portugal	—	—	3.100$00
Português do Atlântico ...	—	6.500$00	7.000$00
Totta Aliança	—	—	4.500$00
Ultramarino	1.470$00	1.460$00	1.480$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	295$00	—
Sagres	—	—	—
Soberana	—	—	1.900$00
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açucar de Angola	—	710$00	730$00
Ag Cassequel	500$00	500$00	505$00
Ag Colonial	—	—	—
Ag das Neves	—	—	—
Boror	—	95$00	100$00
Cabinda	—	—	—
C. A. D. A.	—	1 470$00	1.490$00
Cal do Buzi	59$00	58$00	60$00
Diamantes	1.207$00	205$00	1.209$00
Ilha do Príncipe	—	—	370$00
Incomati	—	530$00	—
Lobito	—	380$00	—
Moçambique	—	46$00	50$00
Sonefe	—	200$00	205$00
Zambézia	—	39$00	40$00

C.as Diversas	Efect	Compra	Venda
Cimentos Leiria	—	1.500$00	1.550$00
Cimentos Tejo	—	1.950$00	2.200$00
Cal Navegação	—	560$00	580$00
C U F	—	—	—
Industrial Aliança	—	—	580$00
Nac de Navegação	—	1.100$00	1.200$00
Petroquímica	—	—	—
Portugal e Colónias	—	—	—
Port de Celulose	—	—	4.200$00
Port de Pesca	—	930$00	950$00
Port de Tabacos	—	403$00	410$00
Sacor	—	4.950$00	5.050$00
Socer	2.900$00	2.880$00	2 900$00
Tabacos de Portugal	—	—	960$00
U F Azoto	977$00	975$00	980$00
Águas, Electricidade e Gás			
Aguas de Lisboa 934	—	—	470$00
Aguas de Lisboa 936	—	—	475$00
Eléctrica das Beiras	1.710$00	1.710$00	1.713$00
Gás e Electricidade	414$00	413$50	414$50
H E Alto Alentejo	201$50	201$00	201$50
H E Cávado	1.350$00	1.345$00	1.350$00
H E Douro	1.347$00	1.347$00	1.350$00
H E Portuguesa	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.530$00	1.550$00
Nacional de Electricidade...	1.670$00	—	1.670$00
Termoeléctrica Portuguesa.	1.680$00	1.680$00	1.685$00
União Eléctrica Portuguesa	210$00	210$00	211$00
FUND DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	—	—
F. I. D E S	—	118$60	122$20

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
África do Sul — Rand ...	36$30	38$30
Alemanha — Marco	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28$40	28$70
Dólares de 5 a 1000 ...	28$60	28$90
Canadá — Dólar	26$20	26$70
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Shilling	1$10	1$15
Brasil — Cruzeiro	$00,8	$01,3
Espanha — Peseta	$47,4	$48,4
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,55	$04,7
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Bélgica	$55,1	$57,7
França	5$72	5$87
Suiça — Franco	6$58	6$73
Dinamarca — Coroa	4$05	4$25
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra Isabel) ...	295$00	305$00
Inglaterra (1/2 Libra) ...	237$00	252$00
Portugal — barra fino ...	33$30	34$30

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papeis de crédito
Telef. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI — Telef. 5 05 95
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M. 12 anos)
UM FILME FASCINANTE!
UMA LEOA CHAMADA ELSA
com
Virginia McKenna e Bill Travers

SÃO JORGE — Telef. 5 41 53/54
As 15.15, 18.15 e 21.30
7.ª SEMANA
(Adultos)
Espectaculo moderno, contado numa linguagem fora do comum
UM HOMEM E UMA MULHER
com Anouk Aimee, Jean-Louis Trintignant

MONUMENTAL — Telef. 55 51 31
Às 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS

EDEN — Telef. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.30
(M. 12 anos)
O VALE DA HONRA
com James Stewart e Patrick Wayne
TECHNICOLOR

ALVALADE — Telef. 76 30 80
15.45 (p. r.) e 21.45
(M. 12 anos)
ASSALTO AO «QUEEN MARY»
com Frank Sinatra e Virna Lisi

POLITEAMA — Telef. 32 63 05
HOJE, ás 21.30
2.ª SEMANA
Um filme recheado de acção violenta
UM IATE PARA JAMAICA
com Lino Ventura e Sylva Koscina
(Maiores 12 anos)
HOJE, ás 18.30 — OS GRANDES ROMANCES DE AMOR. — Na tela: «O REI E EU», com Yul Brynner e Deborah Kerr — (M. 12 anos).
Distribuição de brindes aos srs. espectadores

ROMA — Plateia 42 44 18, Balcão 72 91 92
Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA TRIUNFAL!
Morten Grunald e Essy Persson
numa irresistivel paródia aos filmes de agentes ultra-secretos!
BATE PRIMEIRO, FREDDY
Um êxito de gargalhada fotografado em Eastmancolor!

CONDES — Telef. 32 25 23
As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
O grande espectáculo das férias!
JEAN MARAIS
no grande filme de Christian-Jaque
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
c/ Jess Hahn e Danielle Evenou
Eastmancolor

MUNDIAL — Telef. 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
5.ª SEMANA
A comédia do ano
ADULTÉRIO À ITALIANA
c/ Catherine Spaak e Nino Manfredi

EUROPA — Telef. 66 10 16
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
O grande filme da Páscoa!
O VALE DA HONRA
com James Stewart e Patrick Wayne
TECHNICOLOR

CINE-TEATRO LIDO — AMADORA — Telef. 937593
Hoje, ás 21.30
(M. 12 anos)
A mais espectacular obra que o cinema realizou!
Projectada no «ecran» gigante de 70 m/m
SPARTACUS
Um extraordinário elenco: Kirk Douglas, Jean Simmons, Laurence Olivier, Peter Ustinov e Tony Curtis
Amanhã — Devido á solenidade do dia, não há espectáculo.

RESTELO — Telef. 61 03 75
As 21.30
(M. 12 anos)
A TÚNICA
com Richard Burton e Jean Simmons

CINEMA IDEAL — Telef. 82 41 94
As 15.15 e 21 h.
(M. 12 anos)
VAMOS CONTAR MENTIRAS AS AVENTURAS DO CAPITAO WYATT

IMPÉRIO — Telef. 55 51 34
As 15 e 21.30
(M. 12 anos)
6.ª SEMANA
Um monumento da realização cinematográfica
PARIS JA ESTA A ARDER?
33 actores de renome internacional sob a direcção de RENÉ CLEMENT
Atenção: Devido á sua longa metragem o filme começa 12 minutos depois do inicio das sessões

ESTÚDIO — Telef. 55 51 34
As 15.30, 18.30 e 21.45
16.ª SEMANA
(M. 17 anos)
Um filme fora de série com Sidney Poitier
UMA RESTIA DE AZUL

SÃO LUIZ — Telef. 32 71 72
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 12 anos)
Seis aventureiros esvaziam os cofres do «Queen Mary»
ASSALTO AO «QUEEN MARY»
com Frank Sinatra e Virna Lisi

estudio 444 — Telef. 75 00 95
Às 15.30 e 21.45
(Adultos)
4.ª SEMANA DE ÊXITO
Bárbara Rutting — e — Hansjorg Felmy
no mais ousado filme de Ladislao Vadja
O OUTRO LADO DA VIDA
Um conflito dramático num mundo estranho onde se debatem ódios e paixões!

ODEON — Telef. 32 62 83
Às 15.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
Uma comédia de alto nivel de espectáculo maravilhoso.
FOGO NA CARNE
com VICENTE PARRA e IRAN EORY
Eastmancolor (M. 12 anos)
HOJE, ás 18.15: A notável comédia musical para regalo das crianças
ROUBARAM UMA ESTRELA
com a endiabrada «mini-vedeta» Estrellita
Eastmancolor (M. 6 anos)

AVIS — Telef. 53 23 00
Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Christopher Lee, James Robertson Justice, Karin Dor e Nigel Green
num filme de permanente mistério e do mais denso «suspense»!...
O MISTERIOSO DR. FU MANCHU
Technicolor — Techniscope
Uma realização de Don Sharp

LIZ — Telef. 4 85 60
As 21 horas
(M. 12 anos)
TORTURA DE UM PAI
PERIGO EM CADA SEGUNDO

TERRASSE — Telef. 32 09 17
As 15 e 21 h.
(M. 17 anos)
O DUELO NA ILHA
O ULTIMO QUARTO DE HORA

AOS QUE SE DESLOCAM EM AUTOMÓVEL A INGLATERRA

TRAVESSIA DO CANAL DA MANCHA

A C. P. informa que tem á disposição dos turistas nacionais e estrangeiros, que se desloquem á Inglaterra e desejem levar o seu carro, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha.

Peça informações e folhetos no Serviço Comercial e do Tráfego (Santa Apolónia), nas Secções de Informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos Despachos Centrais dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, ou consulte a sua agência de viagens ou automóvel clube.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Sete Colinas» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 20 e 45 e ás 23: «Quem tem boca vai a Roma» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Assassinos associados» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Uma lágrima no rosto» (12 anos).
BÉLGICA — Às 21: «Roubo no metropolitano» (12 anos)
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 15: «Sucesso sem escrupulos» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Amor proibido» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Lágrimas de sangue» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A vida de Cristo» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «A tunica» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Missão em Hong-Kong» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Amor de perdição» (12 anos).
OLIMPIA — Às 9: «Justiça de um pistoleiro» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «O divino mestre» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A tunica» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O tesouro dos incas» (12 anos).
REX — Às 21 e 30: «Tortura de um pai» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Chamada para a vida» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «David e Golias» (12 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «O invencível Capitão Marvel» (12 anos).

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21: «Escape livre» (17 anos).
AMADORA — LIDO — Às 21 e 30: «Spartacus» (12 anos).
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «O ultimo espião» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os Mosqueteiros do Oeste» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Não sou digno de ti» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Saul e David» (12 anos).

● Na Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Os gladiadores espartanos» (12 anos).
DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O nosso agente em Marrakesh» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O triunfo dos 10 gladiadores» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «A espada do conquistador» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Modesty Blaise» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «Os dois sem calções (Operação Guilhotina)» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO — Às 21 e 15: «Voz do sangue — Madragoa» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Os três magníficos» e «Kindar o invulnerável» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Um namorado com sorte» (12 anos).

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Mireille Mathieu, que ontem actuou de novo no Império, quis ouvir o fado. Aqui a vemos, muito atenta, a escutar a fadista Fernanda Maria, numa das casas típicas de Lisboa

NCR

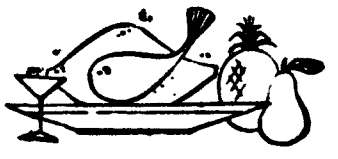
THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY OF PORTUGAL, SARL

Comunica a todos os seus clientes que, devido à solenidade da Quadra, os seus Serviços encerram no dia 23, às 13.00 horas, reabrindo sòmente no dia 27.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA — Estes Serviços manter-se-ão em funcionamento permanente todos os dias até à 1 hora da manhã para poderem prestar a Assistência que lhes for solicitada pelos telefones 766041 e 766042.

CREME A RASER D'euxlay
O novo produto para um barbear perfeito
REPRESENTANTE
CONSÓRCIO G. DE PERFUMARIA, LDA. AV. 5 DE OUTUBRO, 117 LISBOA
✱ oferece-se amostra para experiência a quem a solicitar

bom apetite



RELÂMPAGO
RESTAURANTE — BAR
Se deseja almoçar ou jantar bem vá ao Relampago
Às 6.as-feiras
BACALHAU A RELÂMPAGO
R. Mouzinho da Silveira, 1»
Telef. 47255 (Aberto aos domingos)

RESTAURANTE
MONTE ALENTEJANO
Diàriamente servimos os pratos de MIGAS com carne de porco, Ensopado de Borrego, Sopa de cachola, e mais pratos regionais
Rua D. Luis de Noronha, 32-A
(A Av. de Berna) — Telef. 778095

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIARIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

RESTAURANTE FRAMAR
RESTAURANTE, SALÃO DE CHÁ E CERVEJARIA
Esmerado serviço para casamentos, baptizados e festas, com salões próprios — Recebe Excursões
AVENIDA DA REPÚBLICA, 35 — TELEFONE 95
VILA VIÇOSA

Parreirinha do Rato
— O MELHOR CHURRASCO DE LISBOA —
Largo do Rato, porta
Telefone 685908
Restaurante, snack-bar, cervejaria e marscos
Refeições ao domicílio
Aberto até ás duas da madrugada
Parque anexo para automóveis

INSTITUTOS
Preparação intensiva para admissão aos Institutos Comercial e Industrial
PROFESSORES ESPECIALIZADOS
ESCOLA SÃO VICENTE — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 865904

No CARIAXO o «DIARIO DE LISBOA» esta a venda na CASA PEDRO ALVES SUC. RUA DO BATALHOZ

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS
Alvara do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL para
ADMISSÃO INSTITUTOS | INDUSTRIAL COMERCIAL
INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56 - 1.º Esq. — Telef. 536380

DIÁRIO DO PORTO

Diário de Lisboa

DELEGAÇÃO
RUA DO ALMADA, 30-2.º
Telefones 20954/5 • Telex 782

Há muito que fazer
em prol do turismo e do trânsito

Na ultima sessão da Camara Municipal trataram de problemas do turismo e do transito os presidentes das respectivas comissões municipais. E fizeram-se promessas.

Sobre turismo continua a apregoar-se esperanças, que desaparecem, em breve, para dar lugar a outras que também se não cumprem. O turista vem ao Porto por mero acaso e não por atractivos que lhe sejam oferecidos. O presidente da Comissão Municipal de Turismo suscitou esperanças, mas se algumas se concretizarem muito pouco será para a evolução desejada. Falou por exemplo, no estabelecimento de um circuito ferroviário entre Salamanca e Porto, que a C. P. estaria disposta a estabelecer; e sobre o fraco plano de hotelaria existente disse:

— É-me grato poder afirmar neste momento que se antevê para um futubro próximo um acréscimo, ainda que pequeno, relativamente á capacidade hoteleira. Assim, na cidade do Porto, prevê-se, ainda para este ano, a total ampliação de uma unidade hoteleira que ficará a dispor de 110 camas; e para 1968 a remodelação de outro hotel que disporá de 70 camas e ainda para o mesmo ano a construção de três unidades para cento e cinquenta camas.

Como se vê, é muito pouco para uma cidade como o Porto. Mas, ao menos, que não fiquemos só com as esperanças.

Falou ainda o presidente da Comissão de Turismo no aeroporto de Pedras Rubras, salientando o interesse em o transformar em verdadeiro aeroporto internacional e alternante do de Lisboa. E que se fará?

Quanto a atracções para turistas, nada há que lhes chame a atenção para cá virem. Há, porventura, algum lugar em condições, onde o turista, principalmente estrangeiro, se possa divertir um pouco durante a noite? Organiza a referida Comissão algum programa aliciante para os estrangeiros? E procura-se incutir-lhes o desejo de visitarem o Porto? Entregam-lhes uns «desdobráveis» da cidade e muitos de outras terras, e mais nada.

Agora que os espanhóis vêm até cá em grande numero e com imensa facilidade, porque não aproveitar a oportunidade oferecida pelos organizadores dos Festivais da Canção de Aranda del Duero e da Canção do Minho, em Orense, realizando eliminatórias no Porto, como há muito é desejo dos próprios municípios daquelas cidades espanholas? Braga aceitou logo a proposta, que lhe foi feita nesse sentido sobre o segundo daqueles festivais.

Não há, também, a preocupação de insistir com a Comissão de Trânsito para que esta imponha o cumprimento de uma leterminação da postura, para eliminação do espectáculo lamentável dos carretos á cabeça.

Quanto ao trânsito, a cidade está pior do que antes da aprovação da postura, pois nada se cumpriu, além da colocação de mensas placas. E agora vêm com hipóteses, para serem aplicadas, futuramente — hipóteses essas que lá fora estão já práticamente ultrapassadas.

Espectáculos para hoje à noite

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «O Tempo e o Ira» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «007 — Operação relampago» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 30: «O tapete do terror» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A maior história de todos os tempos» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Roma invencível» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Marnie» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «007 — Operação relampago» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Nunca digas sim!»
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 15: «O espadachim de capa vermelha» e «Os três boémios» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A maldição dos deuses» (12 anos).
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «Não incomode!»
JÚLIO DINIS — Às 21 e 15: «Sete contra todos» e «Ela era o sargento» (12 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «Lutring» (17 anos).
CINE-ERMESINDE — Às 21 e 30: «O espião do diabo» (12 anos).
CINEMA SÃO MAMEDE — Às 21 e 30: «300 espartanos» (12 anos).
CINE-VITÓRIA — Às 21 e 30: «O invencível cavaleiro mascarado» (12 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «007 — Operação relampago» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 15 e 30: «O tapete do terror» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Roma invencível» (12 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «A Bíblia» (12 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Marnie» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «007 — Operação relampago» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 15 e 30: «Nunca digas sim!» (12 anos).
CARLOS ALERTO — Às 15 e 15: «O espadachim de capa vermelha» e «Os três boémios» (12 anos).

Chegou a Leixões a flotilha inglesa de draga-minas

Entraram, esta manhã, no porto de Leixões e atracaram aos cais norte da doca n.º 2, três draga-minas da Armada britânica, «Penston», «Dufton» e «Lanton», sob o comando, respectivamente, dos srs. capitães-tenentes W. Thorniley, J. Ogilvyx e C. A. Piggot, o primeiro dos quais é, também, o comandante da flotilha.

Esta tarde, o capitão-tenente Thorniley, acompanhado pelo adido naval á Embaixada inglesa em Lisboa, pelo cônsul geral do seu país no Porto e pelo oficial português de ligação, apresenta cumprimentos ás autoridades, seguindo-se um «coktail» a bordo.

Depois de amanhã, os três navios estão patentes ao público, das 14 ás 17 horas.

Estranho caso de fogo posto

Queixou-se á P. S. P. a sr.ª D. Estela Temudo Duarte, moradora na Rua de Bitarães, 73, de que atearam fogo a um berço que se encontrava no quarto de dormir de seu filho, tendo ardido o colchão, dois lençóis e outras peças de roupa, parte do soalho e do tecto, prejuizos avaliados em 5000$00.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Na terça-feira, ás 18 horas, num hotel desta cidade, o Serviço de Imprensa das Fibras Bayer em Portugal oferece um «cocktail», no decorrer do qual serão apresentados alguns modelos em «dralon» para a Primavera.

— Do interior de um automóvel estacionado no Largo do Marco, em São Mamede, pertencente ao sr. António Farinha Pires, Rua Rodrigo da Fonseca, 79, em Lisboa, furtaram um casaco, vários objectos e 2000$00. Foi apresentada queixa na P. S. P.

Um colóquio sobre Teatro

Hoje, ás 21 e 30, haverá, no Ateneu Comercial, um colóquio, promovido pelo Instituto Cultural do Porto. Será dirigido pelo actor Jaime Valverde, que apresentará o tema: «Breve panorâmica do teatro português».

Antigos alunos da Universidade

Foram eleitos os novos dirigentes da Associação dos Antigos Alunos da Universidade do Porto. Presidem á assembleia geral, á direcção e á comissão de contas, respectivamente, os srs. prof. dr. Almeida Fogaça Guimarães.

Ao acto de posse assistiu o reitor da Universidade.

Os que dificultam a informação ao público

Uma das fontes de informação para a Imprensa, em casos de acidentes, são, como se sabe, os hospitais, especialmente os que têm serviços de urgência. Nalguns casos, porém, uma lamentável incompreensão impede que sejam fornecidos tais informes aos jornais, com evidentes prejuízos para a informação publica. E' o que se passa, quase sempre, com uma casa de saude da Boavista, que é um estabelecimento hospitalar comercial, e tem, agora, serviço de urgência, o qual, supomos, é subsidiado por entidades oficiais.

Hoje, procurámos saber a identidade e o estado de um trabalhador da doca de Leixões, onde sofrera um acidente e que para ali foi transportado. Pois o resultado, como sempre, foi negativo — nada informavam de um caso vulgar e já do conhecimento do publico!

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, R. do Loureiro, 104 (T. 3-5045) ✲ **CAMAREIRA**, Rua do Heroísmo, 90 (T. 5-2583) ✲ **CANAVARRO**, R. da Restauração 53 (T. 6-0754) ✲ **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (T. 2-2884) ✲ **COSTA CABRAL**, Rua de Costa Cabral, 1832 (T. 4-0780) ✲ **FIGUEIREDO**, Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 2-1620) ✲ **FONTE DA MOURA**, Rua de Tanger, 463 (T. 68-1444) ✲ **MONTE DOS BURGOS**, R. do M. dos Burgos, 802 (T. 6-2279) ✲ **MONTE CATIVO**, Rua do Monte Cativo, 444 (T. 4-1687) ✲ **NOVA AVENIDA**, Av. Fern. Magalhães, 692 (T. 3-2250) ✲ **PADRÃO**, L. do Padrão, 342 (T. 5-2149) ✲ **PARENTE**, R. das Flores, 114 (T. 2-1611) ✲ **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (T. 3-1295) ✲ **SÁ DA BANDEIRA**, R. de Sá da Bandeira, 236 (T. 3-6687) ✲ **NACIONAL**, Rua Senhora da Luz, 156 — Foz (T. 68-0833)

Interrupção de trânsito na ponte de Leixões

Amanhã e nos dias 28, 29, 30 e 31 será interrompido, entre a 1 e as 6 horas, o trânsito automobilístico pela ponte móvel do porto de Leixões

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Ponte de Lima celebrou o 100.º aniversário de Norton de Matos

PONTE DE LIMA, 23 — Para assinalar a passagem do 100.º aniversário do nascimento de Norton de Matos, a Camara Municipal promoveu, hoje, ao princípio da tarde, uma romagem ao cemitério onde repousa em jazigo aquele que foi uma das grandes figuras da administração ultramarina. O cemitério municipal encheu-se de uma multidão que ali foi render homenagem á memória do cidadão ilustre, que teve por berço esta terra. Mais tarde, na casa onde nasceu e morreu, na rua que tem o seu nome, houve uma cerimónia, á qual assistiram as mais altas individualidades do concelho e do distrito.

Ali foi descerrada uma lápida evocativa. Durante a cerimónia, usou da palavra o vice-presidente do Município, sr. dr. Alcides Martins Pereira, que evocou a figura de um dos mais ilustres e cultos generais do Exército português e de um dos maiores e mais lucidos administradores do Ultramar.

A lápida, que foi descerrada pela sobrinha do estadista, sr.ª D. Emília Norton de Matos, tem os seguintes dizeres:

«Norton de Matos — Insigne alto comissário de Angola — Centenário do seu nascimento — Homenagem da Camara Municipal de Ponte de Lima — 23 de Março de 1967».

VINHO DO PORTO PARA A PÁSCOA

Foi instalada na placa central da Praça da Liberdade uma barraca do Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto, a qual funcionará durante a quadra festiva da Páscoa.

Para o acto inaugural de hoje, foram convidadas individualidades ligadas áquele grémio.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

HANDEBOL DE SETE — Torneio de preparação do F. C. de Gaia: Leixões (A)-Infante, ás 20 e 30; Gaia-Paroquial, ás 21 e 30; Progresso-Efacec, ás 22 e 30. Jogos no Pavilhão do Gaia.

TÉNIS DE MESA — Associação do Porto — Campeonato regional por equipas (juniores): Galitos da Foz (A)-Galitos da Foz (B); Mocidade Invicta-C. D. U. P. (B); F. C. do Porto-Alvinegro e Leixões-C. D. U. P. (A). Jogos ás 21 e 30.

Notícias de Viana do Castelo
Fica sem um braço um rapazinho que foi apanhado pela engrenagem de uma máquina

VIANA DO CASTELO, 23. — Por ter sido apanhado pela engrenagem de uma máquina, na fábrica de boinas «Cedemi», onde trabalhava, sofreu esfacelamento total do braço direito, Manuel Passos Ribeiro, de 14 anos, operário, residente no lugar da Areia, Darque. Depois de tratado no hospital desta cidade, foi transferido para o Porto, para o Hospital de S. João, a fim de lhe ser amputado o braço.

Entretanto, a mãe daquele operário ao ter conhecimento do sucedido, já muito angustiada, visto, nos dois ultimos meses, aquele seu filho ter sido vítima de mais três acidentes, foi acometida de forte comoção, pelo que teve de ser tratada no hospital desta cidade.

Quatro feridos numa desordem

Ontem á noite no lugar da Conchada, Mazarefes, verificou-se uma violento zaragata entre dois casais em que foram dadas pauladas e coronhadas. Intervieram na refrega Adelina Rodrigues Lavandeura, de 47 anos, casada, do lugar do Limão, Darque, seu marido Augusto Rodrigues Araujo, de 37 anos, jornaleiro, Rosa Barbosa de Oliveira, de 28 anos, casada, e seu marido Mário Amorim Vieira, de 31 anos, padeiro. Foram todos conduzidos ao Hospital da Misericórdia e ali tratados de ferimentos diversos.

Volume de fotografias sobre Portugal

PARIS, 23 — (A.N.I.) — Na colecção «Albums Litteraires» vai sair um volume dedicado a Portugal, como fotografias do francês Robert Thuillier, que se apaixonou por Partugal, onde há anos passa as férias.

Robert Thuillier confessa que a sua intenção, ao preparar este album, foi revelar a vida diária do povo português, além dos monumentos e das paisagens do País.

Com o título «Portugal Familier», é editado pela «Bibliotheque des Guides Bleus».

Vida literária e artística

2.º CADERNO
SUPLEMENTO SEMANAL DO
Diário de Lisboa
N.º 451
23-3-1967

Um artigo de Madame de Staël sobre Camões

por JOSÉ ANTÓNIO MACHADO

O ano de 1811 foi extremamente doloroso para Madame de Staël. Depois de a polícia imperial lhe apreender e destruir o livro *De l'Allemagne* foi condenada a uma existência de quase reclusão em Coppet. Eram poucos os amigos que tinham coragem de a ir visitar e os que o faziam arriscavam-se a grandes dissabores: o barão de Barante, demitido de prefeito de Genebra; Elzear de Sabran, encarcerado em Vincennes, sem julgamento; o antigo ministro Saint Priest, expulso da Suíça, apesar dos seus 78 anos; Mathieu de Montmorency e Madame de Récamier exilados de Paris, só por terem passado algumas horas em Coppet.

Havia quem lhe aconselhasse a fuga: «Se ficar — diziam-lhe — espera-a o destino de Maria Stuart, dezanove anos de desgraça e a catástrofe no fim». Ela encarava também essa hipótese como única solução. Mas fugir para onde? Toda a Europa se encontrava submetida a Napoleão e para qualquer parte que se dirigisse, antes de atingir a fronteira dum país livre, tinha de percorrer muitas léguas, exposta ao perigo de ser presa, enviada para Paris e esquecida, como tantos outros nalguma cela de Vincennes ou Bicêtre. Tal perspectiva arrepiava-a de terror.

Tinha crises de desespero e abatimento mas apesar de tudo lutava ainda. Escrevia cartas espantosas, onde a dor e a revolta se misturavam e confundiam. Depois, vencida pela reclusão, pelo abandono, pela perseguição e pela doença, caía em nova crise e tudo na vida parecia para ela ter perdido o sentido, o valor e a beleza. A madame de Récamier, confessava: «Estou mergulhada numa espécie de desespero que me devora, não será melhor que eu tente fugir? Suponho que nunca mais me libertarei desta angustia; já nada me interessa, não encontro prazer em coisa alguma, a vida é para mim como um baile em que a musica cessou, e tudo, excepto o que me foi arrebatado, me parece sem cor. Asseguro-lhe que se pudesse ler na minha alma, sentiria piedade de mim. Estou convencida que o maior serviço que lhe posso prestar, e a Mathieu, e a todos os que me cercam, é afastar-me. Há uma fatalidade no meu destino, nada me é favorável, tudo o que receio é o que me sucede. Sinto que sou um obstáculo ao bem dos meus filhos e dos meus amigos. Perdoe-me por lhe pintar um estado de alma tão doentio quando se encontra numa situação em que toda a coragem lhe é necessária, mas é preciso que saiba o que se passa dentro de mim. Contenho-me quando estou acompanhada, uma espécie de orgulho aconselha-me a não manifestar aquilo que sofro. As lágrimas dos outros secam-se tão depressa! E quando lhes pedimos o que eles já não podem dar, temos o ar dum credor inoportuno. Se me entregasse ao que sinto, ofereceria um miserável espectáculo».

Em face deste estado de espírito, dir-se-ia que Átila tinha vencido definitivamente Corina. O futuro porém ilustrou, e de forma magnífica, que não era mera figura de retórica e correspondia

(Continua na 7.ª página)

D. PEDRO DE SOUSA HOLSTEIN

HOMENAGEM A PICASSO EM BARCELONA

A Associação Espanhola de Críticos de Arte promoveu, na sala nobre do Museu Picasso, em Barcelona, a anunciada homenagem ao pintor espanhol mundialmente consagrado. Presidiu á sessão o escritor José Camon Aznar, presidente da Associação referida, ladeado pelos vice-presidentes Alberto del Castillo e Juan António Gayo Nuño. Os três discursos destas individualidades foram completados com uma conferência pelo crítico barcelonês Cesareo Rodriguez Aquilera e o resumo da sessão, no final, foi proferido pelo director dos Museus de Arte de Barcelona, Juan Ainaud de Lasarte.

DESVIOS DO PENSAMENTO NOS «LAPSUS CALAMI»

por VARELA ALDEMIRA

A maior dificuldade na ciência ou arte de grafologar consiste em descobrir, pelos indícios da escrita, os sentimentos de ambivalência nas qualidades que podem ser defeitos, o bem e o mal na mesma esfera de acção, o verso e o reverso na complexidade dos panoramas emotivos. Ler e destrinçar, pelo que está á vista e pelo que se esconde nas entrelinhas, o implícito dos muitos sintomas emaranhados, é operação embaraçosa e contingente. O grafologista, ao diagnosticar num indivíduo a arrogância, o entusiasmo caloroso, a imaginação viva, não olvidará que esses atributos também pertencem á falta de prudência e de realismo, a ilusão negativa e fatal nos propósitos do referido sujeito.

— Este homem possui a virtude da economia e da sobriedade, diz um especialista. — Porquê? — Evidentemente, porque escreve os *mm* e os *nn* em forma de *u*, ou apenas com um traço rápido. — Mas, nessa grafia sintética existe igualmente o apressado, vencendo os obstáculos com frases criptográficas para esconder faltas de gramática, ou pela impaciência de chegar ao fim da maçadoria: Vou ali e já venho. — Esta escrita em linha recta, de uma segurança na horizontalidade perfeita, diz outro, é de uma pessoa austera, positiva, equilibrada, firme nas suas convicções ideológicas. — Porém, a caneta em marcha rectilínea sobre o papel, sem descarrilar no seu itinerário, acusa um autor de gostos monótonos, de estesia inabordável, com tendências fetichistas ou necrófilas nos *t t* cortados em forma de +, a cruz dos templos e dos cemitérios.

— E este, com a letra inclinada para trás, para a nossa esquerda, é de um cauteloso apalpando o terreno antes de dar um passo. — É certo; mas nessa prudência vemos um pessimismo dissimulado, astucioso, imaginando perigos na timidez sem audácia. — Este outro, ao contrário, inclina as letras para a direita numa corrida veloz. Para a frente é o caminho dos que não tremem. — De facto, o optimista não se assusta na encruzilhada dos problemas; mas, se um dia tropeça e cai, é o insucesso doloroso para os sem medo.

Uma vez dissemos a um aluno: — A sua letra é gladiforme, cheia de bicos, ângulos e arpões. Evite mostrá-la aos grafólogos, quando não, será tomado por um génio colérico, agressivo na polémica e na frieza de quem não está para graças. — Ah sim!? Fico prevenido, e sem mudar de ideias, as minhas ideias de homem inofensivo e pacatíssimo. Assim brincando, dirigimo-nos a outro: — O senhor apresenta um grafismo,

(Continua na 6.ª página)

Bertolt Brecht e o Teatro moderno – 2

COPEAU E O EXPRESSIONISMO

por MARIA JOSÉ RAU

Foi a Copeau que ficou a dever-se, pouco antes do início da primeira guerra mundial, uma das tentativas mais honestas para a reabilitação do teatro europeu. No manifesto em que anuncia a inauguração do teatro do «Vieux-Colombier» (22 de Outubro de 1913), afirmava: «Pensamos que, hoje em dia, não basta criar obras fortes: onde encontrariam elas acolhimento, um público e intérpretes á sua medida, uma atmosfera propícia ao seu pleno desenvolvimento? E assim foi que, fatalmente, como um «postulado perpétuo» se nos impôs este grande problema: construir sobre alicerces absolutamente intactos, um teatro novo, que seja o ponto de confluência de todos aqueles autores,

(Continua na 6.ª página)

SAUL BELLOW ESCRITOR-FILÓSOFO

por FREDERICO MONTENEGRO

A arte é uma aventura Sabemo-lo até á saciedade nós, homens do século XX que já vimos irromper e entrar em declínio, sucessivamente fulminantemente, tantas formas de vanguarda estética. Lembro apenas, em literatura, as mais ambiciosas, porque as que mais revolucionáriamente recusaram as antecedentes e se proclamaram absolutas: dadaísmo, surrealismo *nouveau roman*, literatura *beatnik* Sim, a arte é uma aventura, ou melhor, uma invenção desmesurada do futuro a partir da invenção formal, a partir da procura da pureza formal, tantas vezes estéril Simplesmente, sucede que a disponibilidade estética, quando não se fica pela autodestruição formal, quando procura uma solução de continuidade, acaba sempre por colidir com os dilemas de consciência, ou melhor, o risco estético torna-se risco total do ser projectado nos outros e alimentando-se da vida, mesmo quando se lhe opõe. E então, a arte torna-se antes de mais uma unidade cultural. Objectar-se-á que a cultura absorve tudo, uniformizando pragmáticamente. Sem dúvida, mas isso, se concebermos a cultura como mera afirmação metodológica do conhecimento, não como interrogação de uma consciência filosófica do

(Continua na 3.ª página)

Ciências humanas e estruturalismo — II

(a propósito de um número da revista «O Tempo e o Modo»)

por EDUARDO PRADO COELHO

ENTRE as transformações, por vezes insensíveis, que a Imprensa tem sofrido, há uma que dia a dia se acentua: a tendência para as revistas passarem a ser concebidas em torno deste ou daquele tema. A leitura de artigos dispersos é fatigante e desorientadora. Mas se uma revista nos dá, em cada um dos seus números, uma espécie de «dossier» mais ou menos completo sobre determinado assunto, sentimo-nos capazes de começar a reflectir sobre ele, porque temos á nossa frente, não um feixe de teses ocasionais, mas uma problemática que se esboça.

Esta tem sido a orientação mais recente da revista *O Tempo e o Modo* — com evidente vantagem para o leitor. Coube desta vez a sorte ás *ciências humanas*, assunto tão apaixonante que até talvez mereça desse um desenvolvimento maior.

Aliás, só parte do ultimo numero é dedicado ás ciências humanas. Podemos também ler uma justa e oportunissima homenagem a Delfim Santos, a que por ora não

(Continua na página seguinte)

Ciências humanas e anti-humanismo

(Continuação da página anterior)

cabe aqui fazer referência. Regista-se apenas, como testemunho pessoal de gratidão, que devo a Delfim Santos, algumas das mais belas aulas que a Universidade me deu.

Como balanço geral do numero, há dois pontos que logo ressaltam: a ausência de textos sobre a psicanálise (dado que o estudo de Barahona Fernandes apenas a indica marginalmente e é escasso o numero de psicanalistas que cita), a ausência de textos sobre linguística (lacuna essa grave, considerado o lugar axial desta ciência).

A primeira impressão que nos fica da leitura desta série de artigos é a de uma vinculação sistemática das ciências humanas a um ideal de humanismo. Esse é, aliás, o objectivo explicito do excelente trabalho de Magalhães Godinho, «As ciências humanas e um novo humanismo». Aflorado apenas o problema da crise actual da reflexão obre o homem, Magalhães Godinho conclui que «o primeiro ponto que há que assentar firmemente, inabalávelmente, é que há ciências humanas, florescentes, pujantes, válidas, eficazes, e que, por conseguinte, há que praticá-las *como ciências*, e logo investigar também em vez de tão só assimilar resultados ou processos reduzidos a receitas».

Quem vê o predomínio e prestígio crescente das obras, estudos, inquéritos em torno das ciências humanas, não pode deixar de compartilhar este optimismo. No entanto, é exactamente esta facilidade com que as ciências humanas se diversificam, se cruzam, se influenciam, se destrinçam, numa palavra, *se instalam em nós*, é precisamente esta euforia que nos inquieta e, em larga medida, constrange. Serão todas elas realmente ciências? Até que ponto estarão contaminadas pela técnica ou pela filosofia? Eis o problema.

Pela técnica: todos nós conhecemos a preocupação pragmática que muitas vezes guia e estimula o exercício das ciências humanas. A desvalorização da teoria, quer pela mentalidade tecnocrática, quer pelos ideólogos da acção inadiável, tende a concentrar-nos apenas nos objectivos imediatos que este ou aquele sistema de conhecimentos podem produzir. Ora as ciências humanas (vejam-se, por exemplo, as viciações da psicanálise na sociedade americana ou a proliferação dos psicotécnicos) transformam-se muitas vezes em instrumentos de adaptação de cada homem á realidade onde ele vive, de modo a evitar o maior numero possível de conflitos. Nesta medida, mais não serão do que técnicas. Como muito bem nos adverte Althusser, «abandonada a si mesma, uma prática (técnica) espontânea produz apenas a «teoria» de que ela necessita como meio de produzir o fim que lhe foi designado: esta «teoria» nunca é senão a reflexão deste fim, não criticado, não conhecido, nos seus meios de realização, isto é, um *subproduto* da reflexão do fim da prática técnica sobre os seus meios. Uma «teoria» que não põe em causa o fim de que ela é o superproduto permanece prisioneira deste fim e das realidades que o impuseram como fim».

De certo modo, embora involuntáriamente, Sedas Nunes vem em apoio das dúvidas enunciadas, quando, defendendo a utilidade efectiva da sociologia, escreve o seguinte: «...quem sustenta materialmente, quem paga todo (o) esforço de investigação, na grande maioria dos casos, são os governos, administrações publicas, empresas privadas e associações patronais. Seria isso possível se a Sociologia não tivesse qualquer interesse «prático» ou fosse um «socialismo disfarçado»? Por outro lado, as Hierarquias católicas têm criado em numerosas partes (por exemplo, na América Latina) serviços de documentação e investigação sociológica sobre problemas de pastoral. Seriam viáveis tais iniciativas, se a Sociologia fosse ou subentendesse uma doutrina demolidora de crenças e valores tradicionais?». Confesso que a leitura destas frases me não deixa nada sossegado. Até que ponto é científica uma sociologia incentivada pelas ideias (onde está ideias leia-se classes) dominantes? Outro não é o problema de Goldmann em *Sciences Humaines et Philosophie*.

Se a diferenciação entre ciência e técnica no domínio da investigação do humano não aparece com aquela nitidez capaz de serenar os nossos espíritos vejamos agora o que se passa do lado das relações com a filosofia. Aí põe-se antecipadamente a questão: se as ciências naturais existem e se praticam sem o beneplácito de qualquer humanismo, fossem as ciências humanas realmente ciências e ser-lhes-ia preciso o apoio humanista? Se o homem pode ser objecto de ciência, em que medida difere dos outros objectos científicos? E, se difere, isso não alterará o estatuto científico das ciências humanas? E, se não difere, para quê então ir buscar á filosofia uma concepção *a priori* do homem?

Peguemos noutra ponta do problema: qual o campo exacto das ciências humanas? Porque elas não se interessam por tudo o que diz respeito ao homem: em determinados domínios (biologia fisiologia etc.) não é costume falar-se de ciências humanas. Porqu? Porque elas apenas se ocupam do que no homem é especificamente humano. O que implica que a definição do seu objecto torne préviamente necessária uma concepção do específico humano — que apenas se pode procurar no terreno arenoso da filosofia: as ciências humanas precisam de um humanismo (mas qual?, se todo o humanismo é ideológico) para lhes ditar o que é especificamente humano.

Ora o que no homem há de especificamente humano nunca é *apenas* aquilo que ele realiza mas o modo como a si mesmo ele representa esse seu acto de realizar. O domínio das ciências humanas é o domínio das representações que o homem faz de si mesmo

É por isso, ensina Foucault, que a anatomia dos centros corticais da linguagem não pertence á esfera das ciências humanas: «o estudo das relações intracorticais entre os diversos centros de integração da linguagem (auditivos, visuais, motores) não pertence ás ciências humanas; mas estas revelarão o espaço do seu jogo quando se interrogar este espaço de palavras, esta presença ou esta diluição do seu sentido, esta distancia entre o que se quer dizer e a articulação onde esta intenção se grava, de que talvez nem o sujeito tenha consciência, mas que, de forma alguma, seria assinalável e apreensível se este não possuísse representações». Portanto, «vemos bem que as ciências humanas não são a análise do que o homem é por natureza; mas, sobretudo, a análise do espaço que se estende entre o que é o homem na sua positividade (ser que vive, que trabalha, que fala) e o que a este mesmo ser permite saber (ou tentar saber) o que é a vida, em que consistem a essência e as leis do trabalho e de que modo pode falar. As ciências humanas ocupam pois esta distância que separa (sem deixar de unir) a biologia, a economia e a filologia, do que as torna possíveis no próprio ser do homem» (Michel Foucault, *Les mots et les choses*, Gallimard, pp. 363-365).

Porque não há ciências sem representações. Ora o objecto das ciências humanas é o sistema de representações que o homem faz de si mesmo. Portanto, o objecto das ciências humanas é afinal a sua própria condição de possibilidade. Segundo Foucault, é isto o que lhes dá um estatuto ambíguo e impede que as consideremos *ciências*, sem que, no entanto, nos leve a ver nelas ilusões ou mistificações, mas apenas determinadas configurações do saber específicas da epistemologia do nosso tempo.

Este estatuto ambíguo revela-se numa leitura atenta dos ensaios reunidos no referido numero de *O Tempo e o Modo*. A tendência totalizadora das ciências humanas (a todo o momento a psicologia se etnologiza, a sociologia se psicologiza ou a psicologia se sociologiza, e assim por diante) está bem evidente ao longo destas páginas. Por exemplo, Sedas Nunes escreve a certa altura: «disciplina que se quer, por conseguinte, visualizadora do conjunto, do todo, por este seu carácter se separa a Sociologia das Ciências sociais particulares (...). Na análise sociológica mais avançada, tenta-se, efectivamente, que os elementos do real —abstraídos e sistematizados pelas análises económicas, políticas, demográficas, geográficas e psicológicas — sejam restituídos á sua interconexão, ao seu jogo efectivo e complexto de interdependência. Mas é por isso mesmo que, no âmbito duma tal análise, podem vir a revelar-se os limites sociológicos de validade das hipóteses e modelos interpretativos, forjados pelas Ciências sociais particulares».

Mais adiante, afirma Jorge Dias: «a Antropologia Geral é por definição a mais humana de todas as ciências, visto estudar o homem total.» E, no texto de Barahona Fernandes, podemos ler: «A Psicologia, como ciência fulcral do Homem...».

Esta tendência tem uma razão de ser: o objecto das novas ciências humanas aparece-nos muitas vezes mal definido. Por isso mesmo é que elas se acotovelam, quando não se interpenetram e digladiam. Sem falarmos já em certos produtos híbridos como «a psicologia social», por exemplo; basta ler os livros de divulgação de Stoetzel ou de Klineberg para sentirmos como é esquivo e escorregadio o campo das suas investigações. É possível que através dela se consiga um certo numero de conhecimentos. Mas tratar-se-á realmente de uma ciência?

Talvez a ambiguidade do seu estatuto de ciências derive daquilo mesmo que constitui para elas um motivo de orgulho: o seu humanismo. «O antropólogo é, e certamente será sempre, um homem dividido entre as ciências naturais e as ciências sociais. Esta dicotomia complica-se ainda mais com o facto de ele ser também, a par de um especialista das ciências sociais um humanista», escreve Jorge Dias num tom que não deixa dúvidas: a dignidade da antropologia está no seu exercício de um humanismo. Mas a verdade é que é aqui que as coisas se complicam. Quando Barahona Fernandes escreve, com uma quase vaidade, que «a Psicologia está desempenhando um papel axial nesse movimento [interdisciplinar] tanto no progresso das ciências humanas, como muito especialmente na humanização de todas as ciências, inclusive das da natureza — na medida em que se referem e servem o Homem», parece esquecer-se de que *toda a ciência desumaniza*, dado que a constituição de qualquer facto científico implica a negação do mundo vivido num progressivo movimento de *descentração* em relação ao sujeito. Razão tem por isso Lévi-Strauss quando chega a esta conclusão: «Qualquer definição correcta de um facto científico acaba por empobrecer a realidade sensível, e portanto desumanizá-la. Por conseguinte, na medida em que as ciências humanas conseguirem fazer obra verdadeiramente científica a distinção entre o humano e o natural deverá nelas desaparecer. Se alguma vez elas se tornaram ciências autênticas, deixarão de se distinguir das outras» (Claude Lévi-Strauss, «Critères scientifiques dans les disciplines sociales et humaines», in *Aletheia*, n.º 4, Maio de 1966).

Ilustra admirávelmente tudo o que atrás ficou dito o itinerário de Sedas Nunes no artigo «Posição e Vocação da Sociologia». Sedas Nunes quer defender a todo o transe a objectividade da sociologia. Creio bem que o não consegue.

Depois de escrever que «os factos, só por si, tais como objectivamente se oferecem á pesquisa empírica e á análise interpretadora, não ditam princípios, fins, valores, não justificam nenhuma doutrina, ideologia ou política» e que «nenhum investigador pode aceitar, muito menos desejar, uma sujeição deliberada, no seu trabalho de pesquisa e análise de factos, a interpretações pré-determinadas, fornecidas por uma filosofia, doutrina ou ideologia, qualquer que seja», Sedas Nunes vê-se diante de um difícil problema. Ao afirmar que o investigador nunca pode submeter-se a interpretações pré-determinadas, coloca-se numa posição empirista. Mas, ao reconhecer que existe quase inevitávelmente uma *subordinação inadvertida*, Sedas Nunes acaba por negar que os factos se ofereçam objectivamente á pesquisa, isto é, por negar todo o empirismo. Eis a contradição.

Sedas Nunes cita mesmo Piaget que nos diz que «todo o conhecimento (representativo ou perceptivo) é deformado nos seus começos, por causa de centrações de vária espécie, e [que] sómente descentrações conduzem á objectividade». Portanto, diz Sedas Nunes, o investigador «será (pode dizer-se: inevitávelmente) influenciado de modo inconsciente, pela visão das realidades sociais da qual, como homem, é portador».

Como é que Sedas Nunes concebe estas descentrações? Imagina dois sociólogos ideológicamente em conflito e conclui que, pelo confronto e crítica mutua das suas teorias, se terá efectuado uma descentração que permite avançar da «parcialidade ideológica á imparcialidade científica». Ora parece-me que este processo pouco mais longe vai do que o eclectismo dos compêndios de filosofia. Porque nada nos permite afirmar que do confronto de duas ideologias se obtem uma não-ideologia (uma objectividade científica). Sòmente a existência de uma teoria específica que defina a cientificidade de uma ciência permite destrinçar o que é científico do que é ideológico. Até lá, a Sociologia estará sujeita a todas as pressões ideológicas e a sua neutralidade sériamente ameaçada.

Isto mesmo aceita Sedas Nunes quando diz que a neutralidade «como definição do estádio actual de qualquer das ciências sociais é um mito». Reconhecido este ponto, não será optimismo excessivo afirmar que a Sociologia «tem vindo a autonomizar-se como disciplina científica» e que «se foi progressivamente libertando da subordinação às concepções do mundo (positivismo, socialismo, etc.) a que inicialmente apareceu associada?»

Estas são as dúvidas, entre outras, que ocorrem no decurso da leitura deste excelente número de *O Tempo e o Modo* dedicado às ciências humanas. São poucas as oportunidades de reflectir sèriamente sobre estes problemas. Por conseguinte, leitor, devemos aproveitá-las (1).

O adjectivo *marxiano* foi divulgado em França por Rubel com intuitos polémicos, mas o seu pouco êxito parece demonstrar que não é nem necessário nem aceitável.

b) Barahona Fernandes, no seu magnífico trabalho sobre Psicologia, parece reduzir a psicanálise a uma forma, entre outras, de tratamento psicológico. É desconhecer a sua importância fundamental como teoria (e teoria que põe em causa muitos dos conceitos da psicologia tradicional) e como ciência. Falar daqueles que perseveram «no culto de mitologias oedipianas e libidinais ultrapassadas» e pôr em relevo que «em muitos círculos psicanalíticos, se desenha uma forte corrente revisionista, melhor, de crítica conceptual e revalidação dos resultados da investigação sistemática, utilizando métodos mais objectivos e controláveis», é pôr de lado o mais importante da teorização de Freud — aquilo que o torna incontestávelmente um dos mestres do pensamento actual. Em comparação, a pobreza teórica da escola revisionista é confrangedora e o seu reaccionarismo evidente. Parece-me que a psicanálise exigia um tratamento diferente, que tivesse em conta os dois grandes nomes que prosseguiram a empresa freudiana: Mélanie Klein e Jacques Lacan.

EDUARDO PRADO COELHO

(1) Duas observações apenas:

a) Não me parece feliz a expressão «na acepção marxiana do termo» usada por Sedas Nunes.

KARAMCHAND

por JOÃO DA FONSECA AMARAL

O Guru, de olhos tão antigos,
tem seu miudo comércio
numa loja de penumbras.
Sorri,
e as mãos, magros insectos amestrados,
tudo apertam num retrós de perfeição.

Se a um curto gesto,
a um milimétrico acto, impõe sacralidade,
os lábios escravos, esses,
salmodiam o cântico da compra e venda
(Buisa mali! Teka basela! Buisa! Teka!)
— rio múrmuro que sua barca
tem, solarmente, de percorrer.

Escurece. Fecha a porta, Mestre.
Enquista-te aranha no canto mais escuro.
Não te torças,
sicómoro batido do vento.
Não te espreguices,
felino de olhos acendidos.
Mas tu, Mestre, lança essa teia,
saliva irisada de palavras,
agita os braços, distende os músculos,
à espera de bala ou pedra ou eco...

Chega-se a hora de, por teu discorrer,
se escancararem, para alguns de nós,
imprevistos corredores, arcadas e portões.
Karamchand, tornam-se, a partir dai,
todas as coisas tão imponderáveis,
germinando sagradas, abissais,
sob o resfolegar asmático do petromax!

O mundo maya é ilusão,
insistes, petrificado, madrugada adentro,
rasgando-te a boca o cinzel verbal do Lankavatara.
Mas Karamchand, Mestre, desperta,
já te deu o sol no rosto.
Passa a mão e uma púcara de água
por esses olhos tão antigos,
volta aos panos, agulhas e linhas
— tua habitação diurna —
por detrás do sórdido balcão.

Será mesmo de sombras o mundo maya,
ó meu guru iludido,
sombrio baneane de raízes ao vento,
lingam murcho, frio,
já sem amoroso porto a demandar?

LOURENÇO MARQUES

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

ACTIVIDADE EDITORIAL

LIVROS DE AUTORES ESTRANGEIROS

«OS HOMENS DO PLANETA AZUL»
por Eno Theodoro Wanke

Tem lugar assinalado na lírica brasileira contemporânea o poeta Eno Theodoro Wanke, pioneiro da corrente do «troveirismo» que preconiza o regresso ás formas populares tradicionais com a linguagem e a temática modernas. Os «Sonetos de Muito Amar» e as trovas humorísticas de «Dicionário Quadrado» tiveram em anos transactos acolhimento interessado na crítica e no publico do Brasil, que o livro de poemas «Os Homens do Planeta Azul» veio agora confirmar. Nele traduz o autor, em versos calorosos, a admiração pelos cientistas e navegadores da astronáutica, celebrando o encontro da ciência e da poesia na grande aventura do cosmos.

O livro foi publicado pela *Editora Pongetti*, do Rio de Janeiro.

«A LITERATURA ALEMÃ»
por Otto Maria Carpeaux

O excelente crítico do «Correio da Manhã» e do «O Estado de S. Paulo», com obra de larguesa rara no debate literário do nosso tempo, aceitou escrever uma pequena história da literatura alemã para a *Editora Cultrix*, da capital bandeirante. O trabalho, como todos os que saem da pena de Otto Maria Carpeaux, resultou exacto, expressivo e modelar, excedendo em muito a impersonalidade do manual anodino.

Na verdade, como o autor assinala, «o presente livro reflecte o estado actual da ciência e crítica literárias na Alemanha. Nos ultimos anos, o estudo da literatura e «ciências do espírito» alemãs penetrou fundo na América Latina, especialmente no Brasil. Oferece ao estudante brasileiro, ao estudioso brasileiro, um panorama imparcial e uma visão actualizada da literatura de Goethe Holderlin e Rilke, de Kleist e Georg Buechner, de Stifter, Thomas Mann e Kafka, poderá ser um modesto serviço prestado á cultura brasileira». Assim se pronuncia Otto Maria Carpeaux. Mas não é um modesto serviço — é um serviço modelar. E não só á cultura brasileira como á cultura portuguesa, na medida em que a obra seja largamente difundida entre nós, como seria desejável.

«O homem que viveu no Inferno» — um novo livro do dr. Evaristo Franco

O médico e escritor dr. Evaristo Franco acrescentou agora á sua valiosa bibliografia científica e literária um livro aliciante: «O homem que viveu no Inferno». Parece o sugestivo título de um empolgante romance. Na realidade, trata-se da odisseia fabulosa, emocionante, de um homem extraordinário, que se dedicou á nobilíssima missão de dignificar o semelhante e banir as suas dores, em prol da qual sacrificou, altruística e conscientemente, a própria vida. E' a história magnífica, comovente, do famoso Frei José Damião, o missionário belga, em todo o Mundo lembrado como paradigma do abnegado heroismo em prol do irmão longínquo, desconhecido, humilhado, sofredor e desesperado no seu drama pungente.

Há muitos caminhos para servir o semelhante, numa entrega total em ampla fraternização e na nobilitante, envolvente solidariedade humana. Damião escolheu o trilho do missionário, numa empresa evangelizadora, norteada pelo sentido da universal irmanização franciscana, nas supremas renúncias, nos máximos sacrifícios. Com um livro de medicina numa das mãos, a fé nos destinos supremos dos homens, o coração transbordante de ternura e simpatia humana, fez-se médico do físico e das almas.

Abalou do mundo das seduções, atravessou mares, escalou montanhas e foi semear pelas ilhas Hawai o bálsamo das suas palavras, o refrigério para as dores terríveis e os inenarráveis padecimentos dos leprosos. Acabou por se sepultar vivo em Molokai, contraíu o mal horrível e dele ali veio a morrer, aos quarenta e nove anos, resignado, orgulhoso de ter cumprido o seu dever de cristão para com o semelhane infeliz, mortificado, alanceado por dores inenarráveis.

DR. EVARISTO FRANCO

Todo o mundo se associou ás significativas homenagens que a Bélgica prestou ao seu abnegado herói, quando os seus restos mortais foram trasladados para Lovaina, onde o mestre da Faculdade de Medicina, prof. Hubert, celebrou o magnífico exemplo de Frei José Damião interrogando-se: — «Debaixo de que céus e em que época o igualou algum homem?».

Este belo livro do dr. Evaristo Franco é apresentado, em atraente e sóbria edição, pela União Gráfica.

SAUL BELLOW — escritor-filósofo

(Continuação da 1.ª página)

tempo em que se vive e em que se actua, que é precisamente como, em suma, eu a concebo e como ela me parece ser viável em arte, mais particularmente em literatura. Assim aconteceu com Dostoievsky, sobretudo o Dostoievsky de *Os irmãos Karamazov*. Assim aconteceu com Thomas Mann, sobretudo o Thomas Mann de *A montanha mágica*. Assim aconteceu com Sartre, Malraux, Camus, até mesmo com Faulkner. E assim acontece, mais recentemente, com o escritor americano Saul Bellow.

Desde já, atrevo-me a afirmar, esquematizando: Saul Bellow está para a literatura pós-Sartre como Sartre esteve para a literatura pós-Dostoievsky. Ele representa uma síntese estético-filosófica — que só podemos qualificar com a palavra genial — de tudo o que a literatura contemporânea conseguiu abranger no plano das ideias, sem com isso comprometer nunca o impulso vital, descontrolado e contingente, que terá de animar toda a obra de arte. Vejamos.

Herzog (1964), ponto culminante da obra de Saul Bellow, é uma nova *Náusea*. Ao longo das 400 páginas densíssimas deste romance, Bellow — sempre através do monólogo caudaloso da personagem contraditória, erudita, mas toda feita de sangue e vísceras, do intelectual americano, professor e ensaísta filosófico, de origem judaica, Moisés Herzog — aprofunda temas tão decisivos como, para citar apenas aqueles que me parecem contribuir mais para a unidade desta obra: experiência e transcendência; razão e absoluto; Nietzsche, o problema do bem e do mal e o Cristianismo; fé, Deus, sofrimento e civilização; metafísica e história. Mas é importante notar: estas ideias não são expostas olimpicamente ou para provar qualquer tese. Estas ideias *vivem*. Mais: brotam de toda a fragmentação da experiência mais vulgar.

«Experiência»: esta palavra é especialmente significativa em Saul Bellow. Porque Herzog, sendo *um herói do nosso tempo* e pertencendo de facto e de direito a uma elite intelectual com influência no meio social e político, não recusa nenhum risco da acção, por mais vulgar e quotidiana que esta seja. Bem pelo contrário, exalta-a: *O problema da experiência humana vulgar é o problema principal destes séculos modernos, como Montaigne e Pascal, que não concordam noutros pontos, viram ambos claramente. — A força da virtude do homem ou da sua capacidade espiritual medidas pela sua vida quotidiana e vulgar* (1).

No entanto, num livro em que, como neste — e como, aliás, em quase todas as outras obras de Saul Bellow, desde *Dangling Man* (1944) — as tendências de cada indivíduo se compensam entre si e acabam por promover, estòicamente, a unidade espiritual do ser humano, a experiência, mais exactamente, o real-quotidiano não é um fim, mas apenas um meio. Para além de toda a experiência imediata, desencadeada pela emoção e propugnadora de compromissos sociais; para além da própria dilaceração psíquica que ameaça o homem moderno; no limite de uma lucidez em que a loucura dos solitários tem uma função crítica e redentora — está o «incompreensível». Já em *Henderson, o Rei da Chuva* (1954), Bellow procurava o regresso absoluto às origens redentoras e ignotas de toda a vida, o regresso à vida em bruto: indo da América para o interior de África, Henderson *sente que está a entrar no verdadeiro passado, não na História ou na sucata da vida: no passado pré-humano* (2). E Herzog, por seu turno, proclama: *Temos fundamentos para acreditar que uma vida seja algo mais que uma nuvem de partículas, mera factualidade. Analise-se o compreensível, e concluir-se-á que apenas o incompreensível nos esclarece.*

Mas esse regresso às origens misteriosas da vida nada tem de mítico ou de ascético: Henderson volta para a América, enfrentando o ambiente viciado que o rodeia, tal como Herzog só se retira do meio intelectual e social para melhor o definir e se definir através dele, simultâneamente no plano histórico e no plano metafísico. Assim, Bellow afirma, através de Herzog, que *o próprio Nietzsche tinha uma visão cristã da história, vendo sempre o momento presente como uma crise, uma queda da grandeza clássica, uma corrupção ou mal de que deveria salvar-se. Chamo a isto cristão e Herzog comportava-se como um filósofo que se interessava apenas pelas coisas mais elevadas — razão transcendente, como pagar o mal com o bem, e toda a sabedoria dos velhos livros. Pensava e preocupava-se com a fé. (Sem a qual, a vida humana é simplesmente a matéria-bruta da transformação tecnológica, da moda, de comércio, indústria, política, finanças, experimentação, automatismo, etc., etc. Todo o inventário de desgraças que, para nossa satisfação, terminam na morte).* E com base nestes dados, Herzog passa a examinar mais pormenorizadamente o seu caso em especial: o caso de um intelectual americano de origem judaica. No entanto, note-se: para Bellow, o problema da origem judaica de um intelectual americano só pode ser importante na medida em que esse intelectual luta por ser espiritualmente universal e activo. Nada de ciclos viciosos de complexos de raça, de hierarquia social, de tradição histórica ou política. Apenas uma abertura passionalmente religiosa para o mundo. Pois há em Bellow um elemento cristão dominante, um elemento de autoflagelação, de auto-humilhação, mais especialmente evidente em *The Victim* (1947) e *Seize the Day* (1956). Mas em Bellow o sofrimento não é uma maneira de fugir ao acto que se arrisca, não é uma beatitude ou um refúgio ambíguo na consolação da morte. Diz Herzog, a propósito de Kierkegaard: *o meu sofrimento* [...] *tem sido muitas vezes uma forma mais ampla de vida, uma luta pela autêntica vigília e um antídoto contra a ilusão.* [...] *Desejo abrir o meu coração, sem mais me exercitar na dor. E para tal não é necessária uma doutrina ou uma teologia do sofrimento.*

Assim, em Saul Bellow o sofrimento não exclui, pelo contrário, *exige* a comunicação com os outros. Mais: a acção. Mais ainda: a civilização e a função congregadora do intelecto.

É ainda Herzog que proclama: *o apoio e louvor do sofrimento conduz-nos a um caminho errado, e aqueles de entre nós que se mantêm leais à civilização não devem aliar-se-lhe e no fim de contas,* [...] *o intelecto humano é uma das grandes forças do universo. Não pode, sem prejuízo, permanecer desaproveitado.* Portanto, sofrimento nietzchiano, essa *dor que enobrece, a dor que arde lentamente, como madeira verde.*

Literatura mística? Literatura doutrinária? Nada disso, já que o Deus de que fala Saul Bellow é pura e simplesmente — ao contrário dos retóricos e pretensamente poéticos desvarios místicos e confessionais de uma certa literatura americana, como por exemplo a de Salinger — o Deus problemático que se integra na história e no evoluir do pensamento humano, a unidade essencial para além dos símbolos.

Literatura metafísica? Mas como poderá a literatura mais atenta ao homem actual, ao risco de existir, pensar e actuar simultâneamente, como poderá ela esquecer que — para citar ainda as palavras de Bellow através de Herzog — *as nossas revoluções, incluindo o terror nuclear, conferem-nos novamente uma dimensão metafísica?*

Enfim: escrito este breve apontamento de apresentação de Saul Bellow, escritor-filósofo da envergadura de um Thomas Mann ou de um Sartre, fico, talvez mais do que nunca, com uma sensação de incompletude. Porque o que Bellow representa para a literatura actual e para a literatura do futuro é incomensurável, é talvez mesmo — perdoe-se-me a pretensão profética — verdadeiramente incalculável em todas as suas implicações nos anos mais próximos. E se escrevo isto com paixão, confesso-o, é porque sinto a obra de Saul Bellow como uma das mais apaixonantes, porque das mais simultâneamente abertas e unas, de toda a literatura contemporânea e, na literatura americana, depois de Faulkner, sem dúvida a de maior densidade. — F. M.

(1) *Herzog, um herói do nosso tempo* — Tradução de Luísa Ducla Soares — Editorial Estúdios Cor, 1966.

(2) *Henderson, o Rei da Chuva* — Edição Livros do Brasil.

ESCAPARATE

de 13 a 20 de Março
Autores portugueses

Título — «Jardins de Guerra».
Autor — Casimiro de Brito.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Novos Poetas. 14.
Número de páginas — 94.
Preço — 30$00.

Título — «Os Mais Belos Contos de Amor da Literatura de Língua Portuguesa» — 1.ª Série.
Autor — Selecção de Maria Judite de Carvalho e prefácio de Urbano Tavares Rodrigues.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Antologias Universais.
Número de páginas — 526.
Preço — 55$00.

Título — «O Concerto Fatal» (Teatro).
Autor — Luiz Beira.
Editora — Edição do Autor — Lisboa.
Número de páginas — 45.
Preço — 15$00.

Autores estrangeiros

Título — «Forca na Areia».
Autor — Morris L. West.
Tradutor — Jorge Sampaio.
Editora — Livraria Clássica Editora — Lisboa.
Colecção — «Orbe» n.º 37.
Número de páginas — 339.
Preço — 50$00.

Título — Shakespeare por ele próprio».
Autor — Jean Paris.
Tradutor — Gervásio Alvaro.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Escritores de Sempre 3.
Número de páginas — 189.
Preço — 35$00.

Título — «O Cardeal» (Edição especial).
Autor — Henry Morton Robinson.
Tradutor — Ana Rita Vieira.
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa.
Colecção — Autores Universais.
Número de páginas — 739.
Preço — 120$00.

CAMINHOS DE FERRO

Carruagens directas de Vila Real de Santo António a Hendaia, às 4.as feiras para transporte de emigrantes

A fim de proceder ao transporte de trabalhadores algarvios que se destinam a França e além a C. P. estabeleceu um serviço semanal, às 4.as feiras, assegurado por duas carruagens directas sem transbordo, de Vila Real de Santo António a Hendaia.

SAUL BELLOW
HERZOG
um homem do nosso tempo

PRÉMIO INTERNACIONAL DE LITERATURA DE 1965

ESTÚDIOS COR

ANOTAÇÕES

O cinema matou o romance?

por MÁRIO DIONÍSIO

Desde os tempos em que Anatole definia os cinemas como «antros escuros, de que se sai com vergonha de ser homem», muita coisa se passou na evolução da arte das imagens e nas relações hoje evidentes entre o romance e o cinema.

Não só este atingiu a sua maturidade, como aquele revela cada vez mais profundas alterações no estilo de narração e mesmo da construção, dificilmente compreensíveis sem a influência, mais ou menos directa, do primeiro. Também aqui os géneros se interpenetram ou, pelo menos, visivelmente se aproximam. E surpreende encontrar, num inquérito há pouco realizado por uma revista da especialidade, respostas de alguns escritores que, por menos que se queira, terão de fazer pensar numa espécie de despeito em nome de um género que supõem posto em perigo pelo crescente prestígio do cinema junto do público e já não só do grande público. Creio eu que sem razão.

«Excepto Dos Passos, não vejo até aqui nenhuma influência directa do cinema no romance contemporâneo», escreve Alfred Andersh. «Escrevo palavras e não tenho nenhum desejo de que estas me sejam ditadas por filmes», diz Erskine Caldwell, enquanto aventa este juízo pelo menos discutível: «o flash-back é uma maneira vulgar e pouco convincente de fazer o que o romancista faz na sua obra». Para Lawrence Durrell, «o filme tornou-se o inimigo da palavra, uma facilidade visual inteiramente fundada nos efeitos de choque, em emoções baratas». E Pierre Jean Jouve resolve o problema todo deste modo: «Não frequento o cinema e não tenho por isso nenhuma opinião sobre os programas e os problemas que enumera...».

Ao contrário, porém, do que tais opiniões poderão fazer crer, suponho que há um estudo importante a realizar sobre a técnica do romance, nos seus vários aspectos, antes e depois de o cinema se ter tornado adulto.

É possível que, como Maurice Druon sustentou há uma duzia de anos, a narrativa cinematográfica tenha começado por aproveitar a experiência de certos romancistas. E, assim, Tolstoi, na «Guerra e Paz», com a sua fragmentação da intriga em pequenos capítulos, em representação directa, teria sido «o primeiro e o mais perfeito exemplo dessa maneira de composição, dessa técnica do «découpage» que foi retomada pelo cinema e que é a própria base da construção narrativa cinematográfica». Talvez, como pretende Jean Pierre Faye, sem o romance, o cinema não tivesse sabido nunca de que terra era... Mas, neste momento, talvez as coisas se estejam a passar de algum modo ao contrário.

Para citar casos extremos, não creio que «Les Gommes» tivesse sido possível sem o que inequivocamente trouxe à nossa visão — no tipo de análise e na economia de meios — a camara cinematográfica. Nem obras-primas como «Moderato Cantabile» ou, sobretudo, «L'après-midi de Monsieur Andesmas». Os seus autores, aliás, aproximaram-se tanto do cinema que vieram a escrever directamente para ele, sem nada perderem da sua qualidade de escritores: Marguerite Duras em «Hiroshima mon amour» e Robbe-Grillet em «L'année dernière à Marienbad». Ou tornaram-se realizadores, como o memo Grillet em «L'Immortelle» e, agora, em «Trains-Europ-Express». John dos Passos admite que as ideias de montagem de Griffith tenham influenciado o estilo de «Manhattan Transfer» e as suas conversações com Eisenstein as novelas de «U. S. A.» André Pieyre de Mandiargues reconhece: «A influência da narração cinematográfica sobre a narração escrita é evidente, e no meu próprio caso sei que sou grandemente devedor aos cineastas que me ensinaram a usar como eles a «memória dos olhos». E Claude Simon: «...para mim, como para todos, o cinema enriqueceu a visão que temos das coisas (angulos de distancias das «tomadas de vistas», panorâmicas, planos fixos, «travellings», grandes planos). E naturalmente esta nova maneira de ver encontra-se no que escrevo».

Mas nada disto significa que a sedução que o cinema exerce nos escritores implique um envelhecimento do romance, cujo lugar estaria em vias de ocupar. A verdade é que, quanto mais os vários géneros de expressão se estão interpenetrando, mais eles vão encontrando os limites precisos das respectivas linguagens.

E é por isso que, se não me parece justo opinar, como Italo Calvino que, entre o cinema e o romance, «nada há a ensinar ou a aprender», nem muito fácil a nenhum escritor actual, afirmar, como ele faz, «qualquer relação com o seu trabalho literário», outro tanto não direi desta sua outra afirmação que se tem de considerar fundamental: «O que o cinema tem absolutamente cinematográfico é incomparável com os processos literários».

Na verdade, se um romancista actual dificilmente poderá ignorar o que o cinema descobriu, mesmo sem o querer, talvez nunca os campos do cinema e o do romance se tenham extremado tanto. Como tentaremos ver.

CARMEN BRAVO-VILLASANTE

A «História e Antologia da Literatura Infantil Ibero-Americana»

Em dois volumes de seiscentas páginas, profusamente ilustrados, foi há pouco publicada em Madrid a «História e Antologia da Literatura Infantil Ibero-Americana», redigida e coligida por Carmen Bravo-Villasante, que já tem no seu activo de escritora, além de vários estudos biográficos, a «Antologia da Literatura Infantil Espanhola» e a «Antologia da Literatura Infantil de Língua Espanhola».

A obra actualmente publicada é, portanto, a continuação e o complemento daquelas duas primeiras antologias e constitui um estudo amplo de quanto se tem escrito para a criança nos dois países ibéricos e nos países continuadores das suas duas culturas.

Carmen Bravo-Villasante, com formatura universitária em Filologia Românica, plena de curiosidade, viajante infatigável — conhece toda a Europa e América — aprofunda nestes seus estudos de literatura infantil as raízes folclóricas dos dois países ibéricos e dos ibero-americanos, para nos dar com grande sentido humanista o desabrochar de todo o maravilhoso da tradição popular para daí chegar até aos modernos escritores para a infância.

São vinte os países abrangidos nesta sua magnífica obra, conjunto dos dois de língua portuguesa e dos restantes de língua espanhola, sem contar com a Espanha, que foi tratada isoladamente na sua «Antologia da Literatura Infantil Espanhola». Importa nomear aqueles países: *Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, São Domingos, São Salvador, Uruguai, Venezuela, Brasil, Portugal* e *Filipinas*.

Carmen Bravo-Villasante estrutura o estudo da literatura infantil de cada país, dividindo-o em duas partes: um estudo histórico e literário que põe o leitor em contacto com os escritores que recolheram lendas e tradições populares e assinala a trajectória da inventiva popular e anónima na eclosão da literatura infantil; e o estudo dos vários autores modernos — seguindo a antologia e uma resenha bibliográfica.

Diz a autora, no prefácio da obra, que desejou ocupar-se também de Portugal e do Brasil «por razões sentimentais de irmandade de idioma». Realmente estes dois países foram tratados com particular carinho.

No que diz respeito ao Brasil é impossível aprofundar as raízes de sua literatura, mesmo a infantil, sem cair imediatamente no folclore e no romanceiro português. Vemos assim mencionada na antologia brasileira para a infância, a «Xácara da nau Catrineta» e, em outros passos do estudo, referências aos «Contos da Carochinha» e danças de roda como a «Condessa de Aragão».

Mas Carmen Bravo-Villasante é meticulosa no seu estudo, pois não deixa de afirmar que «os portugueses ao chegarem ao Brasil transportaram os romances e as canções para a terra nova, nas suas naves levavam o todo da pátria portuguesa...», como mais adiante transcreve frases de Câmara Cascudo como a seguinte: «Todos os romances populares do Brasil vieram de Portugal».

No estudo da literatura infantil portuguesa, Carmen Bravo-Villasante começa por dizer que «uma literatura tão rica como a portuguesa oferece em muitos aspectos semelhança com o desenvolvimento das literaturas europeias no que se refere á literatura infantil». E, como resumo desta sua primeira parte em que aprofunda a história da nossa literatura, dá-nos os seguintes pontos como tópicos: «Leitura para as crianças nos tempos idos — Os clássicos portugueses — Gil Vicente — Bernardim Ribeiro — Camões — A Literatura de Cordel: «História da donzela Teodora» e a «História verdadeira da Princesa Magalona» — Almeida Garrett e o «Romanceiro» — O folclore português — Teófilo Braga e a sua Obra».

(Continua na 6.ª página)

CARTA PARA HENRY
—A propósito de «O Sorriso aos P

1948. Então, era fácil o desespero. Bastava olhar um pouco para trás, para os anos da Guerra, para que todo o sorriso se desvanecesse, e o futuro tivesse a mesma face absurda e hostil que o passado. O cepticismo, a descrença eram sem esforço. Bastava baixar os braços, deixar as sombras bloquear os horizontes. Mas a sabedoria, o encontro do homem consigo mesmo? A possibilidade de se crer anjo, o rosto resplandecente da inocência e da pureza, depois de todas as devastações da Besta, depois do Apocalipse consumado?

Meu velho, em Big Sur, no princípio desse ano, tu sabias que ao fundo de uma escada de corda, na pista do «círculo íntimo» onde cumprimos todos os dias um ritual de «iniciação e de martírio», se pode simular o êxtase, entrar mesmo numa fusão com o Criador, correr o risco de ultrapassar as barreiras que nos definem. A serenidade, a riqueza interior do homem, o que se mantém incorruptível no meio de todas as catástrofes — eis o que ensinavas. Cumprias finalmente um teu desejo de infância — eras agora o palhaço que tinhas querido ser. E assim te expunhas ao escândalo, à incompreensão. Mas quê? É este o Henry Miller dos *Trópicos*, o libertador das forças demoníacas? O que destrói tudo o que significa *civilização?* (Esquecem-se de que a civilização destruíra tudo o que significa homem, autenticidade). Henry Miller, propondo a pureza, a inocência, falando de humildade? Como é fácil ao mundo esquecer-se de que só se atinge a manhã, só se é beijado pelo seu esplendor, depois de ter feito, e assumido, a viagem ao fim da noite, de ter percorrido os abismos de onde não se volta sem um sinal de maldição nos olhos! Não era, afinal, uma exigência de pureza que te fazia brandir o azorrague sobre os mitos maiores e menores de uma América que se recusava a ser a tua pátria, e era tudo menos uma América à sua semelhança? De resto, vá lá a gente meter na cabeça das pessoas aquilo que um dia o teu amigo Lawrence Durrell afirmou — que eras um escritor religioso! Bem sabes que é difícil, para não dizer impossível.

Claro que pronuncio um horrível e imperdoável lugar comum, ao dizer que Augusto, o palhaço, é um dos teus retratos. Um dos mais autênticos que tens para mostrar durante a peregrinação. Quem tiver olhos, que veja! E as cataratas do hábito, das frases feitas, dos «slogans» publicitários, dos que te sabem mais lucrativ

Teatro clássico japonês e teatro do Ocidente

O artigo que publicámos, no último suplemento «Vida Literária e Artística» com o título «Teatro clássico japonês e teatro do Ocidente» — o drama europeu e a liturgia (os mistérios e as moralidades), assinado com as iniciais A. M. J. é da autoria do nosso colaborador António Martins Janeiro.

acaba de aparecer a 3.ª edição

PORTUGAL
O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO
(ESBOÇO DE RELAÇÕES GEOGRAFICAS)
pelo **Prof Orlando Ribeiro**

As imagens evocadas pertencem a um mundo lentamente afeiçoado pela civilização num quadro terrestre original. Esse mundo que a força da tradição *sustenta e o embate do* progresso *ameaça.*

1 vol. br. de XVI-175 pp. (11 mapas) Esc. 50$00
Livraria SÁ DA COSTA Editora

A ESSÊNCIA DA MATÉRIA E O SENTIDO DA VIDA
ENSAIO FILOSÓFICO DE FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA
POR
F. PINHO DE ALMEIDA
ATLÂNTIDA EDITORA
COIMBRA 30$00

ENRY MILLER

riso aos Pés da Escada»

de corda, na
ltimo» onde
as um ritual
martírio», se
tase, entrar
m o Criador,
trapassar as
finem. A se-
interior do
ntém incor-
das as cat-
navas. Cu-
eu desejo de
a o palhaço
er. E assim
alo, à incom-
este o Henry
o libertador
? O que de-
fica *civiliza-*
que a civili-
que signifi-
ade). Henry
reza, a in-
humildade?
do esquecer-
te a manhã,
u esplendor,
assumido, a
oite, de ter
de onde não
l de maldi-
, afinal, uma
que te fazia
obre os mi-
es de uma
ava a ser a
menos uma
lhança? De
neter na ca-
ilo que um
ence Durrell
um escritor
que é difícil,
vel.

o um horri-
gar comum,
, o palhaço,
os. Um dos
tens para
eregrinação.
veja! E as
das frases
ublicitários,
is lucrativo

quando te apregoam o profeta do obsceno? Augusto és — o Poeta em busca de si próprio, desviando véus, aparências, até chegares à revelação explosiva da tua identidade, da tua fragilidade de ser humano sempre prestes a cair vítima da ilusão. Palhaço que julgou ser capaz de comunicar aos outros, esquecendo a opacidade a que estão amarrados, a experiência da ascensão, da libertação do espírito. Quando o espírito só se liberta na humildade; quando a felicidade só se alcança no despojamento de nós próprios, na entrega absoluta e sem subterfúgios aos outros. Augusto, quando te sentiste um homem, pela primeira vez? Quando? Um homem diferente de todos os outros e que, no entanto, os ou-

(Continua na 7.ª página)

O centenário de David Lopes

Para comemorar o centenário do nascimento do maior arabista português, o Círculo David Lopes e a Sociedade de Língua Portuguesa vão promover um ciclo de conferências na sede da segunda destas agremiações, na Rua de S. José, 41, 1.º, Dt.º

A primeira far-se-á no dia exacto do centenário, 7 de Abril, pelas 21 e 30, e será orador o prof. dr. Luís de Pina, da Faculdade de Medicina do Porto, que dissertará sobre o tema: *A Medicina Arábica e a sua Influência em Portugal.*

Em datas que serão oportunamente anunciadas usarão da palavra alguns dos mais brilhantes nomes dos meios científicos, como Hernâni Cidade, Henrique Martins de Carvalho, J. A. Correia de Campos, Octávio Lixa Filgueiras, José Pedro Machado, Cyrus Smith, Francisco José Veloso, D. Margarida Ribeiro, Selemane Valy Mamede, etc.

CAMPESINO

por Luís Molina Santaolalla

Es tierra su tierra, en el terrón desnudo
que fecundou su sudor en surco y trigo,
deshilachado de soles y besanas.

Fué su mano, partera parteando
la entraña reseca de la tierra,
y fué su barro mezcla de vehemencia
al barro inerte de extensión sin límite.

Surco él mismo, por su piel de arcilla,
se hizo milagro y surco rectilíneo
a rasgar de esteva. Y la mancera
sintió su pulso latiéndole en el mando.

Porque él alienta panes, vid y aceite,
en sangrar de sus venas caudalosas,
en la simbiosis, sin final, de su cintura
inclinada en oración hacia la tierra,
inclinada en posesión hacia la tierra,
a horcajadas de la tierra, fecundando
con su ppropio morir le vida toda.

Dureza de sol, cayendo a plomo,
calcina tu estatura, campesino,
mientras pasan las lunas que te faltan
para lograr partos de cosechas.

Mas tú no desmayas, ya por nunca,
y dices, convencido y redentorio:
Comed y bebed, que el campo tiene
ansias de amor para los hombres,
de esos hombres que acaso ya se olvidan
que fué frutal, agrario, primitivo
el primor del sustento, desde siempre.

De esos hombres que ahora, se confunden
y desertan de tí, del codo a codo
que tú aun alientas, campesino,
en el bregar de tu tierra con la tierra.

Arriba barro, corazón del hombre,
por seca que la entraña se aparezca,
la tierra espera de tu riego ardiente:
Sudor de tu frente, coronada
de espigas y de pámpanos, goteando
en plena canícula de Julio,

HERÁLDICA, CIÊNCIA DE TEMAS VIVOS

VOLUME I — A HERÁLDICA EM GERAL E AS SUAS APLICAÇÕES

VOLUME II — A HERÁLDICA DAS ARMAS NACIONAIS EM PORTUGAL

No meio da intensa preocupação actual de sinalizar e de simbolizar, o recurso á Heráldica como Ciência, como Técnica e como Arte, é uma necessidade evidente para que o espírito e a linguagem dos símbolos estejam certas consigo próprias.

É ISTO QUE SE EXPLICA NOS DOIS VOLUMES DESTA OBRA ESCRITA PARA TODOS E PARA OS ESPECIALISTAS POR **F. P. DE ALMEIDA LANGHANS**

EDIÇÃO DA

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

A VENDA NAS MELHORES LIVRARIAS

NA PASCOA OFEREÇA LIVROS PORTUGÁLIA

DE **18** A **31** DE MARÇO ESCOLHA NA SUA LIVRARIA, OU PEÇA-NOS DIRECTAMENTE UM LIVRO DA

SELECÇÃO DE PÁSCOA

E RECEBERÁ **GRATUITAMENTE** UMA OBRA-PRIMA DO ROMANCE INGLÊS: **"O PAVÃO BRANCO"**, DE D. H. LAWRENCE, EM TRADUÇÃO DE CABRAL DO NASCIMENTO E **"AS MULHERES NA VIDA DE BALZAC"** POR ANTÓNIA DE SOUSA

MÚSICA NO CORAÇÃO por MARIA AUGUSTA TRAPP Edição de luxo, encadernada e muito ilustrada	100$00
MY FAIR LADY por BERNARD SHAW Edição de luxo, encadernada e muito ilustrada	100$00
MORRERAM PELA PÁTRIA por MIKAIL CHOLOKOV Prémio Nobel 1965. Edição especial, encadernada e ilustrada	100$00
O BARÃO por BRANQUINHO DA FONSECA Edição especial, ilustrada por Júlio Pomar	70$00
OS INSURRECTOS DA BRETANHA por BALZAC Edição especial, encadernada e ilustrada com uma policromia	120$00
A MULHER DE TRINTA ANOS por BALZAC Edição especial, encadernada e ilustrada com uma policromia	120$00
EUGÉNIA GRANDET por BALZAC Edição especial, encadernada e ilustrada com uma policromia	120$00
A PELE DE CHAGRÉM por BALZAC Edição especial, encadernada e ilustrada com uma policromia	120$00
O SEU FILHO pelo DR. RICHARD KOHN Primeiras Noções de Puericultura do Nascimento aos Três Anos Edição cartonada e muito ilustrada	65$00
CONTOS DE ANDERSEN Edição cartonada e ilustrada a cores	60$00
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS Edição cartonada e ilustrada a cores	50$00
FÁBULAS DE ANIMAIS por ESOPO e LA FONTAINE Edição cartonada e ilustrada a cores	50$00
CHITI-CHITI-BANG-BANG (O CARRO MÁGICO) por IAN FLEMING (o autor de JAMES BOND) Volume para jovens, cartonado e muito ilustrado (Preço Provável)	60$00

RECORTAR E ENVIAR À **PORTUGÁLIA EDITORA - Av. Liberdade, 13 - LISBOA**

DESEJO RECEBER, GRATUITAMENTE, **O PAVÃO BRANCO E AS MULHERES NA VIDA DE BALZAC**, ASSIM COMO O VOLUME _____ DA VOSSA **SELECÇÃO DE PÁSCOA**, QUE ME DEVE SER REMETIDO CONTRA REEMBOLSO.

NOME _____

ENDEREÇO _____

SE JÁ É CLIENTE DO NOSSO SISTEMA DE CRÉDITO PERMANENTE, É SUFICIENTE INDICAR AQUI O SEU NÚMERO Nº _____ E O LIVRO ESCOLHIDO SER-LHE-Á ENVIADO E DEBITADO EM CONTA.

DESVIOS DO PENSAMENTO

(Continuação da 1.ª página)

nem anguloso nem redondo, mas com maiúsculas de altos floreados. Acautele-se para não o tomarem por vaidoso complicado na ostentação exibicionista. — Eu, vaidoso? Um pouco de amor-próprio, talvez; e sem complicações. — Diz muito bem. E acrescentamos haver da sua parte alguma resistência á exteriorização nas frases soltas, parágrafos curtos do pensamento ás fatias, ou a falta de corda para se exprimir. Além de que, a ausência da assinatura no seu ponto escrito, por esquecimento, ou voluntáriamente, atribui-se ao recato dos introvertidos, o receio das responsabilidades e o gosto pelo anonimato.

As assinaturas prestam-se a muitas conclusões de grande relevância para os entendidos, que no seu exame imploram a marca, a sinalefa, o nome do subscritor. Na rubrica ilegível e abreviada descobrem a manhosa «reserva diplomática» Na inversa, uma assinatura completa, legível, é do indivíduo confiante, aberto, de intenções escorreitas e sem subterfúgios ardilosos. O mais curioso, segundo os especialistas, é o ponto final que já não pertence ao texto, mas colocado no termo da assinatura, circunstância de poucos exemplos na maioria dos exercícios escolares. Num desses raros espécimes, ocorreu-nos perguntar ao autor o motivo porque aplicava o pontinho depois da cetra (de *et caetera)*, no remate da assinatura rabiosca, traços do prosónimo «guarda-nome». Não sabia explicar; um automatismo de raiz inconsciente. — Pois saiba que a grafologia vê nesse ponto final excêntrico uma pessoa desconfiada, de pé atrás com os vizinhos, um somítico. — Longe vá o agoiro!, contesta o aulista. Eu fui sempre um mãos rotas com os camaradas. Daqui para o futuro só porei os pontos nos i i, e nunca mais no *edecetera*.

Bem, mudemos o rumo desta homília, para não destruir a matéria-prima de que vivem os grafologistas. O conteúdo intelectual, as ideias na prosódia, a semântica, a sintaxe, é o mais valioso e digno de atenção nos exercícios escritos, onde há de tudo como no mercado, desde o irrepreensível até o menos favorecido nos casos adoráveis pelo imprevisto da ingenuidade e da inexperiência. Um dos avisos previne as cacografias e cacofonias Esta frase, muito habitual: «A pintura que agora...». Gramaticalmente correcta, nada custa evitar o *cagora* impertinente, aliás costumeiro na pena e na voz de excelentes diplomados nas hodiernas belas-letras.

Um tema acerca de Leonardo da Vinci ofereceu-nos vários reparos: «O temperamento suave de Leonardo...». O adjectivo *suave* amolda-se de preferência aos substantivos formais, os que ocupam espaço: Um caminho suave, uma disciplina suave. Aquela expressão é de um artista afectuoso nas vogais abertas e consoantes bojudas, parecendo abraçar o mundo num gesto de infinita bondade. É o amigo de seu amigo na escrita ondulíforme da serpentina em movimento.

Escreveu uma aluna: «Na pintura de Leonardo há o estilo mistério, para não dizer suspense». — Pois é, minha menina! Será melhor não dizer *suspense*. Reservemos esse estrangeirismo para quando formos ao cinema. Está bem? Claro que está. O mistério do mestre florentino não assusta os maiores de dezassete anos. Sonhando em paz na ânsia de perfeição, criou o chamado *sfumato* lombardo. Quer dizer, a brandura na união das cores, a doçura melódica na passagem da luz para a sombra, ou no ritmo harmonioso do claro para o escuro. Outro exercício, onde o autor diz que a *Gioconda* entrou no Louvre como despojo de guerra: — Quem lhe deu essa informação?, perguntamos. — Um jornal, na crónica de — Não diga, não diga! Conhecemos o lapso do cronista imponderado. A Gioconda foi para França na bagagem do próprio Leonardo, que ofereceu o quadro ou vendeu-o ao seu protector Francisco I.

Sabem o que é um lapso? A coisa pertence aos fenómenos da inibição, estímulos suspensos momentâneamente pela presença de outros mais afoitos e arreliadores: e os de obnubilação, ideias que flutuam no pensamento, submergem, tornam a aparecer sem ocasião oportuna de as fixar. Lapsos existem provenientes da dislexia, vocábulos que se desligam do contexto, ou se apresentam interceptados, quando não mutilados por defeito da dislalia, a penosa dificuldade em articular certas palavras com o seu reflexo no papel onde escrevemos. Um dos capítulos mais importantes do freudismo é justamente o dedicado aos lapsos da escrita e da língua; e todos obedecem a uma causa íntima, identificada pelos resíduos dessa causa na estrutura de uma análise pertinente. Literatura estéril, se não for ilustrada com exemplos válidos, inéditos e práticos, que ao fim e ao cabo se resumem no dito corrente: — Em que estava você pensando ao fazer esse dislate? — A distracção, o desvio da inteligência para horizontes adversos dá origem aos erros impremeditados.

Temos aqui dois *lapsus calami*, os da pena colhidos entre alguns que nos foi permitido observar: No mesmo estudo sobre Leonardo, um aluno distinto caprichou em citar os anos do nascimento e da morte, 1452-1519, exactos, sem a mais leve hesitação, e acrescenta que «viveu 76 anos», mais nove do que na realidade aconteceu, 67, ou seja, 1452+67=1519 (oxalá não me gralhem os números). A inversão dos algarismos acontece nas duas vezes mencionadas nesta redacção exemplar; ideia fixa dominando a ambitendência: «Em França, já velho, com 76 anos...». Explicação do lapso bisado: com boa saúde ninguém é velho aos 67 anos, causando relutância aceitar um Leonardo tão moderado nos seus costumes, tão regrado na sua vida física, morto sem atingir os setenta. Daí a troca inconsciente dos números: em vez de 67, o piedoso lapso dos 76, os anos do «já velho» mestre, os mesmos 76 de Tintoreto e na proximidade dos oitenta a que Leonardo tinha direito, como sucedeu a Ticiano e a Miguel Ângelo.

Agora, o seguinte caso num tema escrito sobre o Durer, de outro estudante aplicado: o grafologista que examinasse a sua letra, com os travessões dos tt a fugir desligados para a direita, diria pertenceram a uma pessoa com força de vontade para o trabalho. Mas, no âmbito dos sentimentos, a energia cumpridora, apaixonada, é susceptível de entrar nos exageros da ambição e perder o fio á meada dos conceitos.

O lapso intrigante na temática do Durer é deste jaez: «Um grande pintor na Alemanhã do seu tempo...». *Alemanhã?* Para que serve o til, muito bem desenhado na vogal da última sílaba? Um nosso colega, examinador consciencioso arregala os olhos: — Que disparate ortográfico! Este cabeça no ar merecia três palmatoadas na mão direita. — Não lhe toque! Suspenda a férula e aguarde um momento. O rapaz é diligente, culto, sabe escrever. Porém, estamos em presença de um jovem sacudido pelos encontrões da dúvida. Na sua pintura é um daltónico, sofre imensas dificuldades na associação das cores; e já não é o primeiro caso onde parece haver uma relatividade entre as anomalias da visão cromática e as deficiências mentais do atribulado sistema nervoso.

— Está bem. E o lapso? — A origem do lapso é fácil de encontrar para quem os atura: No dia do exercício, quinze minutos antes de se extrair o ponto á sorte, igual para todos, entre meia dúzia anunciados com a devida antecedência, o aluno manifestou-nos um problema angustioso. Não sabia o que mais lhe convinha para realizar a prova. Ou cumprir o acto nesse dia, ou no imediato, na turma de «amanhã». Ora, o tema sorteado naquele momento não podia ser o mesmo do dia seguinte, e era preciso decidir-se. Qual seria melhor? O ponto de hoje ou o da manhã próxima? — E se depois me arrependo, adiando o meu exame? — Demos-lhe o nosso conselho. Que não se afligisse, que se lembrasse do antigo rifão: Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje Sente-se, pegue na folha e escreva. Vai ser muito feliz no seu exame. Sossegou, aceitando o hoje, mas ruminando-lhe no espírito a probabilidade favorável do amanhã, que saltou incontinente para o *Alemanhã*. Duas imagens diferentes, sobrepostas no intelecto como a dupla impressão num cliché fotográfico.

VARELA ALDEMIRA

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

COPEAU E O EXPRESSIONISMO

(Continuação da 1.ª página)

actores ou espectadores a quem aflige a necessidade de restituir ao espectáculo cénico a sua beleza perdida».

Noutro lugar Copeau focou as relações entre o teatro e a sociedade: «Só haverá teatro novo no dia em que o homem da sala puder murmurar as palavras do homem da cena ao mesmo tempo e animado do mesmo espírito», e «não são possíveis verdadeiras transformações no teatro senão em função de uma transformação social».

Com Copeau consolida-se «a posição do encenador como vértice indiscutível da pirâmide estética do teatro moderno, agindo em termos de Arte contra o mercantilismo e a ignorância, a pusilanimidade e o vedetismo». O dramaturgo passa agora a escrever directamente para o teatro, estando consciente dos problemas estéticos e das características deste, e colaborando, em certa medida, com a tarefa do encenador. E é através de Copeau que se chega a outro ponto fundamental do teatro moderno, «que é o de afirmar que o encenador se encontra perante um «modelo» que tem de interpretar e transmitir ao espectador». Esta noção de tornar acessível e educativa a arte dramática, virá a ter muito interesse no futuro.

Outro movimento decisivo para a libertação do passado teatral burguês, foi o futurismo italiano. A ele se deve a exploração dramática do absurdo, o uso de diálogos desencontrados e telegráficos, as inovações audaciosas, tanto literárias como estéticas, e, sobretudo, a destruição de todos os constrangimentos formais e ideológicos. Nas conclusões do «Manifesto Futurista» (1915) Marinetti afirmou, entre outras coisas:

«1) Abolir totalmente a técnica sob a qual asfixia e morre o teatro passadista.

2) Pôr em cena todas as descobertas (ainda que inverosímeis, bizarras e antiteatrais) que o nosso génio vai fazendo no subconsciente, nas forças mal definidas, na abstracção pura, no cerebralismo puro, na fantasia pura e na Fisicofilia.

3) Sinfonizar a sensibilidade do público, explorando e despertando, por todos os meios, as suas tendências mais preguiçosas: eliminar o preconceito da ribalta, lançando redes de sensações entre o palco e o público, a fim de que a acção cénica invada a platea e os espectadores; (...)».

Antecipando-se a todo este movimento, em 1913, Maiakovsky lançara as bases do futurismo russo, que, com o advento da Revolução, se tornaria mais enraizado socialmente. As características que apontámos para o futurismo italiano, têm, com Maiakovsky, uma nítida intenção de desmistificação e de destruição dos restos de uma mentalidade retrógrada.

Mas foi da grande crise gerada na primeira guerra mundial e no caos político que se lhe seguiu, acompanhando toda esta crise, e tendo mesmo parte activa nela, que o expressionismo tomou forma. Movimento que não surge desligado de tradição anterior, mas que é antes o seu resultado, dentro do panomara político que referimos. Com efeito, como diz Otto Mann, «as tentativas falhadas de superar a estreiteza e mediocridade do naturalismo, tinham conduzido a uma crise ainda mais profunda».

Como precursores mais directos do expressionismo no teatro, consideram-se, de um modo geral, três dramaturgos: Büchner, Strindberg e Wedekind.

De Büchner, dramaturgo do início do século XIX, vinha a utilização de cenas curtas como que cortadas a meio e sem sequência, a não divisão da peça em actos, toda uma tonalidade e linguagem altamente emocionais, e a centralização do mundo á volta da visão subjectiva de um personagem fundamental (Dantou, Woyzeck, etc.).

De Strindberg herdara-se a desarticulação e fragmentação do drama em estádios da evolução espiritual da figura central, a identificação desta com o próprio autor, a tipificação dos personagens que passam a representar categorias humanas e a ter nomes genéricos, e toda a riqueza das novas possibilidades de expressão que ele libertara ao conhecer uma realidade mais profunda que não a meramente naturalista.

Wedekind é o precursor mais próximo do expressionismo alemão e, portanto, só agora o referimos. A luta contra todos os valores sócio-culturais estabelecidos e a libertação humana através da realização sexual, são os princípios sobre que assenta a sua revolta.

Reagindo contra o naturalismo triunfante, nas peças de Wedekind despreza-se uma lógica apenas exterior, para se exprimir a angústia íntima dos personagens através de uma linguagem incoerente e fragmentária.

A influência de Freud é nítida nesta concepção do homem como ser total, feito de corpo e espírito, mas com profundas raízes sexuais e sujeito a fenómenos inconscientes ou subconscientes.

À necessidade de chocar uma determinada mentalidade, Wedekind alia uma intenção moralista, pedagógica, e a crença da salvação do homem aqui na terra. Para transmitir esta mensagem ele não se importa de distorcer e deformar a realidade.

Fundamentalmente pode-se considerar o expressionismo como uma revolta puramente espiritual, reagindo a todo o condicionalismo materialista que o naturalismo acentuara, e concebendo o homem (o homem sobretudo espírito) como centro motor do universo.

Para exprimir o seu conteúdo sentimental e ênfase emocional, a linguagem expressionista toma um carácter «sui generis»: «A gramática e a sintaxe foram violentamente abaladas, os artigos eliminados, omitiram-se palavras nas frases, criaram-se novos vocábulos. Em casos extremos, o diálogo foi reduzido a meras exclamações, o grito de êxtase foi a ultima marca do drama expressionista».

Politicamente activos, quase todos os dramaturgos expressionistas alemães estiveram implicados no movimento espartaquista, mas a sua revolta era essencialmente individual e espiritual, sem a consistência necessária para resistir aos primeiros fracassos. Os problemas que mais os atormentavam foram expostos, mas ficaram por resolver: o da luta entre as gerações («Der Bettler», de Sorge; «Der Sohn», de Hasenclever, etc.), o do conflito entre o indivíduo e a colectividade («Masse Mensch», de Toller), o da desadaptação do homem num mundo mecanizado (a trilogia «Gas», de G. Kaiser), o de superar eficazmente a experiência de uma guerra e de uma sociedade errada («Hinkemann» e «Hoppla, wir leben!», de Toller). Acusa-se angustiosamente um mundo e anuncia-se outro que se não sabe como alcançar. O teatro expressionista alemão transmite uma mensagem, fala-nos de um homem novo, mas é uma mensagem idealista, sem projecção no real.

No entanto, na história do teatro, este período foi dos mais ricos e traz, em génese, elementos que têm sido e ainda vão ser explorados. E já foi possível, de todo este tumulto experimental, saírem figuras que atingiram a maturidade artística. Assim, Piscator esteve ligado ao dadaísmo, e Brecht surge-nos com a sua primeira fase expressionista.

Só agora referimos Piscator porque, embora contemporâneo, a sua actividade e teorias de encenação mostram uma certa influência e paralelismo com Brecht, que, aliás, foi seu colaborador.

A Piscator se deve o lançamento da ideia de um teatro épico, teatro que refere narrativamente a realidade. A arte não podia continuar apenas a destruir ou a pôr problemas, ela tinha agora que tomar uma perspectiva histórica sobre a actualidade, relacionar o homem com a sociedade, para se poder avaliar objectivamente as possibilidades de renovação.

«Uma época na qual estão na ordem do dia as relações universais, a revisão de todos os valores humanos, a transformação de todas as relações sociais, não pode considerar o homem senão perante a sociedade e os problemas do seu tempo, quer dizer, como ser político». E mais adiante: «Não devemos exibir em cena impulsos

(Continua na página seguinte)

A «HISTÓRIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA INFANTIL IBERO-AMERICANA»

(Continuação da página central)

Na segunda parte ou seja, o estudo da actualidade literária para a criança, seguido de antologia e de resenha bibliográfica, a autora engloba-o no seguinte resumo: «Uma precursora: Maria Amália Vaz de Carvalho e os «Contos para os nossos Filhos» — Ana de Castro Osório e as «Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa» — A obra múltipla de Fernando Castro Pires de Lima — As biografias de Adolfo Simões Muller — A literatura actual e «Bió» — Os contos e o teatro de Lília da Fonseca». Será de estranhar, no entanto, a ausência de citação de autoras destacadas no género, como Matilde Rosa Araújo e Alice Gomes. Mas a Colecção Carrocel, dirigida literàriamente por Lília da Fonseca e artísticamente por M. Calvet de Magalhães, merece-lhe apreciação extensa e compreensiva.

De Lília da Fonseca, depois de assinalar a «extraordinária vivacidade e imaginação que se inspira na vida real», recorda que é a criadora de um teatro de fantoches a que deu o nome de «Teatro de Branca-Flor»; «Com ou sem teorias, o mais importante, em nosso parecer, é a graça pessoal de Lília da Fonseca que se transmite á sua literatura e á linguagem dos seus bonecos. Uma agilidade extraordinária, peripécias surpreendentes, são o factor principal desta nova literatura que se oferece á criança portuguesa numa colecção ilustrada com desenhos em linóleos, de tal modo que o novo conceito de literatura infantil não deixa de corresponder á novidade artística.

Na mesma Colecção Carrocel, acrescenta Carmen Bravo-Villasante, é digna de menção a obra de outros autores como a de Manuel Ferreira em «Contos Tradicionais», recolhidos do património da tradição oral africana. «O Coelho espertalhão», «Como se ganha uma aposta», «O elefante e o cavalo marinho em apuros com a lebre», «A Serpente da Floresta», são bons exemplos da novelística africana, que tantos pontos de contacto tem com os contos do Brasil».

São os seguintes os autores de que Carmen Bravo-Villasante destaca excertos da sua obra para a secção antológica: Bernardim Ribeiro com «*Saudades (Avalor)*», Almeida Garrett com «*Guimar*», «*As pegas de Sintra*», «*A Nau Catrineta*» e «*A Gaita Maravilhosa*», Teófilo Braga com «*Contos Tradicionais Portugueses*», Maria Amália Vaz de Carvalho com «*A Menina Caridosa*», Fernando Castro Pires de Lima com «*O Segredo da Princesa*» e «*O Pinto Calçudo*» e Lília da Fonseca com o «*O Menino não quero*». Como estudo biográfico de uma das nossas mais representativas escritoras da actualidade, para crianças, Carmen Bravo-Villasante liga muita importância á influência da região que lhe foi berço na determinação da obra de Lília da Fonseca. São dela as seguintes apreciações: «Lília da Fonseca traz-nos do seu país de origem, Angola, a vivacidade e a originalidade de uma região fervilhante de mitos, de vida intensa e de fantasia humana. Porque Lília da Fonseca se inspira na realidade, tão rica de acontecimentos surpreendentes, para a invenção dos seus contos e não necessita para nada de fadas e duendes. A vitalidade de Lília da Fonseca e o seu intenso amor pela poesia dão á sua obra um aspecto alegre e vivo, de graciosa invenção... Criadora de um teatro de fantoches e animadora de muitas obras de teatro infantil, a actividade de Lília da Fonseca é múltipla. Tem escrito muitos contos para crianças na *Colecção Carrocel*, que dirige, e em todos eles há uma intenção realista e didático-humorística, como no caso do menino que não quer nada e que, afinal, é um menino mimalho a quem é preciso corrigir».

Carmen Bravo-Villasante, que é professora de Literatura Infantil Espanhola no Instituto Internacional de Madrid e que em Fevereiro passado deu no Instituto de Cultura Hispânica daquela cidade um curso sobre o Teatro Espanhol Contemporâneo, trouxe-nos alguma coisa de novo com a «História e Antologia da Literatura Infantil Ibero-Americana»: a afirmação de que a literatura infantil tem hoje um peso de importância considerável dentro do panorama geral da literatura de cada país e da literatura no mundo.

RAVAILLAC

Texto de J. VAGENENDE Desenhos de FRISANO

RESUMO — Ravaillac, que considera Henrique de Navarra como seu inimigo pessoal, entrou para o convento dos Feuillants, ordem saída da de Cister. Espera encontrar aí o seu caminho pessoal através de terríveis macerações. É então vítima de visões alucinatórias.

37 — É um doente em estado de grande febrilidade que os frades transportam para a cela. Durante muitos dias, á beira da morte e presa de tremendas alucinações, Ravaillac agita-se no catre. Ervas e poções, segredo da congregação, acalmam o infeliz. O P.e Marie-Madeleine vem explicar-lhe com boas palavras que o seu lugar não é entre os Feuillants: «A austeridade da vida conventual só convém aos espíritos lucidos, aos corpos sãos...» E acrescenta: «Cuida do corpo que Deus te deu, meu filho.» Uma vez mais Ravaillac está só, sem abrigo nem dinheiro. Sente-se fraco e doente. Deseja apenas uma coisa: desembaraçar-se do seu pesado segredo, confiá-lo a alguém.

38 — Entra na primeira igreja e dirige-se ao confessionário. Ajoelha-se com o rosto entre as mãos. «Acuso-me de haver querido matar o rei...», murmura para o sacerdote, invisível por detrás da grelha de madeira. Há um silêncio, e depois do silêncio faz-se ouvir uma voz aterrorizada: «Ide-vos embora depressa! Não posso esquecer essas palavras! Conheço-vos... O Inferno espera os regicidas!» Desencorajado, Ravaillac busca um derradeiro socorro. O P.e D'Aubigny, provincial dos Jesuítas, é muito considerado pela sua sabedoria e espírito aberto. Mas está fora de Paris, de modo que Ravaillac só pode falar com o secretário. Este ouve as confissões tremendas do penitente. Compreende-o, sim, mas por outro lado preferiria não ter sido abordado. Em resultado do que lhe dá um *sou*... «Só Deus pode esclarecer-vos», acrescenta. «Deus está em toda a parte. Ide para vossa casa, comei, descansai — por amor de quem vos criou.» Ravaillac sente-se agora um pouco mais calmo. No dia seguinte ei-lo a caminho de Angoulême, mendigando o sustento diário. Mas o diabo espera-o em Magnac-sur-Touvre...

39 — Em Magnac vai encontrar a mãe envelhecida, com o cabelo todo branco, para mais muito doente. Escarnecida diáriamente pelo marido e pelo filho mais velho, toda a sua esperança reside afinal em François. As duas irmãs, fartas daquela vida de miséria, foram para a cidade e ali vendem agora o corpo em troca de pequenos benefícios sem história. Um ou outro historiador mais imaginoso chegará até a dizer que uma delas foi amante do próprio monarca, e que Ravaillac teria cometido o regicídio para vingar a honra da família. Limitemo-nos a considerar, á falta de mais documentação, que as duas raparigas preferiram a prostituição ao seu inferno quotidiano. A dona da casa que Ravaillac vai agora encontrar já não é a mãe, mas uma galdéria protegida pelo pai. Um tormento adicional para o ex-noviço!

(Continua)

Um artigo de madame Staël

(Continuação da 1.ª página)

a uma realidade profunda o célebre desabafo de Napoleão, no apogeu da glória, na presença de Fontanes: «O que admiro mais na vida é a incapacidade da força para organizar alguma coisa; há só duas potências no mundo, o sabre e o espírito, mas com o tempo o sabre acaba sempre por ser batido pelo espírito». A reclusão de Corina em Coppet não foi o ultimo acto dessa luta desigual que durou quinze anos entre Madame de Staël e Napoleão: dum lado o espírito, do outro a força; dum lado o génio dos salões, do outro o génio da guerra; dum lado a eterna aspiração da liberdade, do outro o transitório momento de despotismo.

Madame de Staël conhecerá ainda, em vida, em Moscovo, Estocolmo, Londres e Paris, momentos de glória, e para além da morte a glória mais nobre que pode ser conquistada, a do espírito e da inteligência; Napoleão expiará em Santa Helena, depois de Moscovo, de Leipzig e de Waterloo, a desvairada ambição que fez dele — um revolucionário elevado a general da Republica, protegido por Robespierre e depois por Barras — o Imperador dos franceses, e dominador de toda a Europa.

Nesta luta de personalidades tão diferentes e de destinos tão opostos que quase podem ser considerados como símbolos, não só na sua época mas em todas as épocas, de duas correntes antagónicas, o ano de 1811 marca o período mais dramático e sombrio da perseguição de Bonaparte á sua grande inimiga.

E no momento mais agudo da crise, quando Schlegel, seu amigo, conselheiro e confidente, era obrigado a sair de Coppet, com o futil pretexto de actividades antifrancesas, «pois entre a *Fedra* de Eurípedes e a de Racine preferia a primeira», madame de Staël, embora doente, e apesar da clausura, arranjava ainda disposição para se dedicar a trabalhos literários, entre os quais figura um estudo sobre Luís de Camões, o que tem para nós certa importancia, e não é destituído de significado.

O artigo destinava-se ao *Dicionário Biográfico* de Michaud e fora-lhe pedido por Sismondi. A admiração de Madame de Staël por Camões vinha de longe. Já em *De la littérature* se referira aos *Lusíadas*, considerando a obra duma rara beleza, em particular o episódio do Adamastor. Anos depois, com D. Pedro de Sousa Holstein, tivera ocasião de conhecer ainda melhor o nosso épico, pois o futuro duque de Palmela, nos meses que passou em Coppet, estava a traduzir para francês o imortal poema de Camões. E, desde então, com Schlegel, que o considerava superior ao *Orlando*, de Ariosto, e com Humboldt, cujas apreciações sobre os *Lusíadas* atraíram para o épico lusitano a atenção dos meios cultos da Alemanha, Madame de Staël não mais deixou de se interessar por Camões, e considerava que as suas poesias líricas, sobretudo, «pertenciam, como as obras de Dante, Petrarca, Ariosto e Tasso, á literatura renovada pelo cristianismo e o espírito cavalheiresco, mais do que á literatura puramente clássica»

Nesse artigo, Madame de Staël dá uma breve notícia dos principais acontecimentos da vida de Camões, com as incorrecções próprias da época, detendo-se a analisar os *Lusíadas*, poema que «celebra a expedição de Vasco da Gama ás Índias, a intrepidez duma navegação que jamais fora tentada». «O génio do poeta — afirma — era inspirado pela história do seu país e pelos costumes do seu século». Adiante declara que ele possuia a arte de «aliar a história portuguesa ao esplendor da poesia e a devoção cristã ás lendas do paganismo». E acrescenta, depois de comparar *Os Lusíadas* á *Jerusalém libertada* de Tasso: «A unidade de interesse deste poema consiste principalmente no sentimento patriótico que o anima de princípio ao fim. A glória nacional dos Portugueses aparece nele sob todas as formas que a imaginação lhe poderia dar».

A morte do poeta inspira-lhe porém algumas reflexões amargas, nas quais não é difícil descortinar a influência das perseguições de que era objecto:

«O herói da literatura portuguesa, o unico cuja glória é ao mesmo tempo nacional e europeia, morreu no hospital em 1579. Quinze anos depois ergueram-lhe um monumento. Este curto intervalo separa o mais cruel abandono das mais brilhantes manifestações de entusiasmo; mas nesses quinze anos a morte tinha-se colocado como mediadora entre a inveja dos contemporaneos e a sua secreta justiça».

Madame de Staël sabia, por experiência própria, que a espécie de admiração que os talentos literários inspiram é um tributo generoso que nada dá em troca áqueles que o dispensam e de que podem prescindir sem qualquer perigo. Ainda recentemente ela se vira abandonada por muitos que povoavam Coppet nos bons tempos, quando ir a Coppet era um prazer, na certeza de lá encontrar não apenas uma mas várias figuras eminentes da Europa. Mas assim que o prazer se tornou um perigo, principiou a debandada. Muitos dos que outrora a aplaudiam, a admiravam e a cortejavam e passavam belas férias no seu castelo, iam agora a Genebra incógnitos, ou faziam grandes desvios nas suas viagens, só para não sentirem a obrigação moral de ir saudar á sua reclusão a inimiga de todo-poderoso Napoleão. Madame de Staël tinha por isso razão em observar, a propósito do destino e da morte do nosso grande épico, que apenas «a parte mais desinteressada da espécie humana rende homenagem á superioridade de que não pode tirar proveito nem apoio, e os homens, tais como são, sentem-se inclinados a desprezar e mesmo a perseguir os escritores e os poetas cujo culto, puramente ideal, não tem nenhuma relação com os interesses materiais deste mundo».

Camões morreu na miséria... Madame de Staël meditava no triste destino desse extraordinário poeta e procurava fortalecer-se com o seu exemplo. Enquanto o seu escravo mendigava nas ruas de Lisboa o sustento de ambos, o poeta compunha ainda belas poesias líricas. «Que admirável génio, dizia, que pode arrancar uma nova inspiração dos próprios sofrimentos que deveriam fazer desaparecer todas as cores da poesia!» Esse estoicismo, esse exemplo sem par, dava novas forças á reclusa de Coppet para enfrentar a adversidade. Camões sofrera muito mais do que ela. Não sofreu apenas perseguições e abandonos, mas também a miséria mais cruel. Comparada com esse martírio, a vida em Coppet, com os poucos amigos que lhe restavam, apesar dos espiões, apesar dos constantes sobressaltos, apesar de tudo, era um verdadeiro Paraíso. E foi sem duvida a pensar no nosso poeta que ela imaginou, em fins desse ano de 1811, arrancar também uma nova inspiração aos próprios sofrimentos, e escrever um poema sobre *Ricardo Coração de Leão*, com o «entusiasmo das Cruzadas como introdução e quatro heróis, Frederico Barba-Roxa, Filipe Augusto, Ricardo e Saladino, e a perspectiva da liberdade inglesa na Magna Carta como conclusão».

J. A. MACHADO

COPEAU E O EXPRESSIONISMO

(Continuação da página anterior)

ideais, éticos, nem morais, sem mostrar que os verdadeiros motores da acção dramática são políticos, económicos e sociais. Quem não queira ou não possa reconhecer isto, não vê a realidade». Assim, Piscator dá ao seu teatro um carácter fortemente polémico, e de total «engagement» político. A sua intenção pedagógica é nítida, intenção essa que ele realça ao encenar seja uma peça de Romain Rolland, de um dramaturgo naturalista russo, ou de um expressionista alemão. O espectador não pode ficar indiferente ou apenas receber passivamente o conteúdo que lhe é comunicado. Ele vai ao teatro para aprender e educar o seu espírito crítico, tomando contacto com uma realidade objectiva e séria. Para tal ele assenta em documentos e dados científicos válidos, recorrendo a projecções, estatísticas, gráficos, legendas, documentários, dísticos que enunciam a acção, canções relacionadas com o texto e que se intercalam na acção, etc.

MARIA JOSÉ RAU

A SEGUIR: «Os fundamentos duma revolução teatral»

CARTA PARA HENRY MILLER

(Continuação da página central)

tros sentiam seu semelhante? Não foi acaso quando, já depois de teres deixado de ser Augusto, o palhaço célebre, e de teres experimentado a vagabundagem, anónimo, simples, cumprias as mais humildes das tarefas, à espera, já não de aplausos, mas de um sorriso, de um sorriso de consideração? Mas a vida não se detém, a própria felicidade não é senão uma das muitas ratoeiras que nos espreitam. Julgavas, então, meu velho, que tudo estava arrumado, resolvido, que a paz era para sempre?

Já tu, Miller, prestidigitador impenitente, guardavas na manga um truque (o criador é precisamente aquele que sabe dispor dos truques à sua ordem) que ia mudar por completo a rota que o pobre palhaço julgava haver traçado em definitivo. Nem a ti próprio concedes ilusões. Sabes bem, aliás, que a ti menos que a qualquer outro as deves permitir. Mandas António, o palhaço que nunca triunfou, aquele cujo nome o público nunca fixou, para a cama, e com que fim? Para sujeitares Augusto a uma provação e ao mesmo tempo o pores perante a realidade — esta só: a de que as paragens, as contemplações da paisagem que circunda a estrada nada resolvem e que sempre teremos de voltar à estrada, à pista onde é forçoso que decidamos da nossa redenção ou da nossa mutilação e inautenticidade. Augusto, embora na pele de António, tem que voltar a enfrentar o público. E ainda aí, ele, a quem apenas interessava enterrar Augusto definitivamente e fazer de António o palhaço célebre que sempre sonhara ser, saberá quanto custa destruir outra ilusão colocada no caminho que iniciou rumo à ascese, ao brilho imperecível da sua face autêntica. A alegria que o possui depois dos aplausos delirantes do público a breve trecho dá lugar à lucidez: Augusto, o *altruísta*, o que nada queria para si, reconhece que a sua alegria teve origem no facto de se ver aplaudido apenas pelo seu talento, pelo seu génio (o público não sabia que ovacionava o famoso Augusto, pensava tributar os seus aplausos a António). E como se essa amarga lucidez lhe não bastasse, Henry, meu velho desmistificador, sujeitas Augusto ao peso insuportável de uma culpa que não teve, e que não pode assumir — a de, indirectamente, ser o causador da morte de António.

Mais uma vez a viagem se interrompe. Tudo se estilhaça. Mais uma vez há necessidade de tudo refazer desde o princípio. Mais uma vez se impõe a saída do Purgatório para onde, a cada passo, a adversidade e a nossa falta de coragem para lhe resistir, nos precipitam.

Sim, porque não a América do Sul? Outro continente, outro lugar onde tudo seja novo e onde não haja imagens do passado. Aí, então, o palhaço real, o único que vale a pena ser! E és um ilusionista tão completo que o desgraçado Augusto, e nós com ele, chegamos a pensar que, finalmente, se encontrou, atingiu a meta da sua peregrinação. Dizes bem, Henry, tu que tens o direito de falar por Augusto e de pôr Augusto a falar por ti: «Um tipo não vai a correr para a América do Sul assim do pé para a mão. C'os diabos!, não sou um albatroz. Chamo-me Augusto, tenho uns pés delicados e um estômago que reclama comida.» E lá se desfaz outra miragem.

Finalmente, e no meio de um crescendo de ambiguidade, a ambiguidade que fatalmente terá de rodear sempre as soluções definitivas, Augusto descobre-se. Augusto é Augusto. «Renascido», dá «alguns passos em frente, para o universo mágico da luz». «Instintivamente — qual uma ave que arrisca voo —» estende «os braços, como para neles acolher tudo o que existe». E é a Morte que o acolhe no seu seio. Mas tu nos advertes, Henry, tu que não queres que sejamos precipitados. Não devemos ver a morte de Augusto «com o fim de tudo, mas como o princípio». Não é fácilmente que se esquecem as palavras que logo a seguir dizes: «Quando Augusto se torna ele próprio, a vida começa — e não só para Augusto: para toda a humanidade». Manifestaste o desejo, bom Miller, de que «a sua morte iluminasse o caminho». Aqui estou a testemunhar, pela minha parte, que de tal experiência é impossível não se sair mais enriquecido.

FERNANDO J. B. MARTINHO

LIVROS & AUTORES

APRECIAÇÕES CRÍTICAS DE MÁRIO SACRAMENTO E EDUARDO PRADO COELHO

«BAIRRO (SEGUNDO LIVRO DO)», crónicas de MANUEL MENDES (Sociedade de Expansão Cultural)

Ser cronista já teve um sentido histórico. Hoje tem o do quotidiano. Quer num quer noutro caso, porém, é o tempo que determina o género — um tempo *real* ou seja incriado no sentido subjectivo da transposição artística, que na primeira acepção é apreendido em corte longitudinal e, na segunda, em corte transversal.

Manuel Mendes é o nosso «mestre» contemporâneo do género. E digo «mestre» no sentido plástico que adiante se verá. Vocação irresistível de jornalista que as circunstancias não deixaram se realizasse plenamente escrever-para-a-gaveta é para ele um *décalage* insuportável entre a vida que tão intensamente ama e a recriação artística a que a sua sensibilidade aponta. A crónica tem sido, assim, para ele, um traço de união entre esses dois mundos o que na sua bibliografia ora envolve a natureza física de *Roteiro Sentimental* e a nautreza social de *Ofícios*, ora abrange a fruição estética de um *Machado de Castro*, de um *Rodin* ou de um *Diogo de Macedo* e a intelecção humanista de um *Luís da Cunha*, de um *Francisco de Holanda*, de um *Antero de Quental* ou de um *Aquilino Ribeiro*.

Ano atrás de ano, passou por ele o bem e o mal, sem que lhe deixassem a ruga de um ressaibo amargo. E, tendo convivido com os maiores homens de sucessivas épocas, ficou sendo o herdeiro espiritual de todo um período histórico. A grande obra de Manuel Mendes — obra que os seus amigos continuam a esperar com fervor — há-de vir a ser, por isso, as suas Memórias, de que já nos deu, aqui e ali, cintilantes esparsos. Os leitores deste suplemento não esqueceram ainda, decerto, a represa página em que se descreveu, há dias, como moço-de-cegos de Raul Brandão. Esse convívio dos seus dezoito anos com a maturidade declinante do autor do *Humus* marcou-o profundamente. Mas marcou-o numa dimensão que, não sendo já a de um decadentismo, era a de uma época de transição que opunha ao irracionalismo anterior um racionalismo que não lograria lançar as raízes colectivas de um renovo em expansão. Ao *espanto* existencial de Brandão sucedia-se o telurismo instintivo e prosódico de Aquilino.

Entre um e outro, Manuel Mendes será o cronista de um quotidiano que ambos procuraram trespassar — para além ou para aquém da morte. E, se de ambos tem o amor dos humildes, o culto da Natureza, a devoção pelo trabalho oficinal (timbre da época), mais veio a aproximar-se do deus-Pan que animou o segundo que da *hantise* metaliterária do primeiro. Alma repartida, ficará contudo um criador de limbos ou de níveis vivenciais que, por seu turno, farão a transição para as gerações consecutivas.

Releio as suas *Lembranças de um Amador de Escultura* e encontro isto: «*O melodrama é a erva ruim desta arte, porque só os sentimentos firmes e as ideias claras resistem a tão dura prova*». Sensibilidade predominantemente plástica, Manuel Mendes fez das suas crónicas o presépio de um barrista das letras. E, de acordo com a citação, um presépio que nada tem do falso trágico que um epígono de Raul Brandão involuntàriamente lhe daria. O sapateiro, o relojoeiro, a cerzideira, o bufarinheiro, o musico, a mestra, o nababo, o boémio, a saloia, o pedinte, o vagabundo, a prostituta, o pescador, o leiteiro, a capelista, a hortaliceira, os velhos, a garotada, são figuras benignas, almas levadas de um «*teatrinho de fantoches*» — como lhe chama na dedicatória de *Alvorada*. Ou o «*fruto trivial*» de um dia-a-dia ronceiro e fruste.

Já de outra vez aqui escrevi uma glosa sobre texto de Roland Barthes, acerca do grau-zero da literatura em Irene Lisboa. Sinto que poderia retomá-la (com a nuance própria) a propósito de Manuel Mendes. E que isso não só significa uma afinidade e um padrão (a que nem todos serão sensíveis), mas um circunstancialismo (que nessa altura apontei) a que estas palavras de Manuel Mendes nos remetem:

«*As obras de uma época parecem-se todas umas com as outras, têm um iniludível ar de família. Que aqueles que crêem em demasia na sua personalidade, pensem nisto*». Um tipo de obra assim só é possível pela tensão de uma escrita antiestilo (e foi esse o caso de Irene Lisboa) ou pela descontracção de uma vivência prosaiforme. Tem sido este ultimo o caminho de Manuel Mendes como cronista. E digo como cronista porque o mesmo já não sucede quando o autor se reporta ás Memórias, á descrição paisagística ou oficinal, ás interpretações ou apreciações estéticas. Surge então um reflexo estilístico do próprio tema, o qual furta o escritor ao terra-a-terra em que se processa o diarismo-de-algibeira que caracteriza o cronista. E de tal modo isso é assim que, ao lê-lo, sinto estranhas ao clima do seu tipo de crónica frases trabalhadas ou maturadas como esta, por exemplo:

«*Encostado ao umbral da sua janela, passei, esquecido, muitas horas da minha infancia, a vê-lo escolher do alguidar a sola remolhada, depois batê-la violentamente contra a pedra que pousava sobre os joelhos, ou a dar cerol no fio, que com um jeito hábil de dedos ele prendia á ponta desfiada da cerda, e em seguida enrolava, fazendo deslisar a palma da mão aberta sobre a coxa gorda, onde a calça luzia de tanto sebo*». Como o leitor estará advertindo, o corte transversal da crónica cedeu o passo, pela interposição da memória e da experiência, ao corte longitudinal. E o grau-zero do efémero que implica e transmite repudia isso, por razão igual á que leva o Alexandre de *Um Tipo* a exprimir-se assim: «*Um dia a morte bateu-me á porta. Tratei-a mal, corri-a a pontapé. Não era justo morrer naquela hora. Quando vier de razão, hei-de recebê-la bem*».

Os gulosos do estilo — e eu sou um deles — preferirão, de certo, o que na escrita de Manuel Mendes resulta em estilo-estilo. Mas quem se debruce atentamente sobre a transparência destas crónicas reconhecerá que não é por acaso que o sensualismo estético de Manuel Mendes se despe, nelas, do que mais caro lhe é. E uma escolha dessas implica estilo, ou seja, mostra-nos o que pode significar *literàriamente* um desejo de montar a realidade em pêlo. Ou como pode ser-nos transmitida «*a simplicidade admirável das mortes ignoradas*».

MÁRIO SACRAMENTO

ODYLIO COSTA, FILHO, **TEMPO DE LISBOA E OUTROS POEMAS**, Col. Círculo de Poesia, Livraria Morais Editora — Lisboa-1966

Odylo Costa, Filho, no exercício das suas funções de adido cultural brasileiro, rápidamente se tornou um nome conhecido entre nós. A sua acção logo se fez notar e desde já merece a gratidão de todos os intelectuais portugueses. Pois Odylo Costa, Filho publicou agora, no Círculo de Poesia da Morais Editora, um livro a que deu o título de *Tempo de Lisboa e outros poemas*. Vamos portanto dedicar-lhe a atenção que, por todos os motivos, lhe é devida.

Tempo de Lisboa: mas não se engane o leitor, porque Lisboa é apenas um pano de fundo para uma *poesia intemporal*. «Tudo é exílio» é a epígrafe que se grava no limiar destes versos. Para Odylo Costa, Filho, o tempo é o *lugar onde o mal acontece*. E' em torno deste mal que acontece — e que se concentra nesse mal que aconteceu: a morte violenta de um filho — que esta poesia se tece. O tempo é, portanto, origem de vício e elemento viciado.

E, no entanto, esse mal que acontece e nos marca, marca-nos para quê? Que se anuncia nele? Talvez o mal seja a visita de um anjo: «todo o anjo é terrível» (Rilke). E nessa visita inscreve-se um destino traçado por mão invisível. Ser visitado é ser assinalado por um Deus que nos espera:

«A visita do anjo é sempre triste;
toda a alegria que nos dá se en-
[cerra
mais triste do que tudo quanto
[existe.
Ser, porém, pelo anjo visitado
— por mais dura que seja a des-
[pedida —
é ser feliz por ser predestinado.»

E, se o tempo é o lugar onde o mal acontece, é por isso mesmo que nele a poesia nasce, envolvendo a dor até a transformar em *sinal:*

«Desse imposto da morte veia
[adentro
lavei os olhos: fiz da vida o cen-
[tro.
Mundo no mundo, luzes na mon-
[tanha.
deixo-te as formas com ternura
[estranha:
acima da alegria e além da dor,
curvas das praias são lições de
[amor.»

Esta poesia é assim a expressão de um processo: «abre-se em rosa a rocha». Processo que aparece metafòricamente como itinerário, caminho, rio ou estrada. Daí um dos temas preferidos de Odylo Costa, Filho: a passagem, porque tudo é distancia: Sentimos nestes versos um avançar tranquilo e vagaroso: «Dai-nos cantigas descendo o rio / como canoas descendo o rio».

Estas passagem é para Odylo Costa, Filho, um gesto de resignação. A sua poesia é toda ela um acto de submissão á necessidade de passar. Daí um tom de aceitação total de tudo o que acontece que contínuamente surge na conclusão deste ou daquele poema: é preciso «a humilde aceitação da sorte». E de tal modo estes versos são versos resignados que a própria questão do mal, sempre tão difícil de conciliar com qualquer crença numa bondade sobrenatural, é inteiramente ultrapassada, porque, para o poeta, «Deus necessita do perdão dos homens».

Tempo de Lisboa dá-nos assim uma poesia de um acentuado pessimismo, e é esse pessimismo que explica os versos estranhos em que o poeta, dirigindo-se á amada, lhe diz que a morte os não pode separar porque *até a própria vida* o não pôde. Noutros poemas, como em «Elegia de Évora», esse pessimismo manifesta-se ainda com maior intensidade:

«Pensando melhor, porém, e re-
cuando nos séculos dos séculos
lembrei-me de que, ao contrário,
a própria matéria mineral, conta-
[minada pelo homem,
fica sujeita à lei da morte.
Ao mudar-se em paredes e cida-
des, as pedras condenam-se a pe-
[recer,
enquanto outras lascas e penhas,
secretas, imutáveis, duram para
[sempre na montanha,
salvas da maldição que pesa sobre
[o ser,
o ser que cria — porém morre.»

Repare-se na expressão: «a maldição que pesa sobre o ser». Essa maldição é o tempo. E, por ser produzido pelo tempo e produtor do tempo onde tudo se produz, o homem *contamina*. Donde: «apenas nos resta crer desesperadamente na ressurreição da carne.»

E que podemos fazer *entretanto?* Já o sabemos: passar. Muito simplesmente, passar. Mas entre a serenidade da pedra e a infelicidade do homem, devemos escolher «*um destino vegetal*». Ao nível metafórico inclusivamente, é esta a solução que atravessa toda a poesia de Odylo Costa, Filho. Lemos na sua «Arte poética»: «Assim, amigo, desejaria eu escrever: / *Como um galho de árvore seca* / entretanto húmido da noite». Ou então: «os livros morreram / são feitos de *árvores mortas*». E, sobretudo, no «Soneto da Pedra na Floresta»:

«Resta a esperança de salvar a
[vida,
acolhendo *um destino vegetal,*
que envolva *a rocha* mas preserve
[os olhos.»

Recordemos o projecto inicial: «abre-se em rosa a rocha». Nele se anunciava já este «destino vegetal», esta transfiguração da dor numa solução de compromisso entre o sono da pedra e o rosto ferido do homem. A solução é esta: «A alegria estava do lado de dentro *da casca das árvores* / e subia na manha.»

Pergunta-se: o que é que existirá nas flores e nas árvores que os torne os elementos privilegiados desta poesia? Creio que a resposta é: a sua vida invisível, esse lento germinar até ao limite da transparência, essa forma *serena* de estar *no tempo*. E daí que Odylo Costa, Filho, atribua um valor idêntico ás coisas, mas apenas ás coisas que foram tocadas pelo homem e que, portanto, se situam nesse espaço intermédio que vai da matéria inerte á turbulência do sangue. Tal como a árvore vive com uma serenidade exemplar e é o nosso modelo de viver, também as coisas resistem contra a morte (como nos ensina o mais belo poema do livro: «A visita das coisas»):

«Sem que o sintamos as mãos
(suave mão invisível dos móveis,
[dos jarros, das flores)
mãos trémulas dos meus livros de
[infância
(que perguntam:
— Será este o menino?),
nos acarinham a testa,
acordam o sangue que dorme
e não nos deixam morrer.
No silêncio do quarto, enquanto
[dormimos,
as coisas lutam com a morte.»

Por esta curta análise, espero que o leitor se possa aperceber da densidade da poesia de Odylo Costa, Filho — poesia que nos aparece inicialmente tão simples e tão nítida. Há nela um tom de resignação que, por vezes, nos afasta. Pela minha parte, prefiro uma poesia de violência, seja ela a de um Almada Negreiros na sua *Cena de Ódio*. Mas reconheço a qualidade indiscutível da maior parte destes poemas. E, se, por vezes, ficamos com a impressão de que a resignação de Odylo Costa, Filho, vai ao ponto de se resignar com as formas de expressão tradicionais (o que se traduz por uma certa monotonia de processos), o certo é que aqui ou ali nos surpreende a invulgar qualidade estética de um verso onde as imagens se integram com uma exactidão fulgurante. Esses momentos provam-nos que, no seu trabalho poético, Odylo Costa, Filho, se não limita a preencher os moldes pré-fabricados, mas sabe aproveitá-los subtilmente com um doseamento quase sempre acertado dos elementos de que dispõe. E daí também o modo inesperado como Odylo Costa, Filho, passa para um tipo de poesia inteiramente diferente como é esse *Romance dos Pretos da Capela Velha*, onde a narrativa nos aparece fragmentada numa série de momentos líricos quase sempre belos, com particular relevo para esse monólogo inicial onde a ambiguidade de um epitódio *que se quer esquecer* («Já não nasci cativo. Não tenho medo não. / Mas dessas coisas não sei, não vi, não falo, não sei. / Nada disso aconteceu. Houve só umas brigas de terra. Por causa de terra. Todo o dia / há brigas por causa de terra ainda hoje. Palmo pra cá, palmo pra lá, tiro e morte.») denuncia o drama de uma situação onde o homem só alcança a sua liberdade quando a p e r d e enterrado na areia:

«É preciso enterrar-se mais ainda
[na areia:
quando os soldados vierem já es-
[taremos enterrados
mas vivos e livres, mas livres e
[vivos.
Se nos quiserem cativar que nos
[matem para enterrar de novo
se nos quiserem tirar a terra que
nos arranquem as mãos de den-
[tro dela.»

EDUARDO PRADO COELHO

Acaba de sair o primeiro volume de

A ARTE EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

A obra que faltava na biblioteca da especialidade

Primeira visão crítica de conjunto da arte e da cultura artística de Oitocentos no nosso País, cobrindo dois períodos marcados entre 1780 e 1835 e entre 1835 e 1880, dominados por princípios estéticos do neo-classicismo e do romantismo

Preço: 250$00

No prelo:

A ARTE EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

Segundo volume (1880 - 1910)

LIVRARIA BERTRAND

Luís Sobral

HISTÓRIAS MALDOSAS

«Trata-se de um estreante que sabe contar. E dialogar, sobretudo. Contos em flash, de influência norte-americana, desguais mas limpos. E um estilo vivo, nítido. Balada Op. 3 é um conto de adolescentes que não envergonharia um escritor feito.»

Mário Sacramento

Pedidos a

Atlântida Editora, S.A.R.L.

COIMBRA

—VAI À ANDALUZIA?

Leve consigo o livro

SEVILHA, NOIVA DE PORTUGAL

BIOGRAFIA HISTÓRICA E ESTÉTICA

É um livro de ANTÓNIO DE CÉRTIMA

PEDIDOS À PARCERIA A. M. PEREIRA, L.DA

Rua Augusta, 52